

**RODRIGO MEDINA ZAGNI**

# **SANGUE QUE NÃO SECA:**

**O Estado Islâmico, a crise de hegemonia  
e as novas estratégias do imperialismo**



**conflitos armados**  
massacres e genocídios

NA ERA CONTEMPORÂNEA  
GRUPO DE PESQUISA

**SANGUE QUE NÃO SECA:  
O ESTADO ISLÂMICO, A CRISE DE  
HEGEMONIA E AS NOVAS  
ESTRATÉGIAS DO IMPERIALISMO**

**GRUPO DE PESQUISA  
CONFLITOS ARMADOS, MASSACRES E GENOCÍDIOS NA ERA  
CONTEMPORÂNEA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**

**SANGUE QUE NÃO SECA:  
O ESTADO ISLÂMICO, A CRISE DE  
HEGEMONIA E AS NOVAS  
ESTRATÉGIAS DO IMPERIALISMO**

**GRUPO DE PESQUISA  
CONFLITOS ARMADOS, MASSACRES E GENOCÍDIOS NA ERA  
CONTEMPORÂNEA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**

**2018**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Zagni, Rodrigo Medina

Sangue que não seca: o Estado Islâmico, a crise de hegemonia e as novas estratégias do imperialismo / Rodrigo Medina Zagni, São Paulo, 2018.

1. Estado Islâmico
2. Guerra Global contra o Terrorismo
3. Hegemonia
4. Imperialismo
5. Caos construtivo.

## Resumo

Este trabalho consiste em um esforço analítico que intenciona compreender o fenômeno da ascensão do Estado Islâmico e do reavivamento da doutrina da “Guerra Global contra o Terrorismo”, levada a cabo pelos Estados Unidos e pela Organização do Tratado do Atlântico Norte, correlacionando-os às estratégias do imperialismo – dentre as quais a estratégia do “caos construtivo” - frente à crise de hegemonia no atual ciclo de acumulação capitalista e de cujos alicerces estruturantes desponta uma pujante economia de guerra.

## Dedicatória

A todo o povo cambojano, laociano, vietnamita, latino-americano, palestino, afegão, paquistanês, iemenita, somaliano, iraquiano, líbio, sírio e tantos outros massacrados pelo imperialismo, cujo sangue demorará muito a secar.

Sobretudo, este trabalho é dedicado às mulheres de *Kobani* e de toda a frente curda!

## **Agradecimentos**

O esforço compreensivo de eventos tão dramáticos quanto os que serão aqui abordados se deve, sobretudo, às pesquisas que vêm sendo elaboradas pelos quadros do grupo de pesquisa “Conflitos armados, massacres e genocídios na era contemporânea” da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); sendo assim, agradeço imensamente pela oportunidade de compartilhar ideias e descobertas com os pesquisadores e auxiliares de pesquisa que com tamanho afinco trabalham no grupo.

Agradeço a toda a comunidade de alunos, servidores técnico-administrativos e colegas professores da UNIFESP, especialmente aqueles do Departamento de Relações Internacionais que tão calorosamente me acolheram, junto de meus temas de pesquisa e projetos, no ano de 2013.

Agradeço por fim aos meus alunos e orientandos, de graduação e pós-graduação, com quem divido o dia a dia do fazer acadêmico e que muito têm me ensinado.

*“Why don't presidents fight the war?  
Why do they always send the poor?”*

System of a Down<sup>1</sup>

*“Chega um momento em que o conflito apodrece. O conflito no Oriente Médio apodrece em sua mistura de guerras civis, de guerras religiosas e de guerra internacionalizada pela intervenção de várias potências”.*

Edgar Morin<sup>2</sup>

*“O ISIS é filho da guerra”.*

Patrick Cockburn<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> MALAKIAN, D.; TANKIAN, S. “B.Y.O.B.” Intérprete: System Of A Down. EUA: Sony Music Entertainment, 2005. 1 CD.

“Por que presidents não lutam nas guerras? Por que eles enviem sempre os pobres?”.

<sup>2</sup> “Tentando compreender”; in: FOTTORINO, Éric (org.). *Quem é o Estado Islâmico?* Compreendendo o novo terrorismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 13.

<sup>3</sup> COCKBURN, Patrick. *A origem do Estado Islâmico: o fracasso da guerra ao terror e a ascensão jihadista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2015, p. 49.



# Sumário

<b>Resumo .....</b>	<b>5</b>
<b>Dedicatória .....</b>	<b>6</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo I: Os termos da incursão .....</b>	<b>11</b>
<b>Onde se amontoam pedras e corpos .....</b>	<b>11</b>
<b>Sobre hegemonias... .....</b>	<b>13</b>
<b>Eficácia social do mito e economia de guerra .....</b>	<b>15</b>
<b>Crise de hegemonia e caos sistêmico .....</b>	<b>17</b>
<b>Os herdeiros do Império Britânico no Oriente Médio .....</b>	<b>18</b>
<b>Comunicação de massa e orientalismo .....</b>	<b>20</b>
<b>Capítulo II: Da elucubração ao mundo das atrocidades reais .....</b>	<b>28</b>
<b>Nem inteligência, nem informação... .....</b>	<b>28</b>
Os clarividentes .....	29
<b>Identidades complexas e dificuldades de qualificação .....</b>	<b>30</b>
Um exercício de genealogia .....	35
Distorções do islamismo .....	43
A <i>umma</i> e o califado .....	46
As origens profundas do <i>jihadismo</i> sunita .....	51
<b>Um exército sem Estado .....</b>	<b>57</b>
Armas e jogos .....	65
Construtores de Estado .....	67
<b>E dos escombros de guerras imperialistas .....</b>	<b>74</b>
Brutais demais para a <i>Al Qaeda</i> .....	83

A serpente entre as pedras .....	90
<b>Capítulo III: A estratégia do caos construtivo ou por que o Estado Islâmico é a mais recente aberração do imperialismo? .....</b>	<b>106</b>
<b>As premissas do caos construtivo .....</b>	<b>106</b>
<b>A arquitetura das mudanças de regime no Oriente Médio .....</b>	<b>107</b>
A Primeira Guerra do Golfo e os embargos homicidas .....	109
Depois de 11 de setembro .....	111
Revoluções coloridas no Oriente Médio .....	115
<b><i>Subprimes, o paredão sírio e os novos cruzados</i> .....</b>	<b>118</b>
Mais uma vez no Iraque .....	121
O conflito histórico entre capitalismo e territorialismo e as bombas que caem .....	123
Os financiadores de atrocidades .....	125
<b>Capítulo IV: Sobre guerras travadas longe demais... .....</b>	<b>135</b>
<b>Quando o espectro se torna real .....</b>	<b>135</b>
Tragédia humanitária e genocídio .....	135
Imperialismo e terrorismo .....	139
<b>Considerações finais .....</b>	<b>143</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>150</b>

# Capítulo I:

## Os termos da incursão

### Onde se amontoam pedras e corpos

Em texto de 2014, o premiado jornalista australiano John Pilger propunha um tétrico exercício interpretativo para o que chamara de “caos construtivo”.<sup>4</sup>

Partes de corpos espalhados pelo campo e pendurados em árvores, um cinturão de carne e sangue contornando crateras produzidas por bombardeios da aviação norte-americana: a guerra em tela era travada contra o Camboja, nos idos de 1969. Dos escombros da destruição humana e material comandada pelo presidente Richard Nixon e por seu conselheiro Henry Kissinger, produzida em nome dos valores ocidentais da democracia e da liberdade a serem entregues na Ásia, tem lugar a sangrenta guerra civil - com o cômputo de 600 mil mortos - da qual emergiu a engenharia social (leia-se, genocídio) do *Khmer Vermelho*, de Pol Pot, entre os anos de 1975 e 1979, período em que teriam sido executadas em torno de 1,7 a 2 milhões de pessoas, o que corresponde a 25% da população cambojana à época.

Não é possível compreender as atrocidades perpetradas por este regime sem que se leve em consideração o período imediatamente anterior, quando o Camboja rural foi castigado, de 1969 a 1973, com o equivalente a cinco bombas de Hiroshima em

---

<sup>4</sup> PILGER, John; “From Pol Pot to ISIS: ‘anything that flies on anything that moves’”; *johnpilger.com*; 8 Out. 2014 (disponível em: <http://johnpilger.com/articles/from-pol-pot-to-isis-anything-that-flies-on-everything-that-moves>).

bombardeios praticamente diários, muitos deles destinados a lugarejos já destruídos e onde se amontoavam pedras e cadáveres.

Ao entrevistar antigos oficiais do *Khmer Vermelho*, na produção do que viria a ser o célebre documentário para a televisão “*Year Zero: The Silent Death of Cambodia*”<sup>5</sup>, de 1979, John Pilger obteve relatos sobre as condições dos sobreviventes dos bombardeios norte-americanos: “*froze up and they would wander around mute for three or four days. Terrified and half-crazy, the people were ready to believe what they were told... That was what made it so easy for the Khmer Rouge to win the people over.*”<sup>6</sup>

Há uma correlação lógica entre aquilo que fora iniciado pela política externa dos Estados Unidos na Ásia e os beneficiários finais da devastação que assolou o Camboja: o *Khmer Vermelho*, organizado na forma de um exército de 200 mil combatentes arrematados exatamente durante os sangrentos ataques aéreos.

Talvez não haja melhor forma de explicitar no que consiste a estratégia do “caos construtivo” e de que forma ela pode nos ajudar a compreender as possíveis correlações entre a destruição produzida a partir de 2003, no Iraque, sob ordens diretas de George Walker Bush (o filho) e Tony Blair - com o cômputo semelhante de 700 mil mortos -, e a ascensão do Estado Islâmico (EI), fato que para o escritor marroquino Tahar Ben Jelloun se expressa nos seguintes termos: “*sem a invasão do Iraque pelo exército norte-americano em março de 2003, o país não teria se tornado esse campo de ruínas, plataforma do terrorismo internacional*”<sup>7</sup>.

Filho da devastação da guerra civil que vem se abatendo sobre a Síria, para o correspondente, veterano de algumas guerras no Oriente Médio, Patrick Cockburn “*foram os Estados Unidos, a Europa e seus aliados regionais na Turquia, Arábia Saudita, Qatar, Kuwait e Emirados Árabes que criaram as condições para a ascensão do ISIS*”<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> “Ano zero: a morte silenciosa do Camboja”.

<sup>6</sup> PILGER, John; “From Pol Pot to ISIS: ‘anything that flies on anything that moves’”; *johnpilger.com*; 8 Out. 2014 (disponível em: <http://johnpilger.com/articles/from-pol-pot-to-isis-anything-that-flies-on-everything-that-moves>).

“Catatônicos eles vagavam mudos por três ou quatro dias. Aterrorizados e meio loucos, as pessoas estavam prontas a acreditar no que lhes fosse dito... Foi isso que tornou tão fácil para os Khmers Vermelhos conquistar as pessoas”.

<sup>7</sup> “O califado selvagem”; in: FOTTORINO, Éric (org.). *Quem é o Estado Islâmico? Compreendendo o novo terrorismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 16.

<sup>8</sup> COCKBURN, Patrick. *A origem do Estado Islâmico: o fracasso da guerra ao terror e a ascensão jihadista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2015, p. 49.

Uma sociedade herdeira de uma das civilizações tradicionais mais importantes da história da humanidade, dotada de colossais patrimônios de cultura material e imaterial, cuja tessitura social compunha em relativa paz sunitas e xiitas que, em outras realidades, se relacionam de maneira hostil e violenta (no Iraque, registram-se inúmeros casos de casamentos mistos), com o sistema educacional laico mais desenvolvido de todo o mundo árabe e, por fim, sem absolutamente nenhum passado com o *jihadismo*, em apenas 8 anos de ocupação tornou-se um mundo absurdamente distinto. De um perigo ficcional, o Ocidente logrou criar, por meio do caos resultante da “Operação Choque e Pavor” e da guerra civil que ela principiou, um inimigo muitíssimo real.

### Sobre hegemonias...

A proposta interpretativa que desenvolveremos para o fenômeno da ascensão do EI, como novíssimo sujeito político nas relações internacionais contemporâneas, prescinde da apresentação de, ao menos, um marco teórico-conceitual, necessário para nos conduzir do conceito de hegemonia cunhado por Antonio Gramsci<sup>9</sup> à teoria dos ciclos hegemônicos do capitalismo histórico, elaborada por Giovanni Arrighi<sup>10</sup>; procedimento necessário para a localização do lugar histórico do fenômeno do “terrorismo global”, pelo EI encarnado, no processo de crise que atravessa a hegemonia norte-americana no moderno sistema-mundial.

Hegemonia, para Gramsci, refere-se à capacidade de um determinado ator, num dado sistema político, de dominar os pares antagônicos por meio da força, emanada comumente a partir das estruturas da política e da econômica; poder este ampliado pela capacidade de liderança intelectual e moral junto a pares alinhados, plasmada no ideário compartilhado pelo grupo a partir das estruturas, principalmente, da cultura. Na medida em que a dominação produz obediência por meio da coerção; a liderança ou direção obtém aquiescência por coesão. Com isso, enquanto o dominador detém um poder instável em razão das possibilidades constantes de aqueles que obedecem por medo se

---

<sup>9</sup> GRAMSCI, Antonio. *O "Risorgimento"*: Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 70.

<sup>10</sup> Cf.: ARRIGHI, Giovanni. *O longo séc. XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996, pp. 27-86.

rebelarem, o líder goza de um tipo estável de poder, uma vez que também domina, baseando-se na díade dominação-liderança.<sup>11</sup>

Por sua vez, a capacidade de liderar os pares subordinados refere-se à habilidade de realização de um viável programa ideológico alinhado à direção cultural de um determinado sistema social, a ser promovido por suas elites intelectuais e assimilado como visão de mundo por distintas forças sociais, tanto dominantes quanto subalternas. Mas, como ideologia produzida pelas classes dominantes<sup>12</sup>, quando convertida em senso comum ou em cultura de massa, produz-se aquilo que Gramsci identificou como a “eficácia social do mito” que, por sua vez, depende de sua propagação como ideologia universal. Tratando-se de interesses que inscrevem um pequeno grupo, difundidos como interesses coletivos, toda ideologia que propague a si mesma como universal seria mais ou menos falsa; não podendo, contudo, ser plenamente falaciosa pois, assim sendo, comprometeria a capacidade de liderança intelectual-moral, reduzindo essas relações a um sistema de dominação pura e, com isso, na instabilidade do poder que deixaria, com isso, de ser hegemônico.<sup>13</sup>

Com base neste conceito de hegemonia, Giovanni Arrighi concebeu o fenômeno, do âmbito da política intraestatal, alvejado por Gramsci, para o ambiente das relações interestatais<sup>14</sup>, tomando como unidade de análise aquilo que Immanuel Wallerstein concebeu como o único sistema social válido: o sistema mundial; precisamente, o sistema social moderno<sup>15</sup>. Mas não sem antes chamar a atenção para os problemas teóricos que decorreriam de tal transposição, dentre os quais sublinhamos a capacidade, de grupos políticos hegemônicos à frente do Estado e que almejam a hegemonia do Estado no sistema internacional, de liderar, vocalizando interesses individuais como coletivos, em razão da heterogeneidade que compõe a comunidade de Estados. Posto noutros termos, como identificar o que seria, para tamanho mosaico, interesses efetivamente comuns?

---

<sup>11</sup> Cf.: INNOCENTINI, Mário. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. São Paulo: Tecnos, 1979, p. 34.

<sup>12</sup> Cf.: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 45 e 46.

<sup>13</sup> Cf.: INNOCENTINI, Mário. *Op. Cit.*, p. 49.

<sup>14</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo séc. XX*. Rio de Janeiro, São Paulo: Contraponto, UNESP, 1996; e ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial*. Rio de Janeiro: Contraponto, UFRJ, 2005.

<sup>15</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. *El moderno sistema mundial: la agricultura capitalista y los orígenes de la economía – mundo europea en el siglo XVI*. México: Siglo Veinteuno, 1979, p. 489.

## Eficácia social do mito e economia de guerra

Durante o ciclo hegemônico norte-americano nas relações internacionais, consolidado na primeira metade do séc. XX, as estratégias de liderança conceberam o uso incisivo da indústria cultural já desde a Segunda Guerra Mundial, como arma de guerra para um *front* ideológico. Estratégias complexas e elaboradas diretamente por escritórios governamentais - no período mencionado é o caso do “Escritório para Assuntos Interamericanos” - passaram a valer-se de veículos de comunicação de massa como a mídia impressa, radiofônica e cinematográfica, para a difusão de mensagens que diziam da existência de inimigos declarados do “mundo livre” - o Eixo - e que os EUA seriam os únicos capazes, em termos tanto materiais quanto morais, de liderar a comunidade de Estados fazendo frente a tamanho poder<sup>16</sup>.

No decurso de meio século de Guerra Fria, já com o advento dos aparelhos televisores e a popularização do cinema, a difusão do *american way of life*, em filmes de ação e nas propagandas mais triviais, punha-se frontalmente contra os perigos do comunismo internacional, advogado pela União Soviética. De igual forma, as estratégias para uma “Guerra Fria da cultura” também foram elaboradas no complexo jogo da política externa dos EUA, desta vez pela *Central Intelligence Agency*, a CIA<sup>17</sup>.

Ou seja, frente à diversidade que constitui o sistema interestatal, que estratégias operadas por meio do *mass media* tendem a validar o discurso de que intervenções militares norte-americanas em países estrangeiros teriam como objetivo a consecução de um bem maior: o interesse coletivo? A “eficácia social do mito” foi e vem sendo mantida pela manutenção também de inimigos comuns; condição alcançada, no pós-Guerra Fria, pelo espectro do “terrorismo global”.

Antes de seguirmos adiante, é preciso considerar ainda outra especificidade da hegemonia norte-americana: ela é garantida, em sua infraestrutura econômica, por um poderosíssimo complexo industrial bélico, responsável pela economia de guerra que teria sido anexada ao modo de produção capitalista durante a Segunda Guerra Mundial, com a montagem desse complexo<sup>18</sup>, e não mais desentranhada da economia política

---

<sup>16</sup> Cf.: ZAGNI, Rodrigo Medina. *Identidades em guerra: imperialismo e cultura nas relações entre Estados Unidos e América Latina durante a Segunda Guerra Mundial* (os casos de Brasil, Argentina e México). Curitiba: CRV, 2015.

<sup>17</sup> Cf.: SAUNDERS, Frances Stonor. *Quem pagou a conta? A CIA na Guerra Fria da cultura*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2008.

<sup>18</sup> MANDEL, Ernest. *O significado da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1989, pp. 9-101.

internacional, o que explicaria demandas constantes por gastos militares de grande monta e cujas pressões incidiriam, por meio de um intenso *lobby*, sobre classes políticas do Congresso e do Poder Executivo norte-americano, uma vez firmemente instalado no Pentágono, responsável pela celebração de contratos milionários com o setor.

É também uma forma de compreender porque desde o término da Segunda Guerra Mundial, quando a indústria bélica, nos EUA, já se constituía como um núcleo difuso de poder político e econômico, o espectro da guerra pairou mais incisivamente sobre as relações internacionais e o *hegemon* manteve-se envolvido em campanhas militares de largo espectro em intervalos que jamais superaram o de uma década<sup>19</sup>. O fenômeno foi intensificado após a Guerra do Vietnã, quando o envolvimento dos EUA em conflitos armados no exterior passou a se dar de forma praticamente ininterrupta e justificada pela necessidade de propagar a democracia, mito que vem sustentando, com maior ou menor eficácia, sua liderança no sistema internacional.

Prefaciando a edição em língua portuguesa da mais recente obra de Patrick Cockburn, sobre o Estado Islâmico, o professor Reginaldo Nasser, provocativamente, indagou, pondo à prova o título do livro em tela e que afirmava o “fracasso da Guerra ao Terror”:

Não é conveniente, para alguns, ter um inimigo permanente que se transmuta em formas cada vez mais assustadoras? Que o diga a indústria bélica, que precisa justificar seu crescimento, as empresas privadas de segurança, que precisam justificar sua expansão, e os ideólogos da ocupação do Oriente Médio, que precisam justificar a presença militar norte-americana na região.<sup>20</sup>

Com isso, a hipótese que sustentaremos é a de que, a não ser que as potências ocidentais venham mesmo agindo para a promoção da paz no Oriente Médio, a “Guerra ao Terror” não malogrou.

---

<sup>19</sup> Primeira Guerra da Indochina (1946-1954); Guerra da Coreia (1950-1953); Guerra Civil do Laos (1953-1975); Crise do Líbano de 1958; Guerra do Vietnã (1959-1973); Segunda Ocupação da República Dominicana (1965-1966); Guerra Civil do Camboja (1967-1975); Conflito Hmong (1975-2007); Guerra cambojana-vietnamita (1977-1991); Força Multinacional no Líbano (1982-1984); Invasão de Granada (1983); Invasão do Panamá (1989-1990); Guerra do Golfo (1990-1991); Guerra Civil da Somália (1992-1995); Operação *Uphold Democracy* (1994-1995); Guerra da Bósnia (1994-1995); Guerra do Kosovo (1998-1999); Guerra do Afeganistão (2001-2014); Guerra do Iraque (2003-2011); Guerra no Noroeste do Paquistão (2004 até o presente); Rebelião da Al-Qaeda no Iémen (2010 até o presente); Intervenção militar na Líbia em 2011; Guerra contra o Estado Islâmico (2014 até o presente).

<sup>20</sup> NASSER, Reginaldo; “Uma serpente entre as pedras”; in: COCKBURN, Patrick. *A origem do Estado Islâmico: o fracasso da guerra ao terror e a ascensão jihadista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2015, p. 24.



## Crise de hegemonia e caos sistêmico

Quanto ao momento do atual ciclo hegemônico, é preciso ainda dizer: trata-se de uma hegemonia em crise. Compreendendo um desenvolvimento cíclico e, mais do que isso, dialético, tais quais os grandes impérios na história as hegemônias estão fadadas a perecer. Desde o séc. XV, com o advento de um enclave capitalista anômalo na Itália setentrional do Renascimento, ou aquilo que podemos dizer o “ponto zero do capitalismo histórico”, os ciclos de acumulação são constituídos pelas mesmas etapas, da ascensão à queda: expansão comercial, expansão financeira, crise e caos sistêmico<sup>21</sup>. Etapas que se desenvolvem num ambiente habitado por forças conflitivas que, na forma estatal, assumem estratégias distintas para a gestão do Estado e da guerra: o “territorialismo”, alusivo aos impérios formais cuja condição de poder é calculada pela adição de uma vasta base territorial aos recursos humanos e materiais nela inscritos, prescindindo da expansão territorial, portanto, para o incremento de sua condição de poder; e o “capitalismo”, que sem necessitar de uma vasta base territorial, almeja o controle sobre o capital circulante, valendo-se, para isso, da posse de bens escassos em natureza e de rotas comerciais de longo curso<sup>22</sup>.

Com isso, os ciclos de acumulação capitalista seriam ambientes de luta perene, entre capitalismo e territorialismo, pela hegemonia mundial; e é no desenvolvimento desta luta que o ocaso de uma hegemonia é o que chamamos de “caos sistêmico”.

O que Arrighi nominou como “caos sistêmico”, dentre as etapas do desenvolvimento capitalista, não se confunde com “anarquia”, que por sua vez significa tão somente a ausência de autoridade, o que para o sistema mundial se expressaria na forma de uma “autoridade internacional”: enquanto na anarquia se origina uma “ordem anárquica”, dado o tensionamento produzido por forças conflitivas que disputam o espectro político e econômico (ocasionando equilíbrio por tensão), no “caos” verifica-se a total ausência de ordem, momento em que todos os elementos que dão forma às relações econômicas e políticas internacionais são destruídos<sup>23</sup>. E ao período de caos segue-se um período de guerra, após o qual se define o ciclo hegemônico posterior<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo séc. XX*. Op. Cit., pp. 27-86.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> Ibid.

<sup>24</sup> Papel histórico desempenhado pela Guerra dos Trinta Anos, entre o ciclo de acumulação genovês e a hegemonia holandesa; das Guerras Napoleônicas, entre a hegemonia holandesa e a britânica; e das duas guerras mundiais, para a consolidação da hegemonia norte-americana. Cf.: Ibid.

Se considerarmos que cada ciclo de acumulação é regido por um ator hegemônico no sistema mundial, o *hegemon* se caracteriza pela capacidade de evitar o desgaste da guerra - em termos de destruição humana e material - assim como propor a reconstrução do sistema sobre novas bases, manuseando tanto os elementos de coerção quanto de coesão. E na luta perene entre capitalismo e territorialismo, o *hegemon* se define como o ator estatal capitalista mais bem desenvolvido de sua época.

Como expressão de “caos sistêmico” é o que teria significado, por exemplo, a crise de 1929, ponto mais baixo do caos que destruiu os fundamentos da economia internacional no entre guerras como o padrão ouro-libra, usual para a conversão monetária de que prescindia o comércio internacional. Também é o que significou a Segunda Guerra Mundial como “momento histórico” para a consolidação da hegemonia dos EUA nas relações internacionais após o seu armistício, poder em ascensão pelo menos desde o final do séc. XIX quando seus índices de produção industrial rivalizavam já com Inglaterra, França e Alemanha, e que logrou reestruturar o sistema mundial sobre novas bases a partir dos acordos de *Bretton Woods* - logo, com o padrão ouro-dólar - e as organizações internacionais do pós-guerra.

## Os herdeiros do Império Britânico no Oriente Médio

No que concerne ao papel desempenhado pelo Oriente Médio no atual ciclo de acumulação, importa dizer que ainda no decurso da Primeira Guerra Mundial - momento de franco declínio da hegemonia britânica -, em 1916, Grã-Bretanha e França firmaram os acordos secretos de *Sykes-Picot* dividindo a zona médio-oriental e estabelecendo fronteiras que, com algumas variações, vigoram até os dias de hoje. Não apenas suas divisas, mas os elementos estruturantes daquele sistema político; os interesses das potências ocidentais foram componentes perturbadores das relações entre países árabes por décadas, determinando a própria conformação do equilíbrio de poder na região entre práticas de incitação de conflitos, intervenções, pressões as mais diversas e resistências.

Com a passagem da hegemonia britânica para a norte-americana no sistema mundial, os EUA despontaram como herdeiros naturais do Império Britânico no Oriente Médio. Tratando-se de modelos distintos de intervenção, a retirada dos bastiões do imperialismo formal (de tipo territorialista) no mundo islâmico seguiu-se à definição da

área, pelo Pentágono, para novas práticas de imperialismo (as do imperialismo econômico, com ainda firmes traços de intervenção territorial).

Em particular, a região do “Levante”<sup>25</sup> foi objeto de reiteradas tentativas de balcanização por meio da instrumentalização de enclaves, em realidades políticas alinhadas com os interesses ocidentais, que agudizaram clivagens religiosas, diferenças políticas, instigaram reivindicações territoriais e tornaram ainda mais hostis questões diplomáticas e disputas econômicas. A desestabilização da região, no limite do caos, permitiria aos EUA, à frente da comunidade que incluía antigas metrópoles europeias, reconfigurar a região, instalando e manejando governos afins e explorando seus recursos; enquanto as consecutivas intervenções militares que desencadeou deram ao *jihadismo* uma expressão exacerbada, uma ampla base popular de apoio e um conteúdo legitimador de luta anticolonial e anti-imperialista.

Encontramo-nos em um momento *sui generis* nos ciclos de acumulação capitalistas e no próprio processo de desenvolvimento do capitalismo histórico: o de intensificada mundialização do capital, de novas práticas de colonialismo e de imperialismo que nos permitem verificar, nos últimos 3 anos, a reconfiguração das dinâmicas de ocidentalização do Oriente, com a reconstrução do espectro do inimigo médio-oriental em seus caracteres mais elementares.

A ameaça terrorista encarnada pela *Al Qaeda*, após os ataques de 11 de setembro de 2001, servira à implementação da “Guerra Global Contra o Terrorismo” (GWOT), doutrina militar que, sob os auspícios dos EUA e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), conduziu operações contraterroristas por todo o mundo, viabilizando a intervenção direta em assuntos domésticos de uma série de Estados soberanos.

Quando este modelo parecia encontrar seus limites, em face da gravíssima crise econômica de 2008, do desgaste político produzido pelo empasse militar em que se encontravam os EUA no Iraque e no Afeganistão, bem como da incapacidade de seguir liderando o sistema de Estados com base em argumentos de superioridade intelectual e moral - sintomas de crise de hegemonia<sup>26</sup> -, depois de 2014 a economia de guerra ali sediada intensificou o processo de recuperação com força e vigor, descortinando uma

---

<sup>25</sup> Trata-se de um termo geográfico bastante impreciso que se refere a uma vasta porção médio-oriental entre o Mar Mediterrâneo (a Oeste), o Deserto da Arábia e a Mesopotâmia (a Leste), compreendendo regiões que inscrevem, hoje, o território do Chipre, Israel, Jordânia, Líbano, Palestina, Síria e, a depender das fontes, podendo ser incluídos também os territórios da Arábia Saudita, Egito, Iraque e Turquia.

<sup>26</sup> Cf.: ARRIGHI, Giovanni. *Op. Cit.*, pp. 27-86.

novíssima fase de intervenções armadas de larga envergadura com o advento de um novo/velho “inimigo comum”: o EI.

Novo porque se trata de uma organização constituída, como milícia *jihadista*, embrionariamente entre 2003 e 2004 (ainda como *Al Qaeda* do Iraque), fruto da guerra e da ocupação militar norte-americana no Iraque, responsáveis por fraturas na própria organização que combateu: a *Al Qaeda*, da qual o EI emergiu, uma década depois, como dissidência. Velho porque operacionaliza os estereótipos já consolidados do “inimigo islâmico”, associado caricaturalmente ao fundamentalismo e, este, ao terrorismo.

Nos EUA, a afirmação de uma política que elege os muçulmanos, bodes expiatórios da guerra ao terrorismo, como encarnação do mal absoluto, junto de imigrantes e refugiados de proveniências diversas e somando-se ao descontentamento do eleitorado médio norte-americano com a classe política de Washington, guindou o islamófobo Donald Trump à presidência, anunciando a continuidade das intervenções imperialistas norte-americanas em países árabes e, internamente, da satanização xenofóbica de árabes-muçulmanos.

Neste quadro, dentre as questões que se impõem, nos debruçaremos sobre aquela que menos vem preocupando os analistas que, costumeiramente, vêm atualizando a opinião pública internacional: em que medida o EI pode ser compreendido, dentre distintos aspectos constitutivos, como resultado de ações coordenadas pelo Ocidente?

## Comunicação de massa e orientalismo

Como responder a esta e outras questões sobre o EI se a percepção, seja a do investigador das distintas áreas das Ciências Humanas e Sociais, seja a do mero interessado, acaba sendo mediada em vários momentos pelos veículos de comunicação de massa que, por sua vez, reproduzem os matizes determinados por menos de uma dezena de agências de notícias que operam, hoje, o fluxo global de informações?

Afirmaram Peter Berger e Thomas Luckmann, a este respeito, que a interpretação da realidade social, quando mediada por fenômenos comunicacionais de massa, convertem-na em uma realidade ficcional distante, por vezes demais, do mundo real. Dado que a realidade é construída socialmente a partir das leituras produzidas, por nossa utensilagem sensorial, do universo fenomenológico, sejam fenômenos da natureza, sejam fenômenos sociais, conhecer a realidade em estado de liberdade

depende então do domínio dos meios de conhecimento, o que implica no domínio sobre a compreensão da própria realidade. Quando o processo de construção do conhecimento é mediado por veículos de comunicação, a elaboração ficcional de uma realidade absoluta, padronizada em termos valorativos e de acordo com os interesses daqueles que controlam a natureza e o fluxo das informações, desloca a própria realidade para o universo da conveniência daqueles que se valem desses instrumentos comunicacionais para vocalizar seus próprios interesses.<sup>27</sup>

O problema é significativamente potencializado quando o fenômeno comunicacional ocorre em sociedades de consumo de massa. Para o sociólogo brasileiro Gabriel Cohn, o fenômeno da comunicação social ou da comunicação coletiva difere da comunicação de massa em razão da conotação ideológica que esta detém. E se o fenômeno da comunicação de massa é eivado de caracteres ideológicos, retomemos, a partir deste ponto, o conceito de ideologia cunhado por Karl Marx e Friedrich Engels no século XIX, no processo de consolidação do mundo industrial:

“As idéias da classe dominante são também as idéias predominantes em cada época, ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é também a força espiritual dominante (...). As idéias predominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais predominantes, são as relações materiais predominantes apresentadas sob a forma de idéias, portanto a expressão de relações que fazem de uma classe a classe dominante. Em outras palavras, são as idéias de seu domínio”<sup>28</sup> [o grifo é nosso]

Propondo uma sociologia da comunicação como análise sociológica das relações entre sistemas simbólicos e sistemas sociais, ou uma ciência de sistemas de símbolos, Cohn debruçou-se sobre a caracterização da comunicação na contemporaneidade, em sociedades complexas e industrializadas onde a dimensão cultural das relações humanas - de onde é oriundo o fenômeno comunicacional - provém da relação entre produção e consumo. Logo, em sociedades complexamente estratificadas, Cohn propõe o estudo das mensagens como manifestações sobretudo do plano ideológico, ou seja, das transferências de visões de mundo das classes dominantes por sobre todo o espectro, marcando as visões de mundo das classes subalternas.<sup>29</sup>

O conceito de “comunicação de massa” pressupõe a existência de grandes coletividades, de composição heterogênea em termos de origem social, geográfica,

---

<sup>27</sup> BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1983, pp. 11-34.

<sup>28</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Op. Cit., p. 45 e 46.

<sup>29</sup> COHN, Gabriel. *Sociologia da comunicação: Teoria e ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1973, pp. 13-16.

étnica e cultural, com valores e posições sociais muitíssimo distintos; mas compreendendo uma dimensão de dominação, cujas raízes são políticas e sobre determinadas por sua vez pelas contradições, na infraestrutura econômica, entre capital e trabalho, refere-se ele a uma parcela majoritária dessa população.

Clivada a sociedade de massa, tipo característico da sociedade industrial, por contradições insuperáveis, contrastando-se das massas desorganizadas (em razão dos subsequentes processos de alienação das próprias contradições a que estão submetidas as classes subalternas), desponta uma minoria organizada e que goza tanto de segurança (política e econômica) quanto de grande poder de influência. Wright Mills as definiu como “elite no poder”, Raymond Aron como “classes dirigentes”, Gramsci como “classes dominantes”, enquanto Cohn as definiu como “elites”. Para Cohn, há uma multiplicidade de elites na sociedade industrial, com poder de manipular as massas, valendo-se de processos ideológicos, tanto na esfera política quanto no gosto estético.<sup>30</sup>

Para Cohn, a cultura de massa, meio da produção e circulação dos valores dominantes, se constitui como dimensão dominante na esfera cultural a partir de um conjunto de bens culturais produzidos em escala industrial e articulados em sistemas próprios. Por sua vez, a cultura de massa é fruto e depende de meios de comunicação de massa e, com isso, de recursos tecnológicos avançados que só estão disponíveis em sociedades complexamente urbanizadas. E como meio de circulação da cultura de massa, a comunicação de massa obedece ao binômio característico das sociedades industriais: produção, que equivale à emissão de mensagens; e consumo, que equivale a sua recepção<sup>31</sup>. Produção e consumo, na lógica do capital, é a lógica que ordena o *mass media* e o fluxo planetário de informações no mundo global.

Com isso, ao dizermos que a cobertura jornalística dos acontecimentos no Oriente Médio é profundamente ideológica, nestes termos estamos afirmando que com a dinâmica da divisão internacional do trabalho, com a consolidação do mundo industrial e a reordenação do espaço político-econômico internacional, difundem-se as visões provenientes dos centros de capitalismo desenvolvido onde, no plano da cultura, é concebido o padrão modelar de civilização e seu anverso, a barbárie. Trata-se do binômio que recorrentemente justifica as práticas de exploração na infraestrutura econômica internacional. Se levarmos em consideração que esta infraestrutura, no

---

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> Ibid.

centro hegemônico do sistema mundial, é articulada em grande parte pela indústria bélica, é plausível concluir que a produção de informações sobre a guerra espelha as visões de mundo das elites políticas e econômicas interessadas em sua perpetuação, a expensas dos povos que na periferia do sistema mundial acabam à mercê deste poder absolutamente devastador.

Caracterizando a cobertura que as agências de notícias ocidentais vêm fazendo sobre os conflitos no Oriente Médio e, em especial, sobre a ascensão do EI, o cientista político Reginaldo Nasser asseverou:

Pelas lentes da mídia ocidental, o Estado Islâmico (ISIS) aparece como um grupo irracional que age sem motivos políticos, movido apenas pelo ódio religioso (...) Construiu-se uma imagem no Ocidente, desde o início da década de 1990, e que se intensifica atualmente, que esses jihadistas são capazes de fazer as piores atrocidades. Evoca-se, no imaginário do Ocidente, semelhanças com um passado longínquo, associando-os às “tribos bárbaras” que varreram o Império Romano ou às hordas mongóis de Gengis Khan que devastaram cidades inteiras, massacrando seus habitantes como se estivéssemos diante de um choque de civilizações.<sup>32</sup>

Como fenômeno comunicacional de massa, sabemos que esse tipo de caracterização revela processos ideológicos que não se explicam, nos moldes convencionais, pelas contradições de classe verificáveis em quaisquer sociedades em que relações impessoais de mercado sejam dominantes. Elas estão inscritas em um sistema muito mais amplo de relações que decorre, como dissemos, da divisão internacional do trabalho, com a consolidação do capitalismo na sua forma industrial e da repartição do mundo entre as grandes potências, com a reorganização do moderno sistema de Estados orquestrada pelas economias de capitalismo desenvolvido e que engendraram a corrida concorrencial nos termos do capitalismo industrial, disputando mercados, força de trabalho e regiões periféricas do planeta ricas em matérias-primas e, sobretudo, recursos energéticos.

Não há forma de exploração que tenha curso na infraestrutura econômica das sociedades humanas que não conte, na suprerestrutura ideológica, com a elaboração fantasiosa, por parte das classes dominantes, de justificativas para a sua consecução.

Sendo o Oriente Médio rico em recursos energéticos desejados pelo Ocidente para o desenvolvimento de sua economia industrial, a ideologia que matizou as relações entre as potências de capitalismo desenvolvido e o mundo médio-oriental, Edward Said

---

<sup>32</sup> NASSER, Reginaldo; “Uma serpente entre as pedras”; in: COCKBURN, Patrick. Op. Cit., p. 15.

nominou de “orientalismo”<sup>33</sup>: estrutura ideológica que atravessou o final do século XIX, todo o século XX e adentra ao recém-parido século XXI com instrumentos de muito maior alcance para a sua projeção: os da comunicação de massa.

Compreender, tomar e destruir são etapas inescapáveis do colonialismo, conforme definiu Tzvetan Todorov em texto de igual título em que tratou da conquista da América<sup>34</sup>. Quando as tentativas de compreensão não são capazes de relativizar o *modus vivendi* do outro, de forma profundamente etnocêntrica e, no caso em tela, eurocêntrica, toma lugar do esforço compreensivo o universo das representações.

A pilhagem neocolonial do Oriente Médio, no século XIX, foi acompanhada de uma intensa produção de representações as mais diversas, elaboradas por escritores e artistas em diversos suportes. Segundo uma visão eurocêntrica, as representações, tomadas por contraste com um fundo reluzente que iluminava o modelo ocidental de civilização, reduziam identidades complexas e um mosaico de realidades as mais diversas a meros estereótipos. Desta forma, distintos e complexos sistemas culturais acabaram diminuídos ao simplismo da expressão “mundo árabe”, enquanto coletividades igualmente diversas couberam no mesmo clichê, o “árabe”.

Como instrumento para dominação e gestão de povos, o orientalismo se fundiu às recém-nascidas ciências humanas e sociais, erigidas sob a égide do positivismo e de caracteres do evolucionismo darwinista, já na sua forma *spencerianista* (ou do “darwinismo social”) propondo teses explicativas para a inferioridade racial e cultural do mundo não-europeu.

E se não há mesmo forma de exploração na infraestrutura econômica que não produza para si, na superestrutura ideológica, justificativas para a sua consecução, o orientalismo inscreveu os sistemas explicativos que tinham por finalidade submeter o Oriente Médio ao mando imperialista europeu.

Isso explica as reiteradas representações de um mundo primitivo, bárbaro, inferior em modos e costumes e à margem do progresso, em sua matriz industrial. Como “povos na infância”, a missão civilizatória europeia seria tal qual a do *paterfamilis*: tutelar, punir e educar, tomando-lhe pela mão e conduzindo-lhe pela senda da vivência.

---

<sup>33</sup> SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>34</sup> TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 123-141.



O estranho fascínio que essas representações exerceram fez fundir, em todo o seu exotismo, o medo da barbárie ao desinteresse por um conhecimento mais profundo dessas milenares civilizações. As narrativas e ilustrações do “mundo árabe” eram tais quais as peças dos antigos gabinetes reais de curiosidades, espelhavam a grandeza da civilização ocidental no reflexo de um mundo ainda misterioso, carente de civilização, habitado por bestas-feras, falsos-deuses e práticas de barbarismo.

Para Said, o orientalismo segue vigente na construção de representações do mundo islâmico que, valendo-se hoje dos instrumentos de comunicação de massa, reduzem sua complexidade à reafirmação dos mesmos estereótipos sob novíssima roupagem: o espectro do árabe-muçulmano, fundamentalista e terrorista.

Tendo nossa percepção sobre o fenômeno da ascensão do EI, como ator relevante nas relações internacionais contemporâneas, mediada pelos veículos de comunicação de massa, é preciso nos enfrentarmos com as diversas narrativas produzidas pela imprensa internacional dando vozes não apenas a jornalistas e os habituais correspondentes de guerra, mas também a historiadores, geógrafos, sociólogos, literatos e filósofos e todos aqueles que transitam entre o discurso oficial da política e da diplomacia, que podem se articular em maior ou menor grau com o ambiente das agências de notícias às emissoras de TV e jornais, e suas próprias visões de mundo, de onde tentaremos qualificar a dimensão ideológica das representações que produzem, reafirmando, negando ou pensando criticamente os estereótipos reificados.

Pensando criticamente seu próprio ofício, o correspondente Patrick Cockburn, em estudo recente, avaliou que dentre os muitos problemas que envolvem essa dimensão ideológica da cobertura de conflitos internacionais está a categoria do “repórter de guerra”. Isso porque revela o entendimento, partilhado pelas agências de notícia, de que é possível compreender a guerra apenas pela descrição de seus combates, furtando-se o narrador de sua dimensão inextrincavelmente política.<sup>35</sup>

Como quaisquer acontecimentos, a guerra não é e não pode ser meramente descrita, ainda quando se tenha plena convicção de que as informações produzidas seriam mesmo retratos fiéis da realidade. Quaisquer informações sobre a guerra são interpretações da realidade e quando ocultam suas razões políticas, o silêncio grita mais uma vez as razões da conveniência. Para Cockburn é o que teria ocorrido, por exemplo, na Líbia, onde a cobertura “colorida” da imprensa desviou o foco de um problema de

---

<sup>35</sup> COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 149.

severa gravidade: Gaddafi foi deposto por uma intervenção militar estrangeira coordenada por Estados Unidos, Inglaterra e França, o que a mídia internacional pouco nos provocou a pensar<sup>36</sup>.

Há ainda um outro problema no ofício do “repórter de guerra” em atuação no Oriente Médio, segundo Cockburn: ele produz suas descrições enquanto “embutido” com tropas do exército norte-americano ou inglês, acompanhando suas operações, vivendo com os soldados, partilhando de suas experiências e visões de mundo. A vivência tão próxima, em um teatro de guerra e em meio a zonas de conflito, cria laços de dependência entre quem produz a informação e aqueles únicos que podem garantir sua segurança. Para os exércitos, “embutir” possibilita também escolher quais repórteres efetivamente produzirão narrativas mais favoráveis aos seus interesses, excluindo-se o pensamento autônomo que, para as Forças Armadas, nada interessa pelo menos desde a experiência da Guerra do Vietnã. O recurso produz ainda visões distorcidas do conflito que podem beirar a subversão completa da realidade, na medida em que comandantes preferirão, quando acompanhados por repórteres, batalhas em que as condições de vitória estejam garantidas, produzindo-se o risco de noticiar vantagens militares em um quadro que, se visto com maior amplitude, pode informar até mesmo a derrota na guerra. Isso porque *“qualquer um ‘embutido’ com o exército tenderá a estar no lugar errado, na hora errada”*<sup>37</sup>.

Isso para dizer que o nosso percurso analítico não será pisado por sobre as narrativas produzidas por veículos de comunicação de massa, mas analisando-as criticamente em busca das instâncias profundas que determinam a torrente dos acontecimentos que, na fina casca do discurso político e jornalístico, limita-se a uma dimensão meramente linear e factual que invariavelmente oculta suas razões mais entranhadas.

O recurso às manifestações oficiais da política e da diplomacia dos Estados, bem como das narrativas produzidas pelos veículos de comunicação de massa para tentarmos responder os problemas aqui propostos, é inescapável dada a notável escassez de trabalhos acadêmicos sobre o tema, em função do quão recente é a ascensão do EI nas relações internacionais.

---

<sup>36</sup> Ibid. p. 153.

<sup>37</sup> Ibid. pp. 158 e 159.

## Capítulo II:

### Da elucubração ao mundo das atrocidades reais

#### Nem inteligência, nem informação...

A fim de dar conta desses questionamentos é preciso retornar ao ano de 2004, no decurso ainda da administração de George Walker Bush, quando o “Conselho Nacional de Inteligência” (NIC) apresentou o relatório *Mapping the Global Future*, documento não-classificado de 123 páginas e que se dizia um prognóstico para o mundo no ano de 2020.

Nem prognóstico, nem relatório: tratava-se de um processo imaginativo, tendo 7 páginas redigidas em forma de carta, datada de 2020, em que um fictício neto de Osama Bin Laden se dirigia a um parente também fantasioso. No documento, toda a região que se estenderia do Mediterrâneo até a Ásia Central e Sudeste da Ásia seria submetida ao controle de um Califado cujo poder seria capaz de fazer frente às democracias e aos valores do Ocidente.

Em parte do relatório é dito: “*A New Caliphate provides an example of how a global movement fueled by radical religious identity politics could constitute a challenge to Western norms and values as the foundation of the global system*”<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> *Mapping the Global Future*: Report of the National Intelligence Council’s 2020 Project. National Intelligence Council. Pittsburgh: Government Printing Office, 2004, p. 16.

O exercício imaginativo é assim justificado:

The fictional scenario portrayed (...) provides an example of how a global movement fueled by radical religious identity could emerge. Under this scenario, a new Caliphate is proclaimed and manages to advance a powerful counter ideology that has widespread appeal. It is depicted in the form of a hypothetical letter from a fictional grandson of Bin Ladin to a Family relative in 2020. He recounts the struggles of the Caliph in trying to wrest control from traditional regimes and the conflict and confusion which ensue both within the Muslim world and outside between Muslims and the United States, Europe, Russia and China. While the Caliph’s success in mobilizing support varies, places far outside the Muslim core in the Middle East - in Africa and Asia - are convulsed as a result of his appeals. The scenario ends before the Caliph is able to establish both spiritual and temporal authority over a territory - which historically has been the case for previous Caliphates. At the end of the scenario, we identify lessons to be drawn.<sup>39</sup>

A carta também faz menção à proclamação do califado como responsável por uma nova geração de terroristas que atacariam não somente inimigos ocidentais, mas no mundo muçulmano todos aqueles que ousassem se opor ao seu mando. Com base nesses exercícios, em 2004, o califado era considerado o mais sério desafio à ordem internacional do porvir, cujo poder seria ampliado pelos elementos de novas tecnologias de informação capazes de tornar ainda mais violento o “choque entre civilizações”.

### Os clarividentes

A comunidade dos serviços de inteligência nos EUA, sem base empírica alguma e sem dados propriamente de inteligência, concluiu que a real ameaça à democracia e ao mundo civilizado ocidental seria o califado ali referido. Não apenas isso, o documento apresentado à Casa Branca chegou ao Pentágono e ao Congresso, tendo sido ainda distribuído aos aliados dos EUA.

---

“Um novo califado fornece um exemplo de como um movimento global alimentado por políticas de identidade religiosa radical poderia constituir um desafio às normas e valores ocidentais basilares do sistema global”.

<sup>39</sup> Ibid., p. 83.

“O cenário fictício retratado (...) fornece um exemplo de como um movimento global alimentado por identidades religiosas radicais poderia emergir. Neste cenário, um novo califado é proclamado e consegue avançar uma poderosa contra-ideologia que tem apelo generalizado. É retratado sob a forma de uma carta hipotética de um neto fictício de Bin Ladin a um parente da família em 2020. Ele relata as lutas do califa na tentativa de arrancar o controle dos regimes tradicionais e do conflito e confusão que se seguem tanto dentro do mundo muçulmano quanto fora entre muçulmanos e os Estados Unidos, Europa, Rússia e China. Enquanto o sucesso do califa na mobilização de apoio varia, lugares longe do núcleo muçulmano no Oriente Médio - na África e na Ásia - são convulsionados como resultado de seus apelos. O cenário termina antes que o califa possa estabelecer autoridade espiritual e temporal sobre um território - o que historicamente tem sido o caso de califados anteriores. No final do cenário, identificamos as lições a serem extraídas”.

Segundo o professor Michel Chossudovsky, do *Centre for Research on Globalization*<sup>40</sup>, o relatório da NIC “*está perto de ser ridículo; ele não reflete algo inteligente, muito menos é esse um relatório de análise histórica ou geopolítica. É uma falsa narrativa do califado...*”<sup>41</sup>. No entanto, o conteúdo do documento é curiosamente semelhante à proclamação de um califado, feita por Abu Bakr al-Bagdadi, líder do EI, 10 anos depois - em junho 2014 -, e que muito rapidamente se tornou objeto de justificativa para uma nova cruzada militar no Oriente Médio, ao passo da intensificação das práticas propagandísticas, difundidas pela mídia hegemônica, de estereotipação e demonização de árabes-muçulmanos, associados ainda mais ao radicalismo islâmico e ao terrorismo, de acordo com a doutrina militar criada e defendida pelos EUA e pela OTAN.

O que nos parece um exercício imaginativo tinha uma função determinada: disseminar entre elites políticas e militares, dentro e fora dos EUA, ainda mais a certeza de que o Ocidente - mundo civilizado -, estaria sob direta ameaça da barbárie do terrorismo islâmico, reforço necessário à pseudo-tese huntingtoniana do “choque de civilizações”<sup>42</sup>, subproduto ideológico das políticas ocidentais de intervenção no Oriente Médio.

Mas o relatório consistiria mesmo em um amontoado de especulações imaginativas, ou serviços de inteligência, de alguma forma, estariam envolvidos em processos formativos de grupos que, pouquíssimo tempo depois de estimulados, reivindicariam o califado, convertendo-se em ferozes inimigos?

## Identidades complexas e dificuldades de denominação

O exercício especulativo, conforme pretendemos demonstrar, tem razão de ser. E para demonstrá-lo é preciso tratar mais cuidadosamente da organização *jihadista*

---

<sup>40</sup> “Centro de Pesquisas sobre a Globalização”.

<sup>41</sup> CHOSSUDOVSKY, Michel; “O Estado Islâmico, o ‘Projeto do Califado’ e a ‘Guerra Global ao Terrorismo’”; *Centre for Research on Globalization*, 4 jul. 2014 (disponível no sítio: <http://www.globalresearch.ca/o-estado-islamico-o-projeto-do-califado-e-a-guerra-global-ao-terrorismo/5389947>).

<sup>42</sup> Cf.: HUNTINGTON, Samuel P.; “O choque das civilizações”. *Política Externa*, vol. 2, n. 4, mar/abr/maio de 1994, pp. 120-141; HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, pp. 17-43.

formada como uma milícia islâmica de orientação *wahabita-sunita*<sup>43</sup> e que, em apenas uma década, tomou proporções cataclísmicas no Oriente Médio, convertendo-se em um ator de peso no concurso dos conflitos regionais, dotado de um bastião territorial e de um temível aparato militar.

O primeiro problema de definição que se impõe é o de como nominá-la, não apenas porque a depender de sua caracterização produzem-se sentidos e significados distintos por parte de quem nomina, mas porque a organização mesmo mudou de nome algumas vezes.

A primeira forma assumida sob a liderança de Abu Mussab al-Zarqawi, ainda embrionária, tomou a designação de *al-Tawhid wal-Jihad*, cuja tradução mais aceita é a de “monoteísmo e *jihad*” e que, ao fundir-se com a fração da *Al Qaeda* no Iraque deu forma ao “Estado Islâmico do Iraque” (EII). Com a morte de al-Zarqawi, em 2010, a nova liderança de Abu Bakr al-Baghdadi passou a iniciar um processo de emancipação da *Al Qaeda* que, em 2013, levou a uma efêmera fusão com a frente *Jabhat al-Nusra*<sup>44</sup>, responsável pelas operações da *Al Qaeda* na Síria, da qual resultou a nova designação de “Estado Islâmico do Iraque e do Levante”, referida comumente pelos acrônimos EIII, em língua portuguesa, e ISIS ou ISIL, em inglês. A última forma assumida, a de “Estado Islâmico”, data da proclamação do califado em junho de 2014 por al-Baghdadi, reivindicando a soberania da organização nos territórios ocupados na Síria e no Iraque, solo histórico do Islã, para a conformação do emirado pan-islâmico que sucederia tanto o califado do séc. VII quanto aquele posto a termo quando da dissolução do Império Otomano e a Revolução *Khemalista*, em 1924.

Enquanto no discurso político, jornalístico e no senso comum o Ocidente se refere à organização na forma idêntica àquela que al-Baghdadi usou para proclamar o califado, na Síria e no Iraque o grupo é chamado hoje de *al-Dawat*, ou seja, apenas de “o Estado”.

A sigla ISIS, bastante usual na literatura e em textos jornalísticos, refere-se ao nome do grupo em inglês<sup>45</sup>, trazendo o último “s” relativo à palavra *al-Sham*, por isso a forma gráfica do “Estado Islâmico no Iraque e al-Sham”, podendo o vocábulo referir-se

---

<sup>43</sup> Identificando uma postura ortodoxa e defensora de um monoteísmo puro, o termo é rejeitado por grande parte dos adeptos do movimento religioso de filiação islâmica sunita, preferindo a designação *muwahhid* ou salafistas, Cf.: COMMINS, David. *The Wahhabi Mission and Saudi Arabia*. Nova Iorque: I.B.Tauris, 2009; e WIKTOROWICZ, Quintan; "Anatomy of the Salafi Movement"; *Studies in Conflict & Terrorism*, Vol. 29, 2006, p. 235.

<sup>44</sup> “A Frente da Vitória para o Povo da Grande Síria”.

<sup>45</sup> *Islamic State of Iraq and Syria* ou *Islamic State of Iraq and al-Sham*.

a “Levante”, Síria ou mesmo Damasco, mas no contexto de *jihadismo* em que se insere o sentido mais adequado é o de “Levante” ou de “País de *Sham*”, sendo *Sham* designativo, ao mesmo tempo, de Damasco e Síria, na região do “Levante”, por isso dizer de um “Estado Islâmico do Iraque e do Levante”.

Loretta Napoleoni, especialista em terrorismo, explicou que as alterações de nomenclatura referem-se a importantes mudanças na conjuntura e nas estratégias do grupo que, ao assumir a forma de “Estado Islâmico do Iraque”, manifestava o intento de al-Zarqawi de basear seus esforços em promover a *Jihad* no Iraque, ainda que tivesse em vista a consecução de um califado em toda a região do “Levante”; enquanto al-Baghdadi, ao incorporar o termo *al-Sham*, operava já em uma etapa posterior, pretendendo a expansão de suas ações não apenas na Síria, dada a deferência à Damasco e regiões adjacentes, mas a estratégias conscientes de composição de um esforço transnacional que apontava, para o futuro, a restauração do passado áureo do califado do século VII.<sup>46</sup>

Durante um conjunto de conferências realizadas ao longo do ano de 2016, nas quais tratei dos fenômenos que ora desenvolvo em forma de livro, compartilhei minhas reflexões com um colega dedicado aos mesmos temas e que evitava nominar a organização dirigida por al-Baghdadi de “Estado Islâmico”, por considerar um ato de reconhecimento de que se trataria, não de um grupo *jihadista* autor de atentados terroristas e uma violenta guerra de conquista, mas propriamente de um Estado, condição que prescindiria ao menos de um território (que o EI vem consolidando por meio de uma guerra de conquista direta), de um povo (que vem sendo amalgamado com o uso instrumental de clivagens religiosas estrategicamente incendiadas, demonizando-se xiitas sob a retórica da proteção de sunitas, na construção de uma identidade sunita salafista), de uma administração (ainda rudimentar, mas em franca estruturação) e recursos (provenientes em larga escala da exploração de petróleo e gás nos territórios ocupados), além de instituições como exército, polícia, sistemas fiscais etc., para que lhe seja atribuída existência “de fato”; enquanto que para a existência “de direito” seria necessário o reconhecimento de sua autodeterminação pela comunidade de Estados.

A postura parece concordar com o que defendera Azeredo Lopes, professor de Direito Internacional Público, aconselhando o uso do acrônimo “Daesh”, que passou a

---

<sup>46</sup> NAPOLEONI, Loretta. *A fênix islamista: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015, pp. 11 e 12.

vigorar rapidamente no discurso diplomático e nas declarações de chefes de Estado, de Barack Obama a François Hollande, sigla que se refere à nomenclatura inicial do grupo, ainda como “*al-Dawla al-Islamiya fil Iraq wa al-Sham*”.

Para Lopes,

Se é uma organização que existe essencialmente para nos destruir, eu acho muito bem que, de uma vez por todas, não lhe façamos o favor de a promover, reconhecendo-lhe dois estatutos fundamentais que eu me recuso reconhecer-lhe: o estatuto de Estado, que, do ponto de vista jurídico-político, é o estatuto mais nobre do direito internacional, e o estatuto de representação islâmica, que eu recuso aceitar que possa ser corporizado por uma associação de bandidos, assassinos e terroristas.<sup>47</sup>

Por outro lado, sustentamos a posição de que, ao dizê-lo “Estado Islâmico”, estamos distantes do risco de conferir à organização tanto legitimidade quanto reconhecer sua legalidade, duas condições que o grupo liderado por al-Baghdadi está longe de reunir; trata-se de dar conta, ao nominar a organização *jihadista* salafista, de seus propósitos e de como os projeta. Se nomes costumam levar às identificações e identificar nosso objeto de análise é uma etapa indispensável de nossa investigação, o nome correto a dizer, no nosso humilde entendimento, é o de “Estado Islâmico”, que iremos referir a partir do acrônimo “EI”, isso porque dizê-lo “Daesh” é, sobretudo, um erro porque refere período e condições abissalmente distintas da organização que analisamos. Que chefes de Estado, envoltos no emaranhado novo da política internacional, se preocupem com a dimensão axiológica de seu vocabulário; nós, acadêmicos, devemos nos ocupar, ao invés disso, de questões teórico-conceituais.

Concordamos com Napoleoni que, ao tratar do problema, considerou que “*o uso menos preciso de acrônimos com fins antipropagandísticos, por exemplo, não nos ajudará a enfrentar a ameaça atual*”.<sup>48</sup>

Sob liderança de Abu Bakr al-Baghdadi, aos 26 de junho de 2014, a dois dias portanto do Ramadã, foi proclamado o Estado Islâmico nos territórios sob controle direto ou por intermédio de aliados de sua organização, com a finalidade de implementar um emirado pan-islâmico, pautado na *Sharia*<sup>49</sup> em sua interpretação mais rígida, que congregasse sunitas - reivindicando sua lealdade no mundo todo - e

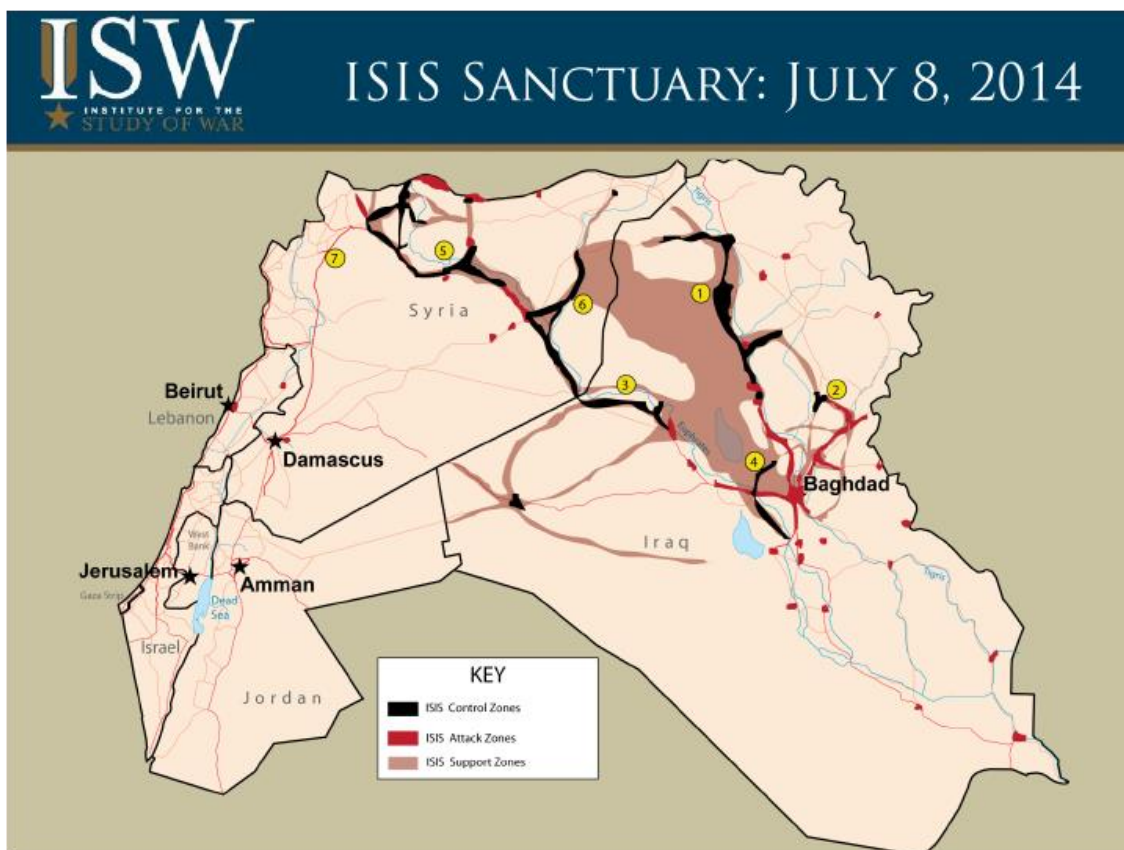
<sup>47</sup> LOPES, Azeredo; “Por que devemos dizer ‘Daesh’ ao invés de Estado Islâmico?”. *TSF*, 17 nov. 2016 (disponível no sítio: <https://www.tsf.pt/internacional/interior/por-que-devemos-dizer-daesh-em-vez-de-estado-islamico-4890071.html>).

<sup>48</sup> *Ibid.* p. 13.

<sup>49</sup> Compêndio de textos sagrados do islamismo.



abrangesse os territórios inicialmente do Leste da Síria, a partir da região de Aleppo, e do Oeste do Iraque, da região de *Mosul*. Em coletiva de imprensa, enquanto muçulmanos de todo o mundo adentravam ao mês sagrado para o islamismo, de jejum e orações, al-Baghdadi anunciou o neocalifado estendendo-se de *Raqqa*, no centro-norte da Síria, até a fronteira do Irã, na cidade de *Diyala*.



Fonte: *Institute for the Study of War*, julho de 2014.

Disponível no sítio: <http://iswiraq.blogspot.com.br/2014/07/isis-sanctuary-map.html>.

Proclamavam também seus inimigos, acusando muçulmanos xiitas de hereges infiéis e defendendo sua total eliminação o que, de imediato, repercutiu no Iraque e no Irã, cuja maioria é xiita<sup>50</sup>.

De acordo com o antropólogo Hosham Dawod, o EI hierarquiza seus inimigos da seguinte forma: 1) em primeiro lugar, os “xiitas”, considerados os piores por reclamarem uma filiação ao islã que não coaduna com os dogmas sunitas; 2) seguidos daqueles considerados “infiéis”, como os *yazidis* - cosmovisão religiosa de origem persa

<sup>50</sup> Os únicos países árabes de maioria xiita são: Azerbaijão, Bahrein, Irã e Iraque.

e de natureza monoteísta -, assim concebidos em razão de suas crenças diversas do islamismo; 3) e, por fim, as “pessoas do Livro”, ou seja, aqueles que creem na Bíblia - os cristãos.<sup>51</sup>

Em pouquíssimo tempo, o EI se transformou em um dos principais grupos *jihadistas* do Oriente Médio, responsável por significativas vitórias contra as forças do governo de Bashar Al Assad na Síria e também no Iraque, onde teve origem; mas cuja presença, por meio de grupos que reivindicam filiação ao EI, já se estende à Arábia Saudita<sup>52</sup>; Líbano, onde o grupo salafista *Free Sunnis of Baalbek Brigade* reclama aliança com o EI; Jordânia, onde o mesmo ocorre com os *Sons of the Call for Tawhid and Jihad*; e na Índia, onde o braço armado do EI é o grupo *Janood-ul-Khalifa-e-Hind*<sup>53</sup>. A rede internacional de grupos afiliados se estende ainda pelo Afeganistão, Egito, Iêmen, Líbia, Paquistão e Turquia, onde uma série de organizações prestam vassalagem a al-Baghdadi.

Além das filiações diversas, o EI conta com o apoio expresso de outras organizações *jihadistas* como, no Egito, o *Ansar Bait al-Maqdis* e, na Nigéria, o violento *Boko Haram* que, depois de janeiro de 2015, passou a ser mais uma facção submissa à autoridade de al-Baghdadi.

### Um exercício de genealogia

Para que sejamos didáticos, é importante localizar as filiações reivindicadas pelo EI no mundo muçulmano e as relações que mantém com coletividades cujas identidades se põem distintas.

De acordo com os dados dispostos pelo *Council on Foreign Relations*<sup>54</sup> no ano de 2016, haveria em torno de 1,6 bilhão de muçulmanos no mundo, o que equivaleria a

---

<sup>51</sup> DAWOD, Hosham; “O Estado Islâmico está muito bem adaptado à guerra moderna”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. pp. 39 e 40.

<sup>52</sup> FADEL, Leila; “With Cash And Cachet, The Islamic State Expands Its Empire”. *NPR*, 18 nov. 2014 (disponível no sítio: <http://www.npr.org/sections/parallels/2014/11/18/364942091/with-cash-and-cachet-the-islamic-state-expands-its-empire>).

<sup>53</sup> ZAVADSKI, Katie; “ISIS Now Has a Network of Military Affiliates in 11 Countries Around the World”. *New York*; 23 Nov. 2014 (disponível no sítio: <http://nymag.com/daily/intelligencer/2014/11/isis-now-has-military-allies-in-11-countries.html#>).

<sup>54</sup> “Conselho de Relações Exteriores”.

cerca de um quarto da população mundial, cindidos entre 85% de sunitas e 15% de xiitas, relacionando-se, no mais das vezes, de forma hostil<sup>55</sup>.

O grande cisma que divisou sunitas e xiitas ocorreu no ano de 632, após a morte do Profeta Maomé, na definição do processo sucessório que apontaria o *khalifa* (“sucessor”) que deveria liderar a nação islâmica. Reclamavam o trono o genro do Profeta, Ali ibn Abi Talib, marido de Fátima, sua legítima herdeira; enquanto parte significativa dos fiéis afirmava que o califa, por direito, deveria ser escolhido pela comunidade muçulmana, por seus méritos. Esta postura, que vencera na escolha daquele que sucederia o Profeta, passou a identificar os sunitas, termo que deriva do vocábulo árabe *sunnah*, cujo significado é “hábito”, “costume”, “tradição”, ou seja, o critério sucessório deveria ser a tradição e não a linhagem dinástica; enquanto os xiitas, cujo termo significa “seguidor”, se definem pela convicção de que a liderança do Islã caberia apenas ao genro de Maomé, Ali, e aos descendentes de Fátima, que entendem ter sido a única herdeira do Profeta.

No ano de 655 foi deflagrada a Grande *Fitna*, a primeira guerra civil que dividiria, dali por diante, todo o mundo muçulmano. O conceito de *fitna*, como explicou Khaled Abou El Fadl, professor da *UCLA School of Law*, na lei islâmica significa originariamente o processo de provação de fé e, mais recentemente, passou a referir períodos de turbulência e conflitos internos ao mundo muçulmano, culminando no significado da divisão ou da guerra civil motivada pela *takfir*, ou seja, a acusação de apostasia que deve culminar na excomunhão do *kafir* - o apóstata ou descrente.<sup>56</sup> No ano seguinte, o califa Uthman, o primeiro líder sunita do Islamismo, acabara assassinado, acusado de abjuração da fé islâmica pelos fiéis xiitas seguidores de Ali.

Ao longo dos séculos subsequentes, xiitas e sunitas vêm se acusando mutuamente com o uso do princípio, na *Sharia*, de *takfir* – movido contra aqueles apontados como *kafir* ou infiéis.

No entanto, não podemos reduzir os significados e usos sociais do conceito de *takfir* apenas à dimensão religiosa, dada a inextrincável composição entre as estruturas da política e da economia às instituições religiosas no califado do século VII e VIII. A autoridade política do califa era sustentada pelo princípio legitimador da religião e,

---

<sup>55</sup> “The Sunni-Shia Divide”; *Council on Foreign Relations*; Fev. 2016 (disponível no sítio: <http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176#!/>).

<sup>56</sup> ABOU EL FADL, Khaled. *The Great Theft: Wrestling Islam from the Extremists*. São Francisco: Harper, 2005, pp. 54 e 55.

como sumo-sacerdote, valeu-se a todo o momento do conceito de *takfir* como instrumento para a consecução de objetivos políticos.

É o que explica o levante conclamado, no século VIII, contra o Império Otomano pelo clérigo saudita Abd al-Wahhab, considerado o fundador do *wahabismo* - orientação de matriz sunita - e que acusara a autoridade imperial de *takfir* por afastar-se dos princípios islâmicos para a condução de suas políticas. A *takfir* principiou a guerra de secção movida pela Casa Real de Saud contra a autoridade turco-otomana na península arábica e que, ao longo de dois séculos de sangrentas batalhas, teve o tema religioso ocultando motivos políticos e econômicos que comumente estão ausentes das narrativas históricas tradicionais.

O fato de serem minoritários já desde o cisma ou da Grande *Fitna* que dividiu o mundo islâmico não significa que os xiitas tenham tido pouca expressão política, pelo contrário, houve períodos em que gozaram de dominância e, até mesmo, de hegemonia. É o caso, por exemplo, da dinastia fatímida (que alegava descendência de Fátima), e que reinou entre os séculos X e XII, estendendo seu domínio sobre um território que ia do Oriente Médio até o Marrocos.

As hostilidades passam ainda pela constituição de dois impérios antagônicos no século XVI: o Império Otomano, de obediência sunita; e o Império Persa, por sua vez xiita. Dois séculos depois, o xiismo tornou-se majoritário também no Iraque, agravando ainda mais as tensões entre os blocos.

Tentativas de composição passaram pela criação, no século XIX, de escolas ecumênicas comuns em diversos países muçulmanos, onde o esforço de reformar o islamismo, viabilizando um mesmo entendimento teológico, pouco prosperou.

Ainda assim, conforme esclarece o historiador francês Henry Laurens, até a revolução islâmica de 1979, no Irã, a contraposição entre sunitas e xiitas foi secundária em coletividades muçulmanas onde as clivagens obedeceram às pautas das questões nacionais e sociais.<sup>57</sup> Trata-se do mesmo ano da ocupação soviética do Afeganistão e do fomento norte-americano, na deflagração de uma Segunda Guerra Fria, a milícias *jihadistas* sunitas que, uma década depois, reivindicaram para si a vitória contra o inimigo soviético que batia em retirada, permitindo-lhes estabelecer novos inimigos prioritários: no plano externo, os EUA; no mundo islâmico, os xiitas.

---

<sup>57</sup> LAURENS, Henry; “Um tratado de paz entre sunitas e xiitas parece impossível!”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 71.

Sobre as distinções entre ambas as obediências, Laurens afirma constituírem-se as comunidades xiitas de forma mais aberta, apesar de suas rígidas estruturas hierárquicas, se comparados aos sunitas. Isso porque a formação teológica dos “sábios em religião”, uma pedra angular do xiismo, costuma se dar em escolas e universidades onde, além dos princípios basilares do islamismo, habita o pensamento e a filosofia ocidental, da clássica à moderna. Com isso, a formação religiosa prescinde de uma rica formação erudita, a ponto de o *mujtahid* - um xiita cuja formação religiosa considere-se completa - ser um intelectual pleno.<sup>58</sup>

O traço notável de distinção permitiria, ainda segundo Laurens, escalonar as tradições: “*Nas grandes universidades iranianas, você encontra todo o pensamento ocidental importante traduzido para o persa.*”<sup>59</sup>.

Apesar de serem minoritários entre as 57 nações que compõem o mundo islâmico, os xiitas constituem maiorias em 4 países médio-orientais: Azerbaijão, Bahrein, Irã e Iraque. Já o sunismo, que cobre a maior parte dos países árabes, é mais popular nos países da Península Arábica, na Indonésia e no Magreb.

No Iraque, um sunita, Saddam Hussein - de orientação política *baathista* (leia-se, laica) -, de 1979 a 2003 governou um país majoritariamente xiita (que compõem 60% da população iraquiana), condição posta a termo com a invasão norte-americana de 2003 que viabilizou a chegada dos xiitas ao poder o que, por sua vez, recrudescer a insurgência sunita, no caso do EI composta em parte por militares que haviam servido nas Forças Armadas do Iraque, fiéis a Saddam Hussein.

Já na Síria a maioria é sunita, enquanto a família Assad é *alawita*, uma vertente mística e minoritária do xiismo, restrita àquele país. O governo de Bashar Al-Assad, tal qual o partido de Sadam Hussein, é de natureza *baathista*. A referência é ao Partido *Baath* ou o Partido Socialista Árabe *Baath*, que se vale da expressão que, no idioma árabe, significa “renascimento”. Originado exatamente na Síria, em 1947, com um caráter laico e fortemente republicano, defendia a fusão entre elementos do nacionalismo árabe, o anti-imperialismo e o pan-arabismo, chegando a consolidar-se, como força política, também no Iraque e no Líbano. É importante frisar que tanto a Síria quanto o Iraque, desde os anos 1960, seguiam a ideologia cujos caracteres, no auge da Guerra Fria, aproximavam-nos de posturas socialistas, o que colocara seus regimes

---

<sup>58</sup> Ibid. pp. 71 e 72.

<sup>59</sup> Ibid.

dentre as prioridades dos EUA e da OTAN, sem que dali por diante deixassem de ocupar essa condição. É preciso também esclarecer que, apesar dessas características do *baathismo*, a obediência xiita, no Oriente Médio, é que identificava a maior parte da militância comunista adepta ao islamismo<sup>60</sup>. E do xiismo sírio desponta, como vimos, o credo *alawita*, uma vertente mística e praticamente secreta em seus rituais, sobre os quais pouco se sabe mas que inscreve em torno de 12% de sua população, incluindo a família Assad, como seguidores.

Se levarmos em consideração a representação de ambas as obediências no mundo médio-oriental, hoje as duas grandes potências do islamismo seriam o Irã, líder entre países xiitas, e a Arábia Saudita, de avassaladora maioria sunita.

Neste quadro complexo, não se pode dizer que o EI postule unicamente o islamismo mas, como apontou o filósofo Régis Debray, uma de suas interpretações: o *salafismo jihadista* - que, para o EI, representa o “verdadeiro islamismo” - de tradição sunita mas, ainda assim, uma ala minoritária no islamismo<sup>61</sup>.

Comumente os termos *salafismo* e *wahabismo* são tomados como sinônimos, referindo-se a um mesmo movimento que emergiu há dois séculos reclamando uma postura mais rigorista no sunismo e um monoteísmo de tipo puro; contudo, esclarece o cientista social Quintan Wiktorowicz que o termo *wahabismo* não é aceito por grande parte dos adeptos do salafismo por remontar ao *takfir* movido por al-Wahhab contra o Império Otomano no século XVIII, preferindo em seu lugar a nomeação *muwahhid* ou salafistas e que designam orientações, no sunismo, datadas da segunda metade do século XIX, ou seja, mais recentes que o *wahabismo* e com um caráter não apenas anticolonial, mas antiocidental<sup>62</sup>. O mais correto seria designar o salafismo como uma corrente do *wahabismo*, neste caso, a mais influente e atual.

“*Salaf*”, em árabe, carrega o significado de “ancestral” ou “predecessor” e foi utilizado, desde as suas primeiras concepções, para defender as origens do Islamismo e uma interpretação mais purista da *Sharia*.

No entanto, a aparição do salafismo, na segunda metade do século XIX, não pode ser caracterizada de pronto como um movimento anticolonial, apesar de ter se transformado, em curtíssimo espaço de tempo, nisso. Trata-se de um dos resultados

---

<sup>60</sup> Ibid.

<sup>61</sup> DEBRAY, Régis; “É a hora de assumir nosso DNA cultural”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 23.

<sup>62</sup> WIKTOROWICZ, Quintan; Op. Cit., p. 235.

imediatos das zonas de contato abertas pela ação do imperialismo europeu nas relações internacionais do século XIX e que estreitava os mundos das potências centrais, intraeuropeias, e parte da realidade periférica médio-oriental. No anverso do espelho que constituía o “mundo desenvolvido” e ao tempo já do início da decomposição do Império Otomano, o resultado do contato foi, de um lado, o interesse pelo modelo ocidental de civilização e de modernidade enquanto, de outro, a crise que se estabelecera a partir da percepção, por contraste, do atraso e do caminho a ser percorrido por aquelas sociedades em busca do progresso. A modernidade ocidental era concebida tal qual uma força irresistível em todos os seus caracteres, do pensamento político revolucionário às práticas econômicas do liberalismo e o modelo pasteurizado de cultura burguesa que desde a Europa era exportada. O contato entre o mundo árabe e o Ocidente, nessa perspectiva, foi chamado de *al-Nahda*, algo como um “renascimento” ou “despertar” para a modernidade desde suas matrizes ocidentais e que marcou o ingresso do mundo árabe na senda da modernização.

Não se trata de mera importação de ideias, de modelos de organização política e de desenvolvimento econômico; ainda que eleitas as referências ocidentais, uma modernidade em moldes islâmicos seguiu-se às tentativas de recomposição do espaço político-econômico médio-oriental ao tempo da aceleração do esfacelamento da unidade otomana e dos assensos nacionalistas que, nos moldes do pensamento político ocidental, reivindicavam, de seus bastiões libertos, a criação de jovens nações.

Não é correto associar as origens do salafismo, portanto, ao atraso; mas a um esforço em direção à modernização de estruturas sociais que até ali haviam sido submetidas ao controle imperial otomano que teria sufocado suas aspirações nacionalistas. A fim de estabelecer sua identidade nacional, pré-condição para a criação, segundo a moldura política ocidental, dos Estados Nacionais, é que a nação muçulmana, para os líderes salafistas, deveria embrenhar-se no passado em busca das origens do Islamismo em sua forma mais pura para a conformação de uma verdadeira identidade árabe.

Já a versão que hoje conhecemos do salafismo está relacionada aos resultados nefastos do neocolonialismo orquestrado pelas potências ocidentais, de capitalismo desenvolvido, ultimado no Oriente Médio pela via do imperialismo e resultando na ingerência e influência europeias em países árabes. É a percepção de que a modernidade prometida pela via neocolonial não passava de uma miragem e que, rapidamente, dera

lugar à montagem de sistemas muito mais opressores e violentos que aqueles mantidos e operados pelo Império Otomano.

Por sua vez, como etapa superior ou monopolista do desenvolvimento capitalista, na expressão do capitalismo financeiro, a exploração neocolonial não se realizaria sem o estabelecimento de alianças entre elites políticas, no ambiente metropolitano, e classes dominantes, no mundo periférico.

É nesses moldes que o salafismo se insurgiu contra elites nacionais, cooptadas pelo imperialismo europeu por meio de seus agentes, considerados estes não apenas exploradores, mas também infiéis. Podemos compreender a orientação como resultante da pilhagem capitalista perpetrada pelas grandes potências, contra as quais os salafistas valeram-se de uma interpretação bastante rigorosa do sunismo como instrumento de luta anticolonial, brandindo a “verdade” contra o “poder”, numa contenda política indistinta daquela cosmovisão religiosa e que, para este novo momento, rejeitava o modelo ocidental de construção de Estados Nacionais.

É o anticolonialismo, no salafismo, que explica o seu profundo anticidentalismo, bem como o postulado do califado como utopia política sunita e como anverso do mundo ocidental, princípios que deram os matizes de organizações como a “Irmandade Muçulmana”, criada no Egito em 1928, e os primeiros ensaios da *Al Qaeda*, em 1988.

O combate às potências ocidentais tem como equivalente, no *front* interno, a perseguição a xiitas e sufistas, considerados hereges por professarem um islamismo que consideram distorcido; também são tidos inimigos cristãos e judeus, como infiéis.

O salafismo reclamado desde 2003 pela organização liderada por al-Zarqawi - embrião do EI -, no Iraque, reascendeu o conflito histórico entre sunitas e xiitas colocando-o em novos patamares de violência e brutalidade, com uma série de ataques suicidas de homens-bombas e cujo propósito declarado era o extermínio de xiitas. A expansão do salafismo com as conquistas territoriais do EI na Síria e no Iraque, já sob a liderança de al-Baghdadí, por sua vez, vêm recrudescendo ainda mais a violência de ambos os lados uma vez que, na iminência de ataques das milícias salafistas, da execução de xiitas e da conversão de suas mulheres e crianças em escravas sexuais, preventivamente, milícias xiitas vem promovendo também massacres de sunitas.

Registram-se fiéis salafistas, em sua grande maioria, em países como a Arábia Saudita, Qatar e Emirados Árabes Unidos, os maiores responsáveis pela difusão do



credo em todo o mundo. Em especial, a Arábia Saudita vem atuando intensamente na difusão do *wahabismo* em todo o Oriente Médio, bancando a construção de mesquitas, formando sacerdotes e sofisticadas estratégias de proselitismo que têm resultado, nas últimas décadas, em um notável aumento de adeptos do credo em relação aos sunitas tradicionais. A tendência ultra sectária têm acentuado ainda mais o conflito histórico entre xiitas e sunitas e mudado a paisagem social de várias realidades onde vem sendo reificado o conflito religioso com propósitos divisionistas.

Compondo-se elementos como os da brutalização de coletividades sunitas submetidas à violência cotidiana de governos identificados com o xiismo, o proselitismo encampado pelo EI em seu processo de guerra de conquista e, por fim, o fomento saudita à expansão do *wahabismo*, tem-se o alerta dado pelo historiador Al Alawi para a “wahabização” da corrente sunita como um dos processos mais perigosos de nossa época<sup>63</sup>.

A filiação salafista que identifica o EI é que o aproxima firmemente do *wahabismo* saudita, o que nos chama gravemente a atenção dada a aliança estratégica entre Arábia Saudita e EUA e que pode revelar uma natureza dos alinhamentos e das intervenções norte-americanas no Oriente Médio que não passa por motivos religiosos como chaves explicativas para suas configurações políticas, apesar de toma-los como pretextos.

Mas o fato de reclamar uma filiação sunita salafista não faz de todo e qualquer sunita um adepto do EI, mesmo porque a orientação sunita mais numerosa é a daqueles considerados “quietistas”, assim nominados por dedicarem-se primordialmente aos estudos.

Como nos recordara Dawod tratando da população sunita do Iraque,

Em sua maior parte, a população sunita permaneceu passiva diante do Daesh. Se não se opôs a ele foi porque considera que nada de bom virá de Bagdá. Afinal, o Daesh lhes permite obter um reconhecimento do caráter nefasto da marginalização dos sunitas e se livrar do primeiro-ministro Al-Maliki, o que não é pouca coisa.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> Cit. por COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 142.

<sup>64</sup> DAWOD, Hosham; “O Estado Islâmico está muito bem adaptado à guerra moderna”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 43.

É o caso de um quinto da população do Iraque identificados como árabes sunitas, do total de 33 milhões de indivíduos que compõem um mosaico onde habitam também, de forma mais expressiva, xiitas, curdos e cristãos.

### Distorções do islamismo

Ainda sobre a filiação religiosa reivindicada pelo EI, como um grupo *jihadista* de orientação salafista-sunita, é necessário apontar uma série de contradições que implicam leituras e interpretações distorcidas, senão desconformes, com os próprios princípios que a organização alega defender.

Estes princípios estariam codificados como fundamentos da religião islâmica e, portanto, inscritos na *Sharia*, ou seja, a “lei divina” que, por sua vez, é composta por dois livros sagrados: o Corão, palavra literal de *Allah* e que teria sido revelada ao Profeta Maomé em Meca e em Medina; e a *Suna*, vocábulo que significa “caminho trilhado” e que, portanto, reúne um conjunto de textos que tratam da vida de Maomé, por isso ser conhecido em culturas islâmicas como “Tradições do Profeta”.

A interpretação da *Suna*, a fim de dar direção ao caminho dos fiéis muçulmanos, cabe a três modalidades distintas de sábios: os *cádis* - juízes muçulmanos; os imames - “aquele que guia” ou “aquele que está adiante”, incumbidos da guia espiritual dos fiéis; e os *ulemás* - propriamente os teólogos.

No entanto, as interpretações dadas pelos religiosos sunitas salafistas incumbidos de guiar espiritualmente os *jihadistas* do EI divergem abissalmente daquelas professadas pelas distintas obediências islâmicas, inclusive sunitas.

É o caso das práticas de suicídio que, nas estratégias executadas pelo EI, provocam massacres decorrentes do uso de “homens-bombas” e que o Islã condena. O mesmo pode-se dizer do uso da tortura, das decapitações e esquartejamentos, bem como do emprego de reféns para o concurso de extorsões e da servidão sexual de mulheres e crianças, práticas que não encontram, nos textos sagrados do islamismo, absolutamente nenhum respaldo.

“*Quantos crimes em nome do islã!*”, protestou o escritor Tahar Ben Jelloun no jornal francês *Le 1*, na edição de 24 de setembro de 2014.<sup>65</sup> “*Não em nosso nome!*”, bradaram lideranças religiosas e fiéis muçulmanos por todo o mundo.

<sup>65</sup> Cf.: JELLOUN, Tahar Ben; “O califado selvagem”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 17.

Mas nada foi mais contundente que a carta aberta datada de 19 de setembro de 2015 e reproduzida por jornais de todo o mundo, escrita por 126 lideranças religiosas sunitas que se dirigiram diretamente a Abu Bakr al-Baghdadi, autoproclamado califa, e aos seguidores do EI, a fim de refutar os argumentos religiosos de que se valiam para a prática de uma série inominável de violências, alegando estarem fundamentadas pela *Sharia*.

Dentre as contradições, destacaram os sábios as palavras do próprio profeta Maomé ao referir-se à *Jihad*, assim orientando suas regras de conduta: “*Fazei a guerra, mas não sejais severos, não ajais como traidores, não mutileis, não mateis crianças...*”<sup>66</sup> Em outro trecho, referindo-se à conquista de Meca, teria dito o Profeta:

Aqueles que batem em retirada não devem ser mortos, os feridos não devem ser atacados de novo, e aquele que fecha sua porta está a salvo (...). Encontrareis pessoas que se voltaram à vida monástica, deixem-nas com suas devoções. Encontrareis também outros cuja cabeça é sede de demônios (isto é, diáconos armados), então golpeiem suas nuças. Mas não mateis os velhos e os decrepitos, as mulheres, as crianças; não destruais as construções, não corteis as árvores, não firaís o gado à toa; não queimeis nem inundeis as palmeiras; não ajais como traidores; não mutileis; não sejais covardes; e não saqueeis.<sup>67</sup>

A *Sharia* condenaria também, conforme alertaram as lideranças sunitas, a execução de prisioneiros, prática que o EI demonstrou ser costumeira em uma série de situações, como no Campo *Speicher*, em *Tikrit*, em junho de 2014, onde 1.700 prisioneiros teriam sido mortos; no mês seguinte, no campo de gás de *Sha'er*, onde 200 foram executados; também o destino de 700 prisioneiros da tribo *Sha'etat*, em *Deir ez-Zor*, dentre os quais 600 eram civis indefesos; no mês de agosto daquele ano, na base aérea de *Tabqa*, em *Raqqa*, 250 teriam sido assassinados; dentre tantos outros casos similares e outros que sequer chegaram ao conhecimento da grande mídia. As execuções, para os sábios, seriam “*crimes de guerra atrozes*”.<sup>68</sup>

Não apenas crimes de guerra, além das execuções sumárias e cujos métodos são descritos como perversos, o *modus operandi* dos *jihadistas* atentaria contra princípios fundamentais da fé islâmica, defendidos pela *Sharia*; é o caso da tortura, de espancamentos ao recurso de enterrar pessoas vivas, também da decapitação à faca e o vilipêndio a cadáveres.

---

<sup>66</sup> “Carta aberta a Al-Baghdadi e aos partidários do Estado Islâmico”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 67.

<sup>67</sup> Ibid. pp. 67 e 68.

<sup>68</sup> Ibid. p. 68.

Vocês não apenas mutilaram cadáveres como também puseram as cabeças decapitadas de suas vítimas sobre estacas e as chutaram como bolas, depois difundiram essas imagens pelo mundo durante a Copa de futebol – esporte em princípio autorizado pelo islã e que permite às pessoas aliviarem o estresse e esquecerem um pouco seus problemas.<sup>69</sup>

As regras que as lideranças religiosas ligadas ao EI e sua autoridade maior alegam defender, invocando o califado com o intuito de salvaguardá-las e fazê-las cumprir, teriam sido violadas sistematicamente segundo denuncia o documento.

A violência brutal perpetrada pelo EI em nome do que concebem como um “verdadeiro islamismo”, amplificada pela grande mídia e difundida em suas cores mais brutais pelo próprio grupo, de maneira propagandística, de pronto reforçaram o quadro de islamofobia já vigente no mundo ocidental, de forma mais aguda, desde os atentados de 11 de setembro de 2001, retornando às potências intervencionistas e ao imperialismo consenso acerca da necessidade de uma guerra ainda mais violenta, dentro e fora do mundo árabe.

Apontando a orientação dada por suas lideranças religiosas, sob mando do autoproclamado califa, como contrárias aos princípios do Islã, a carta aberta de setembro de 2015 acusara diretamente al-Baghdadi e seus asseclas de fornecer ao Ocidente e aos inimigos do islamismo argumentos concretos para qualifica-los como “bárbaros”, não apenas os *jihadistas*, mas todos aqueles que professam a religião que os militantes alegam defender: “*deram assim ao mundo um porrete para bater no islã quando na realidade o islã é completamente inocente desses atos e mesmo os proscrive*”<sup>70</sup>.

E o porrete desceu. O estereótipo reificado do árabe-muçulmano reduziu ainda mais identidades complexas à caricatura malévola e preconceituosa do “terrorismo religioso” e do fundamentalismo como marca indelével do islamismo. Dos atentados reivindicados pela *Al Qaeda* em setembro de 2001 à proclamação do Estado Islâmico em junho de 2014, intelectuais, artistas, celebridades e de lideranças a adeptos do islamismo foram chamados a explicar ao mundo ocidental qual a natureza de suas práticas religiosas, como inimigos em potencial e submetidos a discriminações de toda sorte. No discurso jornalístico, a expressão da discriminação foi o uso generalizado de

---

<sup>69</sup> Ibid. p. 69.

<sup>70</sup> Ibid.

locuções como “islamismo moderado”, como se a vivência plena dessa religião implicasse, inexoravelmente, em ameaças à civilização.

Para o sociólogo Raphael Liogier, inverteu-se, com isso, o princípio da presunção da inocência, ou seja, os muçulmanos passaram a ter que provar, reiteradas vezes, não serem criminosos<sup>71</sup>; não apenas por serem muçulmanos, mas pura e simplesmente pela procedência árabe ou tão somente médio-oriental, nome e traços os mais elementares, como o uso de barba por exemplo.

Dos declaradamente adeptos do islamismo passou-se a cobrar a identificação de uma postura, como dito, de “muçulmano moderado”, termo que para Liogier deveria ser suprimido dada a carga de violência simbólica que ele encerra contra a religião islâmica. Em suas palavras,

O islã seria como o arsênico, se você ingere demais, se é muçulmano demais, torna-se necessariamente um fundamentalista perigoso. Já a expressão “budista moderado” não funciona. Ser integralmente muçulmano equivaleria *ipso facto* a ser um integrista violento.<sup>72</sup>

São essas as novas faces do orientalismo.

### A *umma* e o califado

Mas é no islamismo que encontramos o conceito de *umma*, cujo significado é o de uma comunidade mundial de muçulmanos onde diferenças étnicas, nacionais, políticas e sociais de nada importariam e que imporia a missão histórica da construção de um califado.

Por sua vez, o califado, uma instituição particularmente islâmica, teria sido estabelecido após a morte do Profeta Maomé, com a finalidade de garantir sua sucessão na condução da nação islâmica. Este sentido explica o fato de *khalifa* significar “sucessor” e de o “califado” representar a perpetuação do legado de Maomé na definição dos destinos da *umma*.

Como sabemos, da sucessão de Maomé provém a cisão da nação islâmica entre sunitas e xiitas que, com isso, interpretam de forma distinta a instituição do califado e quem por direito poderia reclamar a condição de califa. Para sunitas, é necessário

---

<sup>71</sup> LIOGIER, Raphael; “A islamização é um mito, e nós somos animais míticos”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 57.

<sup>72</sup> Ibid.

descender da tribo de Maomé e ter prestado relevantes serviços à causa islâmica; para xiitas, o legítimo califa deve descender diretamente da família do Profeta, da linhagem de Fátima, sua única herdeira.

A referência não é apenas religiosa, mas histórica, e remete ao reinado de Maomé, no séc. VI, bem como às glórias do califado abássida de *Raqqa*, na Arábia dos séculos VIII e IX, primeira manifestação territorial do islamismo que, sob a liderança dos 4 califas que sucederam Maomé, alcançou tamanha grandeza territorial e cultural, em nome do Islã, que sobrepôs a de Bizâncio.

Proclamado em 750, no ano de 762 sua sede foi transferida para Bagdá, a partir de onde seu domínio territorial foi estendido até Israel e, após um vagaroso declínio, o governo da dinastia abássida capitulou frente às invasões mongóis no ano de 1258, culminando no saque de sua capital. Três anos depois, o poder abássida reapareceria no Egito mameluco, onde até 1519 seguia reivindicando a autoridade religiosa sobre toda a nação islâmica, transferindo o califado para o Império Otomano e sua capital, Constantinopla. No século XVI, com as conquistas de Maomé II sobre a Síria, Palestina e Egito, e sua aclamação como guardião das cidades sagradas de Meca e de Medina, os sultões otomanos passaram a reivindicar também o título de califa.

Muitas são as representações deste período elaboradas pelo EI, por exemplo, o estandarte negro e amarelo que parece contrariar o uso da cor verde, historicamente associada ao Islã, mas que ancora suas razões nas duas bandeiras atribuídas ao califado do séc. VII: uma branca, utilizada em negociações; e uma preta, que significaria a guerra. A saudação que se tornou comum aos membros do EI, estendendo o braço para o alto e apontando o dedo indicador para o céu, é o gesto característico do *Al-Tawhid*, remetendo ao primeiro califado e às divisas da onisciência e onipresença de *Allah*. É também o caso do recurso às decapitações, práticas do século VIII destinadas aos inimigos dos califas que exigiam receber suas cabeças em bandejas.

Desde 1924, com a dissolução do Império Otomano e a implementação das reformas que aboliram o califado por iniciativa de Mustafa Kemal Atatürk, a estrutura política que sustentara a *umma* deixou de existir e, como princípio teológico, o entendimento desde então predominante é o de que a instituição de um novo califado é obrigação da comunidade de muçulmanos espalhada mundo afora.

A partir da década de 1950, a organização internacional sunita pan-islâmica *Hizb ut-Tahrir*<sup>73</sup> - presente em 40 países e com cerca de um milhão de membros - passou a defender abertamente o renascimento do califado e a implementação da *Sharia*, por meio da unificação dos países muçulmanos.

No dia 26 de outubro de 1994, em *Arava*, a assinatura do Tratado de Paz entre o Estado de Israel e o Reino Hachemita da Jordânia, ligada aos esforços do processo de paz entre Israel e a Autoridade Palestina, reconhecia o direito de Israel sobre territórios outrora pertencentes ao califado, radicalizando o movimento salafista que, acusando governos árabes de traição, proliferou na forma de novas organizações *jihadistas* defensoras do restabelecimento do califado e, com isso, da destruição tanto do Estado de Israel, considerada uma potência política estrangeira em solo muçulmano, quanto da aniquilação do povo judeu. É o caso de organizações como o *Grupe Islamique Armé* (GIA), na Argélia; o Exército Islâmico de *Áden-Abyan*, no Iêmen; e o *Al-Tawhid*, no Iraque. Segundo Napoleoni, esses grupos partilhavam o mesmo objetivo: “*provocar uma jihad revolucionária em todo o mundo islâmico e expulsar dele todos os governantes favoráveis ao Ocidente*”<sup>74</sup>.

De 1996 a 2001, quando Mohammed Omar, líder do Talibã, governou o Emirado Islâmico do Afeganistão sob o título de “Chefe do Conselho Supremo”, se autointitulou *Amir al-Mu'minin*<sup>75</sup>, um tradicional título do califado. O pretense califa lutara a *Jihad* antissoviética nos anos 1980 onde perdeu a vista direita, valendo-se de técnicas de guerrilha aprendidas em um centro de treinamento gerenciado pela CIA e pelo serviço secreto paquistanês, até converter-se em um dos homens mais procurados pelo *Federal Bureau of Investigation* (FBI), condição que manteve até a sua morte, em 2013.

Mulá Omar fora acusado a dar guarida a Osama Bin Laden e a outros membros da *Al Qaeda* durante as preparações dos atentados de 11 de setembro de 2001 e depois dos ataques. Em várias de suas declarações, o saudita Bin Laden, outrora aliado dos EUA na luta contra a ocupação soviética do Afeganistão, afirmava que seu maior objetivo era a restauração do califado.

Mas, oficialmente, o último líder islâmico a reivindicar o título de califa, antes de al-Baghdadi, foi Abdülmecid I, Sultão do Império Otomano, considerado o 31º Califa e que governou até 1861.

---

<sup>73</sup> “Partido da Libertação”.

<sup>74</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 105.

<sup>75</sup> “Comandante dos Fieis”.

E tal qual o califa de *Raqqa*, no século VIII, ao autoproclamar-se califa, al-Baghdadi afirmava sua descendência direta da tribo de Maomé, reivindicando, portanto, o direito divino de liderar a nação islâmica.

O princípio teológico é utilizado pelo EI para privilegiar uma estratégia assentada numa base territorial; ao contrário da organização que até 2013 o tutelou, a *Al-Qaeda*, que se constituía como uma rede. O fundamento da territorialidade é que permitiu ao EI, no dia 29 de junho de 2014, após destruir com escavadeiras o muro de areia que separava a Síria e o Iraque, proclamar sua soberania sobre os territórios que passara a controlar e, por meio da guerra de conquista direta, reclamar o seu reconhecimento como um Estado Islâmico. É o que explicara um combatente do próprio EI que se identificou como Abu Omar, em entrevista concedida ao *The New York Times*: “a *Al-Qaeda* é uma organização e nós um Estado”<sup>76</sup>, afirmara o jovem.

Ainda que a reivindicação desta base territorial encontre fundamentação religiosa, lideranças sunitas afirmam que um novo califado, para que fosse legítima iniciativa da *umma*, precisaria contar com o consenso dos muçulmanos e não somente de “algumas pessoas reunidas num pequeno ponto do mundo”<sup>77</sup>.

Mais do que isso, sem a concordância da maioria dos muçulmanos, o califado proclamado por al-Baghdadi dividiria o mundo islâmico e o poria ainda mais em discórdia, estimulando a criação de califados rivais.

Anunciar um califado sem consenso constitui uma sedição (*fitnah*), porque deixa fora do califado a maioria dos muçulmanos que não o aprova. Isso levará também à emergência de vários califados rivais, semeando dessa forma a sedição e a discórdia (*fitnah*) entre os muçulmanos. Os inícios dessa discórdia já se anunciaram quando os imames de Mossul se recusaram a prestar vassalagem a vocês e foram mortos.<sup>78</sup>

Muitas das apropriações e ressignificações do passado, produzidas pelo EI acerca do califado, para o historiador francês Jean-Pierre Filiu, têm claras funções de projetar sua guerra de conquista em direção ao futuro. O professor da *Sciences Po* se refere à profecia atribuída a Maomé por algumas tradições e que prevê a eclosão, no

<sup>76</sup> In: HUBBARD, Ben; “ISIS threatens Al Qaeda as flagship movement of extremists”; *The New York Times*, 30 jun. 2014 (disponível em: [https://www.nytimes.com/2014/07/01/world/middleeast/isis-threatens-al-qaeda-as-flagship-movement-of-extremists.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2014/07/01/world/middleeast/isis-threatens-al-qaeda-as-flagship-movement-of-extremists.html?_r=0)); cit. por NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 100.

<sup>77</sup> “Carta aberta a Al-Baghdadi e aos partidários do Estado Islâmico”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 69.

<sup>78</sup> *Ibid.* p. 70.



Norte da Síria - entre *Amaq* e *Dabiq* -, de um conflito apocalíptico entre um exército muçulmano e os *Roum*, seus divisionistas ortodoxos.<sup>79</sup>

As visões são reclamadas pelo EI quando pôs o nome de *Amaq* a uma de suas agências de notícia e *Dabiq* a sua mais importante revista digital. Os estrangeiros que se juntam à *Jihad* salafista na Síria e no Iraque seriam os convertidos que os cristãos reclamariam, nas profecias, dos muçulmanos e de cuja negativa resultaria uma sangrenta guerra na qual um terço dos combatentes morreria e outro terço desertaria, mas o terço que seguiria em luta conquistaria a vitória, anunciando o triunfo absoluto do Islã no mundo e a consecução do juízo final.<sup>80</sup>

Logo, aderir ao EI significaria juntar-se à comunidade dos eleitos o que, para o propósito da construção de um Estado, constituiria o necessário princípio legitimador de seu poder político.

A existência, durante tanto tempo, de uma civilização de tal forma magnânima, deixou traços indelévels na cultura e nas identidades dos povos médio-orientais mesmo séculos depois de seu colapso como, por exemplo, um idioma comum, dentre tantos outros signos identitários partilhados por inúmeras coletividades que se reconhecem pertencentes a um mesmo espírito. No entanto, a partilha de signos e significados inclui também os séculos de conquistas, intervenções e humilhações as mais diversas, impostas pelas grandes potências ocidentais durante a “era dos impérios”<sup>81</sup>, de 1875 a 1914 e, revividas, da “era dos extremos”<sup>82</sup>, de 1914 a 1991, em diante.

A promessa de retorno a um passado tanto idílico quanto redentor, firma seus lastros com coletividades muçulmanas submetidas a situações de adversidades extremas e recalcamientos diversos, com severas restrições sociais e, em muitas sociedades, profundamente marginalizadas. No Oriente Médio, é o caso das populações fragilizadas pela guerra civil no Iraque e na Síria, onde seus respectivos governos se voltam com mão de ferro contra populações sunitas; no Egito, a população que se levantara no assenso revolucionário de 2011 a 2013 e amarga hoje o governo parido por uma junta militar; em Israel, enquanto avançam os assentamentos na Cisjordania, ataques intersticiais seguidos de sofríveis períodos de reconstrução flagelam o povo palestino em Gaza; na Líbia, os grupos armados, financiados pelo Ocidente para derrubarem o

<sup>79</sup> FILIU, Jean-Pierre; “Um confronto apocalíptico”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 110.

<sup>80</sup> Ibid.

<sup>81</sup> Cf.: HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios - 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

<sup>82</sup> Cf.: HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

regime de Gaddaf, já tendo escapado ao controle de seus financiadores, põe o país sob risco de um sangrento conflito tribal.

O retorno do califado, prometido pelo EI, não como mera cópia do passado mas projetando-se com meios modernos para um futuro redentor, tem se mostrado um artifício político extremamente eficiente para a conformação de sua necessária base de apoio.

### As origens profundas do *jihadismo* sunita

É preciso também identificar, em processos históricos e no tempo da “longa duração”<sup>83</sup>, portanto muitíssimo anteriores à intervenção militar norte-americana no Iraque, as origens profundas do *jihadismo* sunita que proclamaria o EI.

Antes de mais nada, há um problema conceitual a enfrentar em razão do uso muitas vezes leviano e mesmo preconceituoso dos termos *Jihad* e *jihadismo*, frequentemente traduzidos de forma simplista e equivocada como “guerra santa”, significado atribuído à resistência islâmica organizada durante as Cruzadas, do século XI ao XIII e que não encontra lastro linguístico, filosófico ou sociológico que se sustente. O termo *Jihad*, do árabe, traduz-se como “esforço, empenho ou luta” e seu sentido religioso, que pode ter diversos significados segundo o Corão, foi atribuído pela *Ulema*, corpo de teólogos do islamismo, os *Ulemás*, que após a morte do Profeta Maomé converteram-se em guardiões da *Sharia*, incumbidos de assessorar os califas pronunciando-se sobre temas religiosos.

Como um aprimoramento dos ensinamentos do Corão e da *Suna*, a *Jihad* expressa a luta ou o empenho pela causa de *Allah* e pode se manifestar de formas distintas, concebendo-se dois tipos de *Jihad*: a *Jihad* maior, que significa uma luta espiritual, cotidiana e íntima dos fiéis consigo mesmos contra os seus desejos carnis e sua dimensão irascível; e a *Jihad* menor, cuja luta assume a forma material contra os agressores e detratores do islamismo.

O conceito de *Jihad* menor, versando sobre o mundo material e usual nas relações políticas entre o califa e seus súditos, pode ser compreendido também como um instrumento para a defesa da comunidade dos fiéis e daquilo que o pensamento político ocidental concebeu como soberania, desde que guardadas as devidas proporções. Nestes

---

<sup>83</sup> Cf.: BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Presença, 1972, pp. 7-70.

termos, o conceito de *Jihad* menor foi proposto pelos *Ulemás* subdividindo-se também em tipos distintos: a defensiva e a ofensiva. Sua expressão defensiva serviria a momentos em que o califado estivesse ameaçado por inimigos internos ou estrangeiras, devendo os fiéis empreender a *Jihad* para protegê-lo. Já a *Jihad* ofensiva seria proclamada apenas pelo califa e para a expansão do califado.

Enquanto o conceito de *Jihad* maior manteve-se praticamente inalterado ao longo dos séculos; o sentido de *Jihad* menor foi modificado por distintas tradições no Islamismo e, sobretudo, por parte de seus detratores a fim de afirmar um caráter intrinsecamente beligerante e violento da religião.

Ao fazermos o uso, nestas linhas, dos termos *Jihad* e *jihadismo*, não pretendemos ecoar esses simplismos e preconceitos, tampouco atribuir à religião um peso que pode não corresponder à realidade dos conflitos médio-orientais contemporâneos e, mormente, sobre o EI; mas conceber o sentido que lhe é atribuído pela tradição sunita salafista reivindicada pela organização, a fim de compreender parte das justificativas religiosas elaboradas para muitos de seus atos como expressões de *jihadismo*, ainda que ocultem motivações de natureza distinta da religiosa.

É preciso também afirmar que o conceito de *Jihad* menor, comumente reivindicado por organizações sunitas e que é objeto das mais distintas interpretações, tem importância histórica imensurável para a definição dos destinos do mundo muçulmano. Foi fundamental, por exemplo, para a defesa do Islã contra o assédio dos francos durante a Segunda Cruzada (de 1147 a 1149), em resposta à conquista muçulmana de Edessa, no ano de 1144. Apesar de reconquistar Lisboa, a expedição anunciada pelo papa Eugênio III, tendo à frente da cristandade europeia os poderosos exércitos de Luís VII da França e Conrado III da Germânia, não foi capaz de vencer o Islã liderado por Saladino, sultão aiúbida da Síria e do Egito e que proclamara a *Jihad* para a defesa de Edessa.

De acordo com Napoleoni, um marco que transformaria o conceito de *Jihad* menor em uma luta anticolonial foi o processo de fundação da “Irmandade Muçulmana” no Egito, sob domínio britânico, pelo jovem Hassan al-Banna, em 1928. Ecoando o fim do Império Otomano e a extinção, em 1924, do califado turco, a *Jihad* egípcia significaria a luta pela independência de seu povo dos grandes impérios europeus.<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 99.

Já para Ben Jelloun, a compreensão dos sentidos e significados históricos do *jihadismo* depende de dois momentos distintos que precisam ser recuperados.

O primeiro data de 29 de agosto de 1966, quando Gamal Abdel Nasser, presidente do Egito, ordenou a execução do intelectual Sayyid Qutb, líder da “Irmandade Muçulmana”, por enforcamento. Qutb defendera a *Jihad* para além de uma luta anticolonial, como uma luta revolucionária capaz de alterar não apenas um governo, mas a própria pirâmide social. Tratava-se de um significado atribuído ao conceito de *Tawhid*, que de “unidade absoluta de Deus” passava a ter profundos sentidos políticos uma vez que nem o povo, nem os partidos políticos e nem a humanidade seriam capazes de emanar o poder político necessário para a sua emancipação; escrevera Qutb, no cárcere onde aguardava sua execução, que “*Deus é a fonte do poder*”, o que projeta um Islã político como modelo de governo ideal, na forma do califado. O postulado afrontava a política de alinhamento com o Ocidente encampada por Nasser, tida por al-Qutb como apostata. Sua conversão, de líder religioso em mártir de uma luta política, teria fornecido ao islamismo um componente que até então faltara para a sua instrumentalização como “arma de guerra”.

O segundo momento teria sido o da proclamação da República Islâmica do Irã - a Revolução Iraniana -, em 1979, com a chegada do aiatolá Sayyid Ruhollah Musavi Khomeini ao poder e que teria legado ao mundo muçulmano um islamismo fortemente eivado de caracteres políticos<sup>85</sup>. Para o binômio xiismo/sunismo, a revolução de 1979 tinha o significado da criação de uma nova expressão de teocracia xiita no Oriente Médio, reconfigurando-se a partir de então todo o complexo identitário do Islamismo.

Para Laurens, o advento da revolução demonstrara, a partir do Irã, claras possibilidades de uma força muçulmana tomar o poder, o que teria sido interpretado por autoridades sunitas como um sinal de alerta para uma hegemonia xiita sobre o Islã. Recordo o autor que, 10 anos depois da proclamação da República Islâmica do Irã, Khomeini, ao condenar à pena capital o escritor indiano Salman Rushdie - sob a acusação de ter causticado o islamismo nas linhas de “Os versos satânicos” -, o fez em nome de toda a comunidade dos muçulmanos, não apenas iranianos ou xiitas.<sup>86</sup>

Trata-se de um período eminentemente formativo se considerarmos também que o ano de 1979, com a invasão soviética do Afeganistão, levava às intervenções norte-

---

<sup>85</sup> JELLOUN, Tahar Ben; “O califado selvagem”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 15.

<sup>86</sup> LAURENS, Henry; “Um tratado de paz entre sunitas e xiitas parece impossível!”; Op. Cit. p. 73.

americanas que fomentariam a emergência de grupos *ihadistas* sunitas como os talibãs, por meio de órgãos de inteligência como a CIA, que os treinou e armou, junto do financiamento saudita e de emirados do Golfo Pérsico. O protagonismo desses mesmos grupos seria determinante, duas décadas depois da desocupação do país, nas relações entre o Ocidente e países árabes.

Para o cientista político francês Gilles Kepel, este é o momento de um *ihadismo* de primeira geração, concentrado no Afeganistão e que teria se estendido de 1979 até 1997, passando, no dia 15 de fevereiro de 1989, pela retirada das tropas de ocupação daquele que deveria ter sido o Vietnã soviético<sup>87</sup>. A estratégia também possibilitaria conter a revolução islâmica nos limites do Irã xiita, em razão do fortalecimento de sunitas sauditas.

Mais do que isso, considerada a desocupação soviética uma excepcional vitória do *ihadismo* sunita - em especial, dos *mujahidins* -, puderam os combatentes se voltar contra um novo inimigo externo e um antigo inimigo interno, respectivamente, os Estados Unidos - a “Nova Bizâncio” - e as comunidades xiitas.

Mas é primordialmente em razão da penetração das noções de *Jihad* e de república islâmica que, para Ben Jelloun, o islamismo é alçado à condição de “ideologia de combate”. Nas palavras do autor,

A partir do fim dos anos 1970, as noções de jihad e de república islâmica penetram nas lutas e chegam a contaminar a revolução palestina que não usava a religião, e ainda menos o islã, como ideologia de combate. Para isolar Yasser Arafat, Ariel Sharon encoraja discretamente a criação do Hamas. Xiitas e sunitas se opõem no Líbano onde o Hezbollah é muito ativo, armado e financiado pelo Irã através de seu aliado sírio presente em solo libanês. Hoje em dia, esse movimento apoia militarmente Bashar al-Assad contra os rebeldes laicos e democratas. Ao mesmo tempo, um acordo teria sido feito entre Al-Assad e os líderes iihadistas, que ele poupa em seus bombardeios.<sup>88</sup>

A década subsequente assistiu ao sangrento conflito entre Irã e Iraque, de 1980 a 1988, e a conversão de uma estratégia xiita defensiva, no caso do Irã, para posturas ofensivas que não se limitariam aos campos de batalha mas, vivamente, à seara diplomática e ao estabelecimento de alianças com organizações como o *Hezbollah* no Líbano, setores *alawitas* na Síria, o *Hamas* na Palestina, e até mesmo no mundo sunita, com segmentos ditos moderados.

<sup>87</sup> KEPEL, Gilles; “Os massacres de 13 de novembro ilustram a jihad da terceira geração”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 82.

<sup>88</sup> JELLOUN, Tahar Ben; “O califado selvagem”; Op. cit. p. 16.

Da vitória do  *jihadismo*  sunita contra a URSS, no Afeganistão, até os massacres do templo de  *Hatchepsut* , em  *Luxor* , a estratégia foi a de levar a  *Jihad* , organizada no Paquistão e posta em combate no solo afegão, até a Argélia e o Egito, intento que fracassara já no ano de 1997.

Aos 17 de novembro de 1997, o assassinato de 58 turistas estrangeiros em  *Deir el Bahari* , no Egito, no templo mortuário da rainha-faraó  *Hatshepsut* , por 6 militantes do grupo  *Jihad Talaat al-Fath* , facção  *jihadista*  egípcia, surtiu o efeito contrário daquele desejado: além de não resultar em esforços de mobilização para uma insurgência sunita, as ruas egípcias acabaram tomadas, por diversos dias, por manifestações contrárias aos atos de terrorismo.

No mesmo período, a Guerra Civil Argelina, irrompida em 1991, acabara com a rendição do “Exército de Salvação Islâmica” e, em 2002, com a derrota do “Grupo Islâmico Armado” (GIA), após um sangrento conflito inter cruzado entre facções  *jihadistas*  distintas - a “Frente Islâmica de Salvação” (FIS), baseada nas montanhas e que abriu conversações com o governo no ano de 1994; e o GIA, baseado nas aldeias, que compreendeu a iniciativa como um ato de traição - além de uma série de massacres, perpetrados pelo GIA e que atingiram seu auge no ano de 1997, acabaram se convertendo em elementos determinantes para o cessar-fogo unilateral que significou, ali, a derrota do intento  *jihadista*  sunita.

A dupla derrota marcava o fim do  *jihadismo*  da primeira geração, conforme sustentou Kepel.<sup>89</sup>

Enquanto a primeira geração combatera o inimigo próximo, a segunda geração, sob os auspícios da  *Al Qaeda* , alcançou seu ápice com os ataques à Nova Iorque e Washington no dia 11 de setembro de 2001, nominando o inimigo distante do Islã: os EUA.

Para o geoestrategista Gérard Chaliand,

O atentado do 11 de setembro de 2001 representa o ápice do terrorismo clássico. A Al-Qaeda ainda luta sem armas químicas, sem armas biológicas, sem armas de destruição em massa. Por mais que tenha atingido as consciências, o atentado permanece o feito de um bando que tomou o controle e os comandos de dois aviões civis usando estiletos: o mínimo do mínimo. Eles estavam determinados a se sacrificar. A operação, do ponto de vista deles, foi um perfeito sucesso.<sup>90</sup>

<sup>89</sup> KEPEL, Gilles; “Os massacres de 13 de novembro ilustram a jihad da terceira geração”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. pp. 82 e 83.

<sup>90</sup> CHALIAND, Gérard; “O terrorismo visa o espírito e as vontades”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 94.

Para o *jihadismo* desta etapa, os resultados imediatos dos atentados foram tomados efusivamente como vitoriosos, tendo sido o império atingido em pontos nevrálgicos; mas no seio das nações islâmicas os ataques não teriam sido suficientes para que houvesse, ato contínuo, uma insurgência sunita. E foram exatamente os fracassos dessa segunda geração, ou seja, a guerra deflagrada pelos EUA e seus aliados contra o Afeganistão, em 2001, e o Iraque, em 2003, que determinariam, no mais brutal de suas contradições, os sucessos do *jihadismo* de terceira geração, que teria alcançado sua maturidade entre os anos de 2005 e 2012.

É como deve ser considerado o *jihadismo* reclamado pelo EI, muitíssimo distinto da geração imediatamente anterior, encarnada na liderança de Osama Bin Laden, incumbido de praticamente todo o suporte material e financiamento das ações de seus quadros, o que revela uma estrutura rigidamente verticalizada em suas cadeias de comando<sup>91</sup>. Para Abu Musab al-Suri, um de seus idealizadores, a orientação da *Jihad* precisaria ser oposta àquela defendida por Bin Laden, ou seja, vir de baixo para cima, por isso a necessidade de priorizar a constituição de uma consistente base de apoio, por meio de alianças com tribos sunitas locais e outros potenciais aliados, atacando, em seu nome, os inimigos comuns do sunismo sem com isso abnegar de ações *jihadistas* no Ocidente.

Outra distinção notável entre a segunda e a terceira geração é o entendimento manifesto acerca do processo de globalização e nele a percepção sobre a ocorrência de uma revolução informacional, com isso, a consecução de estratégias de uso de tecnologias de informação que em pouquíssimo tempo tornaram o EI conhecido no mundo todo, potencializando sua capacidade de recrutar combatentes em diversas regiões do planeta, enquanto os talibãs o máximo que puderam fazer foi atuar na formação de seus combatentes valendo-se para isso das convencionais escolas islâmicas.

Os ensaios primeiros desta geração datam de 2005, a partir das lideranças de Abu Musab al-Zarqawi e de Abu Musab al-Suri, “o sírio”, e cuja origem provém de um desenvolvimento notadamente dialético, conforme demonstrou Kepel. Para o autor, os elementos de afirmação deste tipo distinto de *jihadismo* viriam da consolidação da

---

<sup>91</sup> KEPEL, Gilles; “Os massacres de 13 de novembro ilustram a jihad da terceira geração”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 81.

*Jihad* no Afeganistão, negados pela liderança de Bin Laden em função de seus insucessos e superados, pela via da negação da negação, por al-Zarqawi, novíssima liderança da *Al Qaeda* no Iraque<sup>92</sup>.

A nova orientação dada ao *jihadismo*, nascente dos escombros da guerra e da ocupação norte-americana no Iraque, não abnegava do inimigo distante, mas voltava-se firmemente para a consolidação de uma consistente base de apoio entre populações sunitas e quadros saddamitas, sobretudo os antigos efetivos do Exército Republicano e das forças policiais do Iraque, laicos. A estratégia identificava a defesa das populações sunitas não apenas dos desdobramentos da guerra e da ocupação mas, no momento imediatamente subsequente, do governo representante da avassaladora maioria xiita e que se estruturava a fim de impor mão de ferro à minoria sunita.

No espectro externo, os alvos eram significativamente ampliados para países europeus, para além do inimigo distante demais, os EUA. A dialética também se aplica às estratégias internacionais da organização uma vez que os atentados contra alvos ocidentais não teriam apenas as funções convencionais do terrorismo, a saber, impor o terror ao inimigo e viabilizar alianças: eles agravariam ainda mais os fenômenos da islamofobia e das intervenções imperialistas que deram origem ao grupo, provocando ainda mais a polarização das populações muçulmanas e a adesão às proposituras mais radicais, o que beneficiaria ainda mais o EI.

Em termos de síntese, esclarece Napoleoni que, desde o final da década de 1950, o debate sobre os significados da *Jihad* menor têm sugerido 3 hipóteses distintas: a contracruzada, a luta anticolonial e a revolução. Incorporando as três representações, o EI teria dado ao conceito novíssimo conteúdo: o da construção de um Estado, tanto ancestral quanto moderno.<sup>93</sup>

## Um exército sem Estado

Ao caracterizar o EI, Gérard Chaliand, geoestrategista francês, começou por dizer que se trata de um movimento bastante distinto das organizações terroristas clássicas, o que não se deve apenas ao fato de autoproclamar-se um Estado, e não uma mera facção *jihadista*. O que o distingue são, também, suas estratégias de atuação e que

---

<sup>92</sup> Ibid. p. 83.

<sup>93</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 99.



compõem o uso concomitante de meios de guerra, guerrilha e terrorismo; o que implica na mobilização de efetivos tanto para as linhas convencionais de batalha quanto para ações pontuais, no mais das vezes atentados suicidas.<sup>94</sup>

Apenas no ano de 2013, o EI alegou ter realizado em torno de 10 mil operações no Iraque, dentre as quais a libertação de militantes presos, mil assassinatos e atentados com mais de 4 mil artefatos explosivos deflagrados.<sup>95</sup>

Apesar de distintas, não seriam estratégias de todo desarticuladas: o EI as utiliza de forma à espetacularização de uma, escamotear as fraquezas de outra. É o que explica o recurso às imagens cuidadosamente produzidas e sofisticadamente editadas das violentíssimas execuções de prisioneiros e inimigos de toda sorte, e que têm efeitos psicológicos capazes de impor pânico e terror àqueles que, pela via militar, não se produziria o mesmo efeito em função do quão inexpressivo seria este poderio no ambiente das potências médio-orientais e seus exércitos regulares. As imagens, quão mais violentas sejam, também repercutem no processo de conversão de muçulmanos ao credo salafista, por medo ou por sentirem-se vingados de todos os males que sofreriam nas mãos daqueles que agora eram trucidados pelo EI.

Para isso, em relação à geração *jihadista* anterior, o EI necessitou travar uma guerra em outro campo de batalha: o da informação, pela conquista de corações e mentes. Pode-se dizer que estas sejam as principais armas que constituem os arsenais do grupo na guerra pela opinião pública, entre redes sociais e ferramentas como o aplicativo russo *Telegram* e aplicativos criados pelo próprio grupo não apenas para difundir sua propaganda, mas para facilitar a comunicação entre seus membros, como o *The Dawn of Glad Tidings* - ou simplesmente *Dawn* -, aplicativo para o *Twitter* que mantém quaisquer interessados atualizados sobre o avanço do EI.

Vale-se, para isso, do que Napoleoni identificou como “pulsões voyerísticas” que dominam a sociedade virtual habitando os “não-lugares” da rede mundial de computadores como *locus* de sociabilidade e que permitem que atos de violência extrema, como aqueles perpetrados pelo EI, difundidos pela *internet* e amplificados pelas agências de notícias, vendam ainda mais notícias, em um mundo sobrecarregado de imagens e dentre as quais destacam-se aquelas mais sangrentas.<sup>96</sup>

---

<sup>94</sup> CHALIAND, Gérard; “O terrorismo visa os espíritos e as vontades”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 91.

<sup>95</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. pp. 70 e 71.

<sup>96</sup> Ibid. p. 20.

Para que se tenha ideia do vulto das vitórias acumuladas pela organização, nesta frente, na Primeira Guerra do Golfo, em 1991, 95% do fluxo de informações passava pela agência CNN, monopólio que não chegara a ser comprometido mesmo com a concorrência estabelecida, anos depois, pela agência médio-oriental *Al-Jazeera*. Valendo-se de elementos de tecnologias de informação e elaborando conteúdos em até 13 idiomas, o EI consegue hoje rivalizar de tal forma com estes poderes que se pode dizer, firmemente, da produção equivalente de contra discursos sobre a guerra, a maior parte deles, ainda que exibindo imagens de atrocidades reais, apresenta no plano ficcional um poderio bélico incapaz de ultimar as conquistas que a organização profetiza realizar.

É o que se pode dizer em relação a alvos no Ocidente, contra os quais a única estratégia de ataque viável é o uso de militantes estrangeiros em ações isoladas, apesar das mensagens difundidas em redes sociais e sítios de *internet* em que o grupo afirma sua capacidade de invadir países como Turquia, Itália e França, o que estaria distante demais de acontecer. No chão duro e concreto da realidade, os inimigos reais do EI seguem sendo: a *Jabhat al-Nusra*, facção rival na Síria, ainda pertencente a *Al Qaeda* e que até a sua dissolução, em 2016 (quando dividiu-se em 6 grupos distintos) recebeu a ajuda financeira da Arábia Saudita, do Qatar e da Turquia; e as populações xiitas, alvos que, sempre que atingidos, garantiriam ainda maior coesão da base de apoio sunita da qual o EI obtém parte significativa da legitimidade que necessita para o exercício do poder político, nos territórios onde reclama sua soberania.

No plano militar, os inimigos que o EI combate, na guerra de conquista direta que vem movendo, estão dispostos em diferentes frentes: no Iraque, o EI empreende ataques à forças regulares do governo xiita do primeiro-ministro Haider Al-Abadi e, na região Norte, combatentes curdos (os *Peshmerga*); na Síria, bate-se tanto contra as tropas do regime de Bashar al-Assad quanto contra o “Exército Livre” e outros grupos rebeldes, de cujo avanço se vale para a conquista de territórios onde o governo sírio perdera sua soberania, e contra a frente *al-Nusra*, filiada à *Al Qaeda* e sua antiga aliada (conforme dito, até 2016, quando se fragmentou). Em ambas as frentes, o EI enfrenta ainda milícias xiitas e a “Frente Islâmica”, um consórcio de grupos *jihadistas* opositores do salafismo apoiado pelo Qatar e pela Turquia. O inimigo xiita, encarnado pelo Irã (por sua vez anteparado pela Rússia), aparece nos campos de batalha na forma dos

combatentes *Pasdarans* - protetores da Revolução Islâmica -, cedidos pelo governo de Teerã para lutar tanto na Síria quanto no Iraque contra o EI.

Sobre os contingentes do Exército mantido pelo EI, eles não são claramente computados pelos setores de inteligência de seus opositores diretos: CIA, MI5 e MI6, e *Mossad*.

As informações sobre os efetivos do EI são gravemente desencontradas. Em reportagem datada de 29 de agosto de 2014, Sohab Ahmari, para o *The Wall Street Journal*, afirmava a existência de 12 mil combatentes estrangeiros, dentre os quais 2.200 seriam europeus<sup>97</sup>. Já os dados publicados em setembro de 2014 informavam a existência de um exército estimado entre 15 a 30 mil homens, dentre os quais mais da metade seria composta pelas “Brigadas Internacionais”, ou seja, por combatentes estrangeiros provenientes de diversos países.

Em entrevista publicada em 24 de setembro do mesmo ano, o geógrafo francês Michel Foucher alertava que

as cifras devem ser consideradas com precaução. Contam-se cerca de 3.000 europeus, de 1.000 a 2.500 sauditas, o mesmo número de tunisianos, uma centena de norte-americanos... Muitos morrem e são em parte substituídos. Estima-se que 700 novos combatentes estrangeiros chegam a cada mês.<sup>98</sup>

Já no ano de 2015 especulava-se, nas projeções mais liberais, até mais de 200 mil combatentes<sup>99</sup>, incluindo-se no cômputo algo em torno de 30 mil estrangeiros (de acordo com dados da CIA para o ano de 2015<sup>100</sup>) provenientes de mais de 80 países<sup>101</sup> (número atualizado, no ano de 2016, para 110) e cooptados tanto pelas redes sociais quanto em seus países de origem por agentes de alistamento.

---

<sup>97</sup> AHMARI, Sohrab; “Inside the mind of the western jihadist”; *The Wall Street Journal*, 29 ago. 2014 (disponível em: <https://www.wsj.com/articles/sohrab-ahmari-inside-the-mind-of-the-western-jihadist-1409352541>).

<sup>98</sup> Cf.: FOUCHER, Michel; “Uma ambição territorial”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 34.

<sup>99</sup> COCKBURN, Patrick; “War with Isis: Islamic militants have army of 200,000, claims senior Kurdish leader”. *The Independent*, Londres, 16 nov. 2014 (disponível no sítio: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/war-with-isis-islamic-militants-have-army-of-200000-claims-kurdish-leader-9863418.html>).

<sup>100</sup> SARHAN, Arme; “CIA: 30,000 foreign fighters have traveled to Syria and Iraq to join ISIS”. *Iraq News*. 29 Set. 2015.

<sup>101</sup> KUMAR, Revathi Siva; “UN Report on 15,000 Foreigners Joining ISIS Fighters in Syria And Iraq Will Shock You”. *International Business Times*, 3 Nov. 2014 (disponível no sítio: <https://web.archive.org/web/20141110162633/http://au.ibtimes.com/articles/571503/20141103/isis-un-report-haaretz-caliphate-security-council.htm#.Vww-bKQrKUK>).

Números bem mais modestos foram apresentados em maio de 2015 por Roberto Godoy, em reportagem publicada no jornal “O Estado de São Paulo”, tratando de 15 mil militantes estimados em março, mas num quadro que poderia chegar a 52 mil se considerados os contingentes distribuídos entre Líbia, Líbano, Nigéria e Iêmen<sup>102</sup>. Já em novembro, em entrevista concedida a Laurent Greilsamer e Manon Paulic, do *Le 1*, Chaliand afirmava a existência de um efetivo que iria de 20 a 30 mil guerreiros<sup>103</sup>; dentre os quais, segundo Olivier Weber, 10 mil teriam morrido no decurso dos 11 mil ataques que a coalização internacional realizou, a partir de junho de 2014, tendo sido prontamente substituídos<sup>104</sup>.

De acordo com o próprio EI, entre seus combatentes estariam, além de iraquianos e sírios, ingleses, franceses, alemães, belgas, chechenos, turcos e demais europeus, além de norte-americanos, norte-africanos e árabes provenientes de outros países. Segundo dados do ano de 2016, os principais contingentes viriam da Tunísia (5 mil), Arábia Saudita (2.275), Jordânia (2 mil), Rússia (1.700) e França (1.550)<sup>105</sup>. A estratégia, da forma como vem sendo utilizada, é sumamente nova entre organizações que operam no Oriente Médio como, por exemplo, a frente *Jabhat al-Nusra*, que recusava militantes estrangeiros por considera-los potenciais agentes dos organismos de inteligência a serviço do Ocidente. Já filiar-se ao EI para ações tanto no Ocidente quanto nas frentes de batalha da Síria ou do Iraque é um procedimento relativamente fácil.

O professor Peter Neumann, do *King's College* de Londres, estima que em torno de 80% dos combatentes ocidentais que lutavam na Síria entre 2011 e 2013, quando ali teve início a rebelião contra o regime de Bashar Al-Assad, tenham se juntado ao EI.

Para a correspondente de guerra italiana Francesca Borri, o fluxo de combatentes estrangeiros para o Norte da Síria, de onde muitos passaram a integrar o EI, foi intensificado em 3 momentos distintos: após o golpe de Estado no Egito e o massacre da “Irmandade Muçulmana” em 2013; após o ataque do EI à prisão de *Abu Ghraib*, em julho de 2013, libertando centenas de prisioneiros dentre os quais experientes *jihadistas*

---

<sup>102</sup> GODOY, Roberto; “EI está equipado para sustentar até 2 anos de guerra”; *O Estado de São Paulo*, 10 de maio de 2015, p. A17.

<sup>103</sup> CHALIAND, Gérard; “O terrorismo visa os espíritos e as vontades”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 91.

<sup>104</sup> WEBER, Olivier; “O feudo do terror”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 99.

<sup>105</sup> PAULIC, Manon; VINCE, Pierre; “Dossier”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 115.

e ex-militares da Guarda Republicana; e após os ataques do dia 21 de agosto de 2014, quando o governo de Assad fustigou a própria população com armas químicas.<sup>106</sup>

Há também aqueles que integram as brigadas do EI na qualidade de mercenários, caso de combatentes chechenos que chegam a receber até 7 mil dólares por mês para posições de elite, como a de *snipers*<sup>107</sup>. Mas ao se especular sobre os motivos pelos quais os combatentes, oriundos de países árabes ou estrangeiros, lutariam pelo EI e pela causa da consolidação do califado, os motivos religiosos, somados a uma série de recalcamientos oriundos de restrições sociais, sobressairiam às recompensas financeiras que não seriam propriamente atrativas para os *jihadistas*. É o que revelou a jornalista Hannah Allam quando expôs dados até então secretos e que informavam o salário médio dos soldados de infantaria do EI, de 41 dólares mensais, inferior à renda média de operários iraquianos e sírios, de 150 dólares por mês.<sup>108</sup>

Há agentes de alistamento em redes infiltradas que operam em diversos países e cujos sucessos mais expressivos vêm sendo obtidos na Europa, mais fortemente na França e na Bélgica.

O expressivo influxo de estrangeiros desejosos por compor as tropas do EI se explica em parte pela facilidade com que podem se deslocar para chegar às suas bases e teatros de operação. Enquanto a geração *jihadista* da *Al Qaeda* de Osama Bin Laden e de Ayman Al-Zawahiri se ocultava sob o manto da milícia talibã, protegidos no Afeganistão e no Paquistão em regiões praticamente isoladas e cujo acesso dependia de semanas de incursão; tanto o Iraque quanto a Síria podem ser alcançados, em poucas horas, por voos comerciais e estradas europeias.

As principais “portas de entrada” para estrangeiros arregimentados pela organização, para comporem suas fileiras, são os aeroportos internacionais de *Istambul Atatürk*, no lado europeu de Istambul, em *Yeşilköy*, no distrito de *Bakırköy*; e de *Hatay*, próximo às cidades de *Antakya* e *Iskenderun*; e, ato contínuo, a fronteira da Turquia com a Síria ou com o Iraque, onde estão os teatros de operação do EI.

Para o jornalista Éric Fottorino, a composição dos contingentes que lutam sob a bandeira negra do EI é formada pela imbricação de dois movimentos,

---

<sup>106</sup> Cit. por NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 86.

<sup>107</sup> PAULIC, Manon; VINCE, Pierre; “Dossiê”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 97.

<sup>108</sup> ALLAM, Hannah; “Records show how Iraqi extremists withstood US Antiterror efforts”; *McClatchyDC*, 23 jun. 2014 (disponível em: <http://www.mcclatchydc.com/news/nation-world/world/article24769573.html>); cit. por NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 58.

O primeiro, dissidente da Al-Qaeda, nasceu dos restos das guerras norte-americanas no Iraque e do sentimento de abandono das populações sunitas. Traz homens determinados por trás de seu líder Abu Bakr al-Baghdadi. Seu sonho: fazer renascer a qualquer custo o antigo califado do século VIII. O segundo movimento surge da atração exercida pelo EI sobre jovens do mundo inteiro – e da Europa em particular – que passaram ou não pela prisão, muitas vezes recém-convertidos ao que acreditam ser o islã. Eles encontram na causa do autoproclamado califa uma razão para viver que é sobretudo uma razão para morrer.<sup>109</sup>

Segundo o filósofo e sociólogo Edgar Morin, tanto para árabes-muçulmanos na diáspora quanto aqueles inseridos no mundo árabe, os motivos que pesam para a decisão de integrar a *Jihad* passam, inevitavelmente, pelo Ocidente. Espalhados pelo mundo, conheceriam na pele o que chamou de “sistema de dois pesos e duas medidas”, falando dos resultados, na França, da exaltação da democracia encarnada pelo Estado de Israel e do silêncio acerca do colonialismo que este tem engendrado na Palestina; ali, segundo Morin, tanto o antissemitismo quanto posturas antiárabes teriam relação direta com a prática. Enquanto no mundo árabe a maioria árabe-muçulmana estaria submetida a uma série de degradações, vistas as suas nações, como o Iraque e o Afeganistão, submetidas a intervenções imperialistas, o que agravaria ainda mais os fenômenos do fanatismo religioso, do antissemitismo, do ódio aos cristãos e aos povos ocidentais.<sup>110</sup>

A antropóloga Dounia Bouzar, que na França trabalhou com 130 famílias de jovens que partiram para a Síria a fim de integrar as “Brigadas Internacionais”, aliciados pelo EI, constatou que parte significativa dos estrangeiros que rumam à guerra civil não é atraída propriamente pelo *jihadismo*, mas persuadida por pautas humanitárias como a ajuda às crianças sírias em comunidades atacadas com uso de armas químicas pelas tropas do governo, o auxílio às famílias deslocadas pela guerra, a assistência a feridos etc.<sup>111</sup> Os dados que recolheu desmontam também as imagens que permeiam o imaginário comum, que concebe militantes estrangeiros do EI como fanáticos religiosos e oriundos de regiões pobres em seus países de origem; dos dados que Bouzar sistematizou, 70% das famílias desses jovens não se relacionava com a emigração e a diáspora dos povos árabes na Europa, a grande maioria provém de famílias de classe média ou alta, 80% seriam ateus e, dentre os 20% restantes, haveria famílias católicas, protestantes e judaicas, além de muçulmanas.<sup>112</sup>

<sup>109</sup> FOTTORINO, Éric; “Introdução”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 8.

<sup>110</sup> MORIN, Edgar; “Tentando compreender”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., pp. 10 e 11.

<sup>111</sup> BOUZAR, Dounia; “Os jovens franceses da jihad”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 51.

<sup>112</sup> Ibid. pp. 51-52.

A questão da procedência religiosa é de importância central para o sucesso das redes de alistamento, no entanto, numa lógica inversa. Nelas, o perfil buscado é o de jovens que desconhecem o islamismo, que se interessam pela situação do povo iraquiano em razão das intervenções estrangeiras e da guerra civil, e da violência com que o regime de Assad vem massacrando a insurgência rebelde na Síria.

A esses desconhecedores do islamismo é apresentado um Islã radical que, de acordo com Bouzar, passa distante das mesquitas, contrariando mais uma vez o senso comum que as concebe como lugares de arregimentação para a *Jihad*<sup>113</sup>. No lugar das mesquitas, cumprem a função do proselitismo à causa *jihadista* dezenas de vídeos sofisticados difundidos pela *internet* - prioritariamente nas redes sociais -, estratégia responsável por 90% da doutrinação realizada pela organização. Nos filmes produzidos com tecnologias de última geração, no lugar dos discursos religiosos aparece um rol de teorias da conspiração; reforçadas por imagens da violência da guerra e da ocupação no Iraque e de crianças esfaqueadas na Síria.

O que dá validade a essas caracterizações é principalmente o fato de a avassaladora maioria dos brigadistas internacionais aderir ao radicalismo *salafista* sem nunca ter posto os pés em uma mesquita, o que permite dizer de uma ruptura brutal destes jovens com uma dada condição de inserção social, e não de sua plena e sincera conversão ao islamismo.

Muito poucos voltam, muitos morrem. Outros são sequestrados, principalmente as garotas, que se “desdoutrinam” rapidamente ao constatar que não apenas não há ação humanitária nenhuma, mas também que os terroristas exterminam todos aqueles que não lhes prestam vassalagem. A começar pelos muçulmanos sírios que supostamente elas tinham vindo ajudar...<sup>114</sup>

Borri acusa os combatentes estrangeiros de serem mais brutais e violentos se comparados aos *jihadistas* locais, isso por distinguirem de sunitas que veem na promessa do califado possibilidades de construção de uma sociedade plenamente coerente com os princípios da *Sharia*, em sua interpretação salafista, e imune às degradações morais do Ocidente. A ausência desses caracteres religiosos nas identidades de parte considerável dos jovens estrangeiros que ali aportam diz de motivos fúteis para medidas tão graves como a de atravessar longas distâncias para adentrar à guerra civil e, nela, cometer atrocidades inomináveis. Trata-se, para estes

---

<sup>113</sup> Ibid. p. 52.

<sup>114</sup> Ibid. pp. 53-54.

jovens, de uma aventura militar que lhes possibilita ejetar todos os seus recalcamientos na mais brutal forma de violência contra homens, mulheres e crianças que, em suas visões de mundo, não devem ser concebidos como indivíduos plenos.<sup>115</sup>

Mas, para os muitos que atravessam a fronteira que lhes permite incorporar a guerra pelo califado, pisar o solo sagrado do Islã é um momento de sublime catarse, conforme o relato, prestado à *CNN*, de um agente do EI incumbido de infiltrar novos combatentes pela parte Sul da fronteira entre Turquia e Síria:

Para muitos, a travessia em si é uma experiência religiosa. Quando chegam à linha demarcatória da fronteira, eles se ajoelham e choram, derramam lágrimas mesmo, como se tivessem acabado de deparar-se com algo mais valioso do que suas próprias famílias. Eles acreditam que essa terra, a Síria, é onde Deus os julgará.<sup>116</sup>

O que os une, tanto os fiéis salafistas quanto os inconsequentes aventureiros que pisam o solo sangrento da guerra, é a probabilidade quase nula de retornar aos lares que uma vez deixaram.

### Armas e jogos

O sucesso das operações militares do EI se deve, decisivamente, ao poder militar que concentra, jamais reunido por organizações consideradas terroristas e constituído, em larga maioria, por armamentos abandonados nos campos de batalha da guerra civil Síria e durante o avanço *jihadista* no Iraque. Na frente síria, não são apenas as armas deixadas para trás que compõem os arsenais do EI, conforme confidenciado por uma fonte de Cockburn: [os integrantes do EI] “...dizem que ficavam sempre satisfeitos quando armas sofisticadas eram enviadas para qualquer tipo de grupo anti-Assad, porque eles podem sempre obtê-las por ameaça ou pagamentos em dinheiro”.<sup>117</sup>

Apenas no assalto à cidade de *Mosul*, os combatentes teriam se apossado de cerca de mil veículos blindados que passaram a ser utilizados em ações de infantaria blindada; também mísseis de diversos tipos e outros armamentos pesados avaliados em torno de um bilhão de dólares, que passaram a constituir suas reservas<sup>118</sup>.

<sup>115</sup> Cit. por NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 91.

<sup>116</sup> Ibid. pp. 102 e 103.

<sup>117</sup> Cit. por COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 45.

<sup>118</sup> Cf.: WEBER, Olivier; “O feudo do terror”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 102.



Os arsenais também são compostos por armamentos obtidos em bases iraquianas e sírias ocupadas, o que vem possibilitando-lhes organizar até mesmo uma força aérea de ataque, que estaria ainda em processo de formação e que já contaria com caças MiG-21 e helicópteros capturados das armas aéreas síria e iraquiana<sup>119</sup>.

Parte das armas utilizadas pelos *jihadistas* é de proveniência norte-americana e compunha os arsenais do exército iraquiano desde o fim do regime de Saddam Hussein. Também o contrabando vem alimentando os arsenais do grupo, que se vale de munições produzidas em linhas industriais de 21 fabricantes em diversos países<sup>120</sup>.

O uso de tecnologias de informação, redes sociais e aplicativos para *smartphones* também têm desempenhado importante papel nas ofensivas militares, conforme informou Dawod, dando conta de que antes do assalto a *Mosul* os oficiais do exército iraquiano teriam recebido mensagens, em seus aparelhos celulares, alertando-lhes que fugissem.<sup>121</sup>

De acordo com a Agência de Inteligência da Defesa dos EUA, os militantes do EI em nada se assemelham aos rebeldes que lutam na Síria contra Bashar Al-Assad ou mesmo aos insurgentes líbios que derrubaram Muammar al-Gaddafi; suas tropas estão organizadas a partir de complexas hierarquias que reproduzem as estruturas de exércitos regulares, o que se explica pelo fato de seus comandantes mais graduados serem oriundos do próprio exército iraquiano que compôs as tropas fiéis a Saddam Hussein. Tratam-se dos quadros mais bem treinados da antiga Guarda Republicana e que, radicalizados pela violência com que o governo xiita passou a tratar comunidades sunitas, migrou com sua expertise militar para o *jihadismo salafista*. Não apenas ex-combatentes sunitas, têm migrado para o EI também ex-militares *baathistas*, provenientes do antigo exército regular iraquiano e que, apesar da origem laica, prontamente se convertem ao salafismo.

A mesma agência informa que a unidade básica de combate do EI é composta, comumente, por 240 homens, o que equivaleria a uma companhia, dividida por sua vez em 20 grupos de 12 homens – dentre os quais um é o líder -, algo semelhante a um pelotão, com funções bem estabelecidas entre comunicações, apoio, assalto, operações

---

<sup>119</sup> GODOY, Roberto; “EI está equipado para sustentar até 2 anos de guerra”; Op. Cit., p. A17.

<sup>120</sup> Ibid.

<sup>121</sup> DAWOD, Hosham; “O Estado Islâmico está muito bem adaptado à guerra moderna”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 41.

especiais etc.<sup>122</sup> A função desses esquadrões é, primordialmente, a linha de fogo, por isso a analogia com as tropas de infantaria é a mais adequada.

À disposição dos combatentes estão fuzis AK-47, lançadores de granadas de 40mm, morteiros de 60mm e os RPG's - foguetes portáteis anti-blindagem.

### Construtores de Estado

O objetivo declarado do EI é firmar-se mesmo como um Estado de tipo teocrático e sunita, estabelecido em um território que reclama seu por direito divino e histórico uma vez que ali, no passado, florescera sua civilização. E tal qual Israel se afirma como um Estado judeu e o Irã um Estado xiita, o EI declara-se um Estado sunita, pretensamente etnorreligioso e que planeja libertar os territórios do Califado de Bagdá daqueles que considera falsos muçulmanos: xiitas e sufis, além de anexar a Jordânia e Israel, aniquilando no processo o povo judeu que, segundo as narrativas que difunde por diversos meios, teria usurpado também seus territórios.

Assim sendo, ao contrário do que ocorre com diversas organizações, incluso precursoras do EI como a *Al Qaeda*, o séquito liderado por al-Baghdadi não se apresenta como um grupo terrorista, apesar de valer-se de atentados terroristas praticados no Oriente Médio e no Ocidente, mas de posse de um poderoso exército e arsenais, a cabo de uma guerra de conquista direta, impõe-se como o inimigo de governos tirânicos e ilegítimos e de cujas vitórias ascenderia um legítimo Estado Islâmico na forma do califado.

A utopia política tem efeito imediato na juventude sunita desprovida de direitos, amargando no Iraque os resultados nefastos da guerra e da ocupação e, retiradas dali as bandeiras estrangeiras, sob a opressão política liderada até 2014 pelo Primeiro-Ministro Nuri al-Maliki, a total marginalidade, o desemprego e a exclusão por parte de um sistema político que os discrimina flagrantemente frente aos xiitas. A mensagem, que no Iraque toca a 6 milhões de sunitas, transcende suas fronteiras com a Síria e permite a identificação de sunitas por todo o Oriente Médio e de imigrantes muçulmanos submetidos a uma série de adversidades e degradações em todo o mundo. O califado, para esses segmentos alijados historicamente das estruturas de poder em regimes políticos carcomidos pelo autoritarismo e pela corrupção, tem um sentido redentor em

---

<sup>122</sup> GODOY, Roberto; “EI está equipado para sustentar até 2 anos de guerra”; Op. Cit., p. A17.

seu apelo pela emancipação que levaria ao gozo, em vida, do que a geração *jihadista* de al-Zarqawi, no recurso aos ataques suicidas com homens-bombas, prometia como paraíso celeste.

Se o propósito é o de construir um Estado, a guerra de conquista vem permitindo ao EI compor sua base territorial, maior que quaisquer organizações armadas já tenham controlado no passado; enquanto a retórica religiosa, que insurge a massa sunita contra seus inimigos históricos, somadas às narrativas messiânico-salvacionistas do califado, vêm conformando uma crescente base de apoio que, almeja al-Baghdadi, converter-se-á em fiéis súditos. Mas não são apenas estes os dois construtos em execução (povo e território); há também a edificação de seu aparato administrativo jurídico-político nos territórios onde reclama soberania.

A exploração dos recursos naturais - petróleo, gás e usinas hidrelétricas - nas áreas que controla, além de permitir a autonomia do EI em relação aos seus primeiros financiadores no empreendimento de sua guerra de conquista, vem servindo para o restabelecimento de toda a infraestrutura socioeconômica de regiões devastadas por anos de conflito.

Tendo como autoridade máxima o autoproclamado califa Abu Bakr al-Baghdadi, a hierarquia política do EI passa pela autoridade imediata do “Conselho da *Sharia*”, seu órgão mais significativo e que é conformado por 7 comitês que reúnem os *muftis*, as mais importantes autoridades religiosas salafistas - majoritariamente iraquianos -, incumbidos de aconselhar al-Baghdadi, de cancelar suas declarações e as ações do grupo, conferindo-lhes legitimidade e fundamentação religiosa.

Há ainda um “Comitê Militar”, constituído por uma dezena de oficiais do antigo Exército Republicano do Iraque e que teria sob seus auspícios todas as questões militares estratégicas, recrutamento de combatentes, treinamento das tropas, composição e manutenção de arsenais, logística das unidades, intendência e comunicações nas frentes de batalha.

Abaixo dessa estrutura há, por fim, 50 dirigentes superiores que em sua grande maioria são antigos membros do Partido *Baath* de Saddam Hussein.

Nas áreas em que impõe seu controle o EI opera como, propriamente, um Estado - reivindicando territórios transfronteiriços, população e organizando ali sua administração -, incumbindo-se, a partir de parcerias diversas com autoridades locais, do oferecimento de uma infraestrutura básica e, com base na leitura inflexível que sua

cúpula religiosa empreende da *Sharia*, de serviços como a educação religiosa, o Poder Judiciário e um rudimentar sistema de coleta de impostos que, não raras vezes, sistematiza práticas de extorsão.

Para o cientista político Hélène Thiollet, a estratégia da ancoragem territorial foi viabilizada por meio de ataques a inimigos próximos e de alianças com grupos tribais locais.<sup>123</sup> Mas, ainda assim, para o autor o EI não se constitui, propriamente, como um Estado,

... sua soberania sobre os territórios cujo controle reivindica é eminentemente frágil, e mesmo fantasiosa. Na verdade, essas terras conquistadas são compostas de linhas de *front* móveis (e de linhas de fuga quando o inimigo é poderoso demais), assim como de alguns bastiões urbanos em que o movimento tenta instalar um poder fundamentalista e totalitário.<sup>124</sup>

Mas mesmo sem ter alcançado esta condição, para Napoleoni, o EI estaria próximo disso, na qualidade intermediária de “Estado-fantasma”, ou seja:

... um corpo com a infraestrutura socioeconômica de um Estado, mas desprovido da alma do reconhecimento político e da identidade nacional de uma verdadeira nação. E justamente quando, no outono de 2014, os Estados Unidos anunciam um programa de ataques aéreos para deter as ações e o avanço do grupo, al-Baghdadi vem trabalhando para mudar isso. O Estado Islâmico está mais perto do que nunca de alcançar seu objetivo.<sup>125</sup>

Para a autora, enquanto no modelo tradicional de criação de Estados modernos, a integração política criada pela autodeterminação precede sua economia e infraestrutura administrativa, animado pela essência de uma nação soberana; no “Estado-fantasma” criado pelo EI, ainda que esteja econômica e administrativamente estruturado, é preterido o reconhecimento político enquanto a autodeterminação não é mais que uma quimera.<sup>126</sup>

... O Estado Islâmico descobriu que o modelo de Estado-fantasma era um instrumento perfeito para alcançar a ambiciosa meta de criar o Califado (...) A criação e administração de um Estado-fantasma é simples, pois, geralmente, não existe nele a unificação política. O terreno ideal para construí-lo encontra-se em enclaves territoriais assolados por guerras, onde toda a infraestrutura ruiu e a autoridade política desapareceu. Nessa empreitada, os conquistadores monopolizam o poder político e precisam buscar o consenso e a cooperação democrática dos povos subjugados. Portanto, no processo de montagem do Estado-fantasma, as preferências da economia prevalecem sobre a organização política. E o

<sup>123</sup> THIOLLET, Hélène; “O espectro da invasão de 2003”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 29.

<sup>124</sup> Ibid. p. 30.

<sup>125</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 43.

<sup>126</sup> Ibid. p. 46.

Estado-fantasma tem a vantagem adicional de demandar poucos recursos financeiros para ser administrado, pois sua esfera econômica está limitada à economia de guerra e à privatização de ações terroristas. Despesas com coisas fora da esfera militar são mínimas e é necessário fornecer à população apenas o suficiente para satisfazer suas necessidades fundamentais.<sup>127</sup>

Não é o que pensa Conckburn, para quem “o Estado Islâmico está se convertendo rapidamente num fato geográfico e político estabelecido no mapa”<sup>128</sup>, o mesmo que dizer que “um novo e terrível Estado surgiu – e ele não desaparecerá facilmente”<sup>129</sup>.

Afirmado já a existência de um Estado Islâmico, melhor seria dizer de sua condição ainda de construtor de um Estado, cujas ferramentas são guerras de conquista direta e que lograram já apagar parte da fronteira que divisava dois países: o Iraque e a Síria, a fim de compor uma extensa base territorial, ainda que em regiões predominantemente desérticas, e que no passado pertencera ao Califado de Bagdá, o que lhes permitiria reivindicá-los, pela força, no tempo presente.

Ao estender seu mando sobre um dado território, a primeira estrutura administrativa organizada pelo EI tem a forma de uma *wilaya*, que equivaleria a um governo distrital, submetido à autoridade de um emir que, fazendo valer uma interpretação sectária da *Sharia*, teria a incumbência da montagem de um sistema de cobrança de impostos - o “imposto da *Jihad*” - anteparado por uma força policial cuja função precípua é a de fazer valer esta interpretação do Islã. Sua atuação, nas cidades controladas pelo EI, tem naturezas bastante distintas: enquanto tranquilizam sunitas, dizendo livrá-los da opressão xiita e da mão dura de seu governo, como uma ditadura religiosa e sectária dispõem a mais brutal repressão contra xiitas, curdos e outras minorias étnicas e religiosas.

Este caráter, inédito para grupos caracterizados como “terroristas”, faz com que os quadros especializados do EI prescindam, além de combatentes regulares, de profissionais especializados em diversas áreas como administradores, contadores, técnicos em informática, médicos, engenheiros, juristas peritos em leis islâmicas etc.

Apesar disso, casos como o da cidade de *Mosul* explicitaram a incapacidade de o EI prover sua população dos serviços mais básicos como o fornecimento de energia

---

<sup>127</sup> Ibid. p. 58.

<sup>128</sup> COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 193.

<sup>129</sup> Ibid. p. 79.

elétrica, disponível cerca de duas horas a cada três dias, bem como a coleta de lixo, que deixou de ser feita nos primeiros meses de ocupação.

No entanto, é importante frisar que enquanto na Síria os problemas de infraestrutura são decorrentes da catastrófica guerra civil que ali já se estende por 5 anos; no Iraque, apesar da guerra civil deflagrada em 2011 por diversos grupos *jihadistas* contra o governo central, ainda inconclusa, grande parte da destruição da infraestrutura de relevantes cidades se deve ao avanço do EI nos 100 dias que decorreram da tomada de *Mosul*, aos 10 de junho de 2014, até o recrudescimento das operações norte-americanas na Síria, no dia 23 de setembro. Conforme noticiou Cockburn

Os moradores de Bagdá passaram a cozinhar com gás propano, porque o abastecimento de eletricidade tornou-se totalmente inconstante. Logo, houve um desabastecimento crônico de cilindros de gás, que chegavam a Kirkut: a estrada para o norte havia sido interrompida por combatentes do ISIS.<sup>130</sup>

Mas, em linhas gerais, o EI logra atender as necessidades das populações sunitas nos territórios que controla visando a obtenção de seu apoio, o que os dirige a ações como o restabelecimento da energia elétrica, a provisão de água e linhas de telefone em cidades cujos sistemas de abastecimento haviam sido destruídos pela guerra; o mesmo se pode dizer de serviços de limpeza pública, pavimentação de ruas, hospitais, a organização de cozinhas comunitárias para famílias que perderam suas casas nos bombardeios e a conversão de escolas em centros de ensino islâmico, para crianças e jovens.

Aaron Zelin, ao escrever para o jornal *The Atlantic*, afirmou que

... o EI ajuda a administrar padarias e fornece frutas e verduras a muitas famílias, (...) distribuindo os produtos pessoalmente. Em Raqqa, o EIIL criou uma cozinha comunitária gratuita para alimentar os necessitados e uma agência de adoção de órfãos para ajudar a encaixá-los no seio de famílias. Os militantes do EI desenvolveram programas de saúde e bem-estar nos enclaves sob seu controle, usando os próprios recursos financeiros da organização. Talvez o Talibã sinta pavor e desconfiança de campanhas de vacinação, mas o EI realiza campanhas de vacinação contra a poliomielite para deter a disseminação da doença (...) [O EI também] administra uma empresa de fornecimento de energia que monitora os níveis de uso de eletricidade, instala linhas de transmissão e organiza oficinas para ensinar a consertar as antigas. Os militantes reparam vias esburacadas, transportam de ônibus moradores entre os territórios controlados por eles, restauram canteiros centrais para tornar estradas mais agradáveis esteticamente e operam um serviço de correios e uma *zakat* (agência de caridade mantida com tributo religioso), a qual o grupo alega que tem ajudado fazendeiros em suas colheitas. O EI manteve operante, ademais, a Represa de Tishrin (cujo

---

<sup>130</sup> Ibid. p. 33.

nome mudaram para al-Faruq), no rio Eufrates, de suma importância para os ribeirinhos. Com todas essas agências e departamentos, o EI consegue proporcionar um simulacro de estabilidade em regiões instáveis e abandonadas pelo governo, ainda que muitos de seus habitantes não gostem de seu programa ideológico.<sup>131</sup>

Deborah Amos, repórter da *NPR News*, noticiou em setembro de 2014 que, em *Raqqa*, as noites eram animadas por festas organizadas em praças públicas onde a população, antes oprimida pelo governo xiita, poderia usufruir das benesses do novo Estado, enquanto carros de som circulavam com mensagens de chamamento para os campos de treinamento e guerrilheiros exibiam armas sofisticadas no intuito de aliciar crianças e jovens a se alistarem em suas fileiras para defenderem o califado.<sup>132</sup>

A infraestrutura precariamente garantida pelo EI tem como contrapartida a aplicação severa de uma leitura bastante rigorosa da *Sharia*, por parte de seu sistema judiciário e que, com o uso de uma força policial itinerante incumbida da aplicação de sentenças, submete essas populações a um controle tamanho que cenas de flagelação e amputação de membros em espetáculos públicos, como punições por delitos variados, tornaram-se comuns. É o que também denunciou Zelin ao tratar da atuação do EI na cidade de *Manbij* onde, por exemplo:

... autoridades do EI deceparam as mãos de quatro assaltantes [...] [.] chicotearam pessoas por terem insultados seus vizinhos, confiscaram e destruíram medicamentos falsos e, em várias ocasiões, executaram sumariamente e crucificaram indivíduos por apostasia ou assassinato.<sup>133</sup>

Também são comuns a proibição do uso de câmeras e *smartphones*, cigarros (que são queimados em fogueiras públicas) e calças compridas para as mulheres que, relegadas à condição de cidadãs de segunda categoria, devem se vestir com longas batas a fim de cobrir seu corpo inteiro e são impedidas de viajar sem que estejam acompanhadas de um parente do sexo masculino.

A mulher, no modelo de sociedade imposto pelo EI, tem seu protagonismo anulado e suas liberdades as mais elementares tolhidas violentamente. Sobretudo no

<sup>131</sup> ZELIN, Aaron; “The Islamic State of Iraq and Syria has a Consumer Protection Office”, *The Atlantic*, 13 jun. 2014 (disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2014/06/the-isis-guide-to-building-an-islamic-state/372769/>); cit. por: NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 60.

<sup>132</sup> AMOS, Deborah; “Islamic State rule: Municipal services and public beheadings”; *NPR News*, 12 set. 2014 (disponível em: <http://www.npr.org/sections/parallels/2014/09/12/347748371/islamic-state-rule-municipal-services-and-public-beheadings>). Cit. por NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 73.

<sup>133</sup> ZELIN, Aaron; “The Islamic State of Iraq and Syria has a Consumer Protection Office”, *The Atlantic*, 13 jun. 2014 (disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2014/06/the-isis-guide-to-building-an-islamic-state/372769/>); cit. por: NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 72.

momento em que as tentativas de construção de uma identidade comum em torno da fé salafista, entre sunitas, prescindem de novos adeptos, seja pela apostasia, seja promovendo nascimentos no seio do grupo. Por isso as autoridades policiais e judiciárias do EI têm obrigado jovens sunitas ou recém-convertidas ao salafismo a casarem-se com militantes da organização, inquirindo de casa em casa, como feito na cidade de *Baiji*, sobre o estado civil das mulheres que ali viviam<sup>134</sup>.

Em seu projeto de sociedade não há lugar para xiitas, sufistas, *alawitas* ou quaisquer outras crenças distintas do salafismo. Àqueles que se recusam a conversão, restam a pena capital ou o pagamento do *jizyah*, um imposto aplicado a hereges e que lhes garante poder partir sem que sejam mortos.

Mas, ainda assim, a caracterização do EI como um grupo fundamentalista religioso ou, pura e simplesmente, de fanáticos, não corresponde a algumas estratégias que revelam um caráter profundamente pragmático na operação de uma intensa diplomacia com tribos sunitas nada afeitas ao salafismo e que, contra o *jihadismo*, haviam composto as fileiras ou simpatizado com o movimento “Despertar Sunita”, massacrado em algumas regiões pela *Al Qaeda*. Em regiões como a de *Anbar* e *Falluja*, Al-Baghdadi teria demonstrado imensa habilidade em afastar essas recordações, conforme noticiou o *Al Monitor*:

Os combatentes do grupo de al-Baghdadi não fizeram nenhum mal aos religiosos, às tribos de Anbar, incluindo os que compunham as forças de Sahwa, e nem mesmo aos membros da polícia. Quando as tribos se recusaram a levantar e hastear bandeiras do EIIL em Falluja, ele ordenou que seus combatentes não brandissem a bandeira da organização nem tentassem cooptar os combatentes de grupos armados, clãs ou religiosos (...) Mais uma vez, as políticas de conciliação de Baghdadi em Anbar revelaram um pragmatismo que não existia nos líderes anteriores da Al Qaeda.<sup>135</sup>

As estratégias militares iraquianas, ao retaliar o avanço territorial do EI com bombardeios indiscriminados e aleatórios contra cidades sob seu controle, como em *Mosul* e *Tikrit*, levando ainda mais destruição e carnificina à população sunita, têm ajudado firmemente o EI em seu propósito de converter essas coletividades de desesperados em seus mais fiéis seguidores, para quem é preferível se submeter a uma

<sup>134</sup> Cf.: NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 75.

<sup>135</sup> “ISIS leader al-Baghdadi proves formidable enemy” (disponível em: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/02/iraq-isis-baghdadi-mystery.html>); cit. por: NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 56.



autoridade, ainda que severa, protetora, do que seguir sendo flagelada pelo que entendem ser um governo xiita manejado pelo Irã.

Apresentando-se portanto como um Estado, em termos de grandeza territorial, o EI chegou a se impor sobre uma área que em 2016 teria chegado a 300 mil quilômetros quadrados, do litoral mediterrâneo da Síria até o centro do Iraque, maior que o Reino Unido e proporcional ao território da Itália e de outros países europeus, como a Bélgica, de acordo com a comparação feita pela revista *The New Yorker*<sup>136</sup>. Já o correspondente de guerra Olivier Weber diz de um espaço equivalente ao da Grã-Bretanha, onde 8 milhões de indivíduos estariam sob suseranado do EI<sup>137</sup>. Enquanto Cockburn diz de uma população maior que a da Dinamarca, Finlândia ou Islândia<sup>138</sup>.

Para que se tenha uma melhor noção de proporção, comparando-se o território conquistado pelos *jihadistas*, até meados de 2016, com países médio-orientais, sua superfície seria equivalente à da Jordânia e cinco vezes o tamanho do Líbano. Desde a Segunda Guerra Mundial, um território de tamanhas proporções não era controlado por um grupo armado.

Mas sua caracterização como um Estado é uma impossibilidade para autores como Foucher, para quem o EI nada produz ou administra, senão pilha e explora, desvelando uma notável contradição entre a conclamação do califado e sua consecução prática, que depende tanto de conjunturas locais quanto de seus compromissados patrocinadores. Mais valeria defini-lo como um ator não-Estatal que, no auge de sua expansão territorial, no ano de 2016, dispunha do controle de algumas cidades isoladas, maiormente no vale do Eufrates; apesar de deter meios comumente característicos dos Estados como exército, polícia, um sistema tributário (ainda que rudimentar) e rendas de grande vulto, ligadas majoritariamente à venda do petróleo sírio.<sup>139</sup>

## E dos escombros de guerras imperialistas...

De forma absolutamente intencional, vem se mantendo uma densa névoa de mistério acerca da biografia de Abu Bakr al-Baghdadi, ou simplesmente Abu Dua, líder

<sup>136</sup> PACKER, George; “The common enemy”; *The New Yorker*; 25 Ago. 2014 (disponível em: <http://www.newyorker.com/magazine/2014/08/25/the-common-enemy>).

<sup>137</sup> WEBER, Olivier; “O feudo do terror”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 98.

<sup>138</sup> COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 68.

<sup>139</sup> FOUCHER, Michel; “Uma ambição territorial”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. pp. 35 e 36.

do EI, o que em países muçulmanos sustém a narrativa de que se trataria mesmo de um descendente da Tribo de Maomé e que seu mandato como califa seria, com isso, divino; enquanto no Ocidente as especulações, somadas à difusão das violentíssimas imagens produzidas pelos *jihadistas*, seguiria vendendo atrocidades como notícias enquanto auxiliaria ainda mais a conformação de consenso para a guerra, em graus de violência crescentes.

O nome real de al-Baghdadi pode ser Awwad Ibrahim Ali al-Badri al-Samarrai; sabe-se que nasceu em Samarra, cidade de maioria sunita ao norte de Bagdá, em 1971, membro de uma família de religiosos e acadêmicos - entre seus irmãos e tios há desde imãs até professores universitários de retórica, lógica e de língua árabe. Obteve graduação em Filosofia, em Estudos Islâmicos e contemplando conhecimentos de Genealogia, História e Poesia, pela Universidade Islâmica de Bagdá<sup>140</sup> mas, apesar da formação acadêmica, foi a vida religiosa que lhe chamou à atuação como imã em Bagdá e, depois, em *Falluja*.

Al-Baghdadi teria se juntado à rebelião que se organizava no Iraque logo após a invasão da coalizão internacional liderada pelos EUA, em março de 2003. Até 2006, esteve sob liderança de Abu Musab al-Zarqawi, líder da *Al Qaeda* no Iraque (AQI) e considerado um dos fundadores do grupo que, em outubro de 2004, deixaria a designação *Tawhid wal-Jihad*<sup>141</sup> para adotar o nome de *Tanzim Al-Qaeda wal Jihad fi Balad al-Rafidain*<sup>142</sup>, grupo em que teria tido origem a dissidência que fundara o EI.

Sob ordens de al-Zarqawi, a missão inicial de al-Baghdadi era a de introduzir militantes estrangeiros nas frentes de batalha no Iraque; mas sua rápida ascensão o levaria à *Rawa*, cidade próxima à fronteira com a Síria e onde ocupou a condição de emir, responsável pelo tribunal local da *Sharia* e onde se notabilizou pela crueldade das execuções públicas que ordenara, daqueles acusados de cooperar com as forças de ocupação.

Em 2005, al-Baghdadi foi capturado por tropas norte-americanas e preso em *Camp Bucca*<sup>143</sup>, de onde sairia apenas em 2009, anistiado junto de outros milhares de presos pelo governo iraquiano que, na prática, esvaziava a prisão às vésperas da retirada

<sup>140</sup> LISTER, Tim; “ISIS: The first terror group to build an Islamic state?”; *CNN*, 13 jun. 2014 (disponível no sítio: [http://edition.cnn.com/2014/06/12/world/meast/who-is-the-isis/index.html?hpt=imi\\_t4](http://edition.cnn.com/2014/06/12/world/meast/who-is-the-isis/index.html?hpt=imi_t4)).

<sup>141</sup> “Monoteísmo e Guerra Santa”.

<sup>142</sup> “Organização da Al-Qaeda e Guerra Santa na Mesopotâmia”.

<sup>143</sup> O nome é uma referência a Ronald Bucca, chefe do Corpo de Bombeiros de Nova Iorque e morto enquanto socorria vítimas dos atentados ao *World Trade Center*, no dia 11 de setembro de 2001.

das tropas norte-americanas do Iraque. Depois de passar despercebido pelos serviços de inteligência das forças de ocupação durante todo o tempo em que estivera preso, sem jamais ter sido considerado sequer um sunita radical ou um *jihadista* perigoso, Al-Baghdadi deixava o cárcere para assumir o comando de toda a organização fundada por al-Zarqawi.

Não se trata apenas de um continuador da obra de al-Zarqawi; a relação entre mestre e discípulo é a da projeção da organização para patamares até então impensados e num momento em que os revezes da guerra pareciam que a fariam sucumbir. De 2003 a 2005 deu-se o período de formação de al-Baghdadi sob o comando de al-Zarqawi e dimensionar adequadamente sua atuação à frente da *Al Qaeda* é indispensável para determinarmos o processo de formação política das duas principais lideranças da organização que se consagraria como o EI.

Jordaniano de origem beduína, al-Zarqawi abraçou o salafismo radical aos vinte e poucos anos de idade, no período em que esteve preso; viajando para o Afeganistão assim que liberto a fim de se juntar aos *mujahedin*<sup>144</sup> na *Jihad* antissoviética, já em sua etapa final. Chegou tardiamente ao campo de batalha, quando o invasor já batia em retirada, o que lhe frustrara o tão ansiado primeiro combate.

O contraste entre o *jihadismo* de primeira e o de segunda geração ficaria explicitado quando da recusa de al-Zarqawi em integrar a *Al Qaeda*<sup>145</sup>, organização *jihadista* sunita e multiétnica criada em 1988 pelo saudita Osama Bin Laden e pelo egípcio Abu Ubaydah al-Banshiri, a partir da estrutura montada durante a campanha antissoviética no Afeganistão. No ano 2000, o próprio Osama Bin Laden, em um encontro que ocorrera em *Candaar*, no Afeganistão, fizera o convite para que al-Zarqawi integrasse sua rede. Enquanto o saudita conclamava a luta contra os EUA, al-Zarqawi se preocupava com os inimigos próximos, em especial o governo jordaniano, contra o qual passou a atuar preparando militantes, em um campo de treinamento fixado em *Herat*, no Afeganistão, para atentados suicidas com bombas.

O empreendimento dos atentados em Nova Iorque e Washington, aos 11 de setembro de 2001, atesta a significativa diferença de perspectivas havidas entre a autoridade suprema da *Al Qaeda* e grupos *jihadistas* como aquele liderado por al-Zarqawi. O inimigo alvejado pelas aeronaves civis sequestradas por combatentes

---

<sup>144</sup> “Aquele que faz jihad”.

<sup>145</sup> “A base”.

suicidas estava longe demais das agruras cotidianas dos povos médio-orientais, da repressão violenta operada por governos corruptos em países árabes e do flagelo dos que viviam nos campos de refugiados, em condições sub-humanas. O distanciamento marca também, por um lado, a falta de identificação dessas coletividades com o alardeado sucesso dos ataques e, por outro, a certeza de que eles acarretariam em catastróficas consequências para toda a região. Por isso os atentados não terem sido ovacionados por organizações *jihadistas* diversas, ao contrário do mantra entoado pela imprensa internacional que significava os ataques como uma nova forma de luta *jihadista*, apontando para um consenso que jamais existiu.

Após os ataques de 11 de setembro, contrariando a realidade, o então Secretário de Estado, Collin Powell, acusou al-Zarqawi, à frente da *Al Qaeda* no Iraque, como um dos responsáveis cardinais pelos mais violentos atentados já sofridos pelos EUA em toda a sua história, o que o convertera, repentinamente, em um dos principais nomes do *jihadismo* no Oriente Médio. A inesperada projeção fez direcionar vultosos recursos ao grupo liderado por al-Zarqawi, provenientes de diversas fontes, de patrocinadores por detrás de poderosos Estados e desejosos por mover a guerrilha sunita contra seus inimigos diretos, nomeadamente inimigos xiitas. De um grupo relativamente inexpressivo como ator internacional, a declaração fantasiosa de Powell - que a todo custo insistia na existência de relações entre a *Al Qaeda*, Saddam Hussein e os atentados de 11 de setembro - criara um inimigo à altura da mentira dita para representa-lo.

E para que a mentira pudesse ser sustentada, fundamentando uma nova guerra contra o Iraque e que desestabilizaria todo o Oriente Médio, al-Zarqawi deveria ser transformado, de uma figura pouco expressiva entre grupos *jihadistas*, no elo conector entre Saddam Hussein e a *Al Qaeda do Iraque*.

A mitologia que tinha como escopo justificar uma nova intervenção armada no Iraque contou com um dos enredos mais mal elaborados de toda a história da política externa norte-americana; senão vejamos o relato de Napoleoni sobre os processos movidos pela justiça norte-americana e jordaniana que o levaram a ser condenado, à revelia, à morte:

Após investigações conjuntas entre americanos e jordanianos, ambos começaram a acusar al-Zarqawi de ter arquitetado uma conspiração na Jordânia durante as comemorações da virada do milênio, bem como os assassinatos, em 2001, de um cidadão israelense, Yitzhak Snir, e, em 2002, do diplomata americano Lawrence Foley, mortes pelas quais uma organização armada desconhecida, os Honrados da Jordânia, tinham reivindicado

responsabilidade. Aliás, no fim de abril de 2004, depois que al-Zarqawi foi condenado à morte à revelia por ambos os assassinatos, os Honrados da Jordânia divulgaram uma declaração negando o envolvimento do terrorista. A mensagem foi entregue acompanhada dos cartuchos de balas que tinham sido disparadas contra Foley e Snir.<sup>146</sup>

Com a deflagração da operação preventiva conjunta propelida contra o Iraque, os esforços de al-Zarqawi se voltaram para o país onde, em 2003, fundara o *Tawhid wal-Jihad*, sediado em *Falluja*. A nova organização, em pouquíssimo tempo conseguiu cooptar um número significativo de combatentes valendo-se, para isso, do fabrico de centenas de documentos falsos para militantes que fugiam do Afeganistão durante os ataques da coalizão liderada pelos EUA. Com abundantes recursos financeiros, provenientes de diversos patrocinadores no mundo sunita, manteve uma base próxima a *Teerã*, onde residia o inimigo xiita e a partir de onde os *jihadistas* foram enviados a missões em todo o Oriente Médio e no Ocidente.

Com base nesses contingentes, al-Zarqawi passou a coordenar uma série de ataques suicidas dentre os quais, no dia 19 de agosto, a explosão de um caminhão-bomba na sede da ONU em Bagdá e que matou, entre 21 funcionários, o brasileiro Sérgio Vieira de Mello, Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos e chefe daquela delegação, o principal alvo do atentado segundo a própria *Al Qaeda*.

No dia 29 de agosto, o alvo seria o aiatolá Mohammed Baqr al-Hakim, líder do “Conselho Supremo da Revolução Islâmica no Iraque”, morto junto de 125 fiéis xiitas quando um carro-bomba se chocou contra a mesquita do imã *Ali* na cidade de *Najaf*. Al-Hakim acabara de retornar do Irã e se preparava para as eleições iraquianas, com chances claras de ser eleito. O atentado sinalizara, por parte da liderança de al-Zarqawi, que a luta no Iraque não deveria ser movida apenas contra as forças de ocupação, mas numa frente contra lideranças e o povo xiita, a fim de conclamar um levante sunita no país. O acontecimento fora de tal maneira decisivo que abrira ali, no Iraque, uma segunda frente de batalha contra alvos xiitas, acusados de terem conspirado com os EUA para a invasão do Iraque e colaborado com potências estrangeiras, incluindo o Irã, para a deposição de Saddam Hussein.

A estratégia de reascender o conflito histórico entre xiitas e sunitas, na forma de uma *fitna* contra os xiitas e que incitaria a guerra civil no Iraque, não contava com o acordo da *Al Qaeda*, em especial de Bin Laden para quem era infundada a hipótese de que uma composição unitária e nacionalista de muçulmanos contrários ao *jihadismo*

---

<sup>146</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 82.

proclamasse o secularismo como bandeira. Uma intensa troca de correspondências entre al-Zarqawi e Bin Laden, de 2003 a 2005, traz à luz a estratégia na qual a *fitna* contra os xiitas impediria a formação de uma ampla frente secular, contra a ocupação estrangeira, que excluiria os grupos *jihadistas*, isolando-os da rebelião.

Em agosto de 2004, o governo interino do então primeiro-ministro Iyad Allawi enfrentava a revolta xiita liderada pelo clérigo Moqtada al-Sadr, na cidade sagrada de *Najaf*, animando insurgentes sunitas a comporem forças contra as tropas norte-americanas. A ocorrência dava validade às estratégias de al-Zarqawi, em lugar das prioridades reclamadas por Bin Laden, à frente do comando supremo da *Al Qaeda*.

Naquele mesmo ano, a organização *Tawhid wal-Jihad* seria incorporada à *Al Qaeda* para que conclamasse, no Iraque, uma guerra religiosa, passando o grupo a adotar o nome de *Al Qaeda* do Iraque (AQI). Dali por diante, al-Zarqawi seria o responsável por toda a reconfiguração estratégica da *Jihad* moderna desde a deflagração da operação preventiva conjunta propelida contra o Iraque. Contrariando a liderança histórica da *Al Qaeda* que privilegiava a organização de seus contingentes como uma rede, al-Zarqawi compreendia a necessidade de estabelecimento de uma base territorial consistente que pudesse projetar a organização em direção à ampliação de suas conquistas, por isso o estratagema da utilização do conflito histórico entre sunitas e xiitas com a finalidade de angariar o apoio necessário para a reconstrução do califado.

E a AQI logrou, sob o comando de al-Zarqawi, travar a guerra nas duas frentes que estabelecera: combatendo a coalização com estratégias de guerra de guerrilha enquanto intensificava os atentados suicidas contra alvos xiitas, conclamando a insurgência sunita a uma guerra civil – a *fitna*.

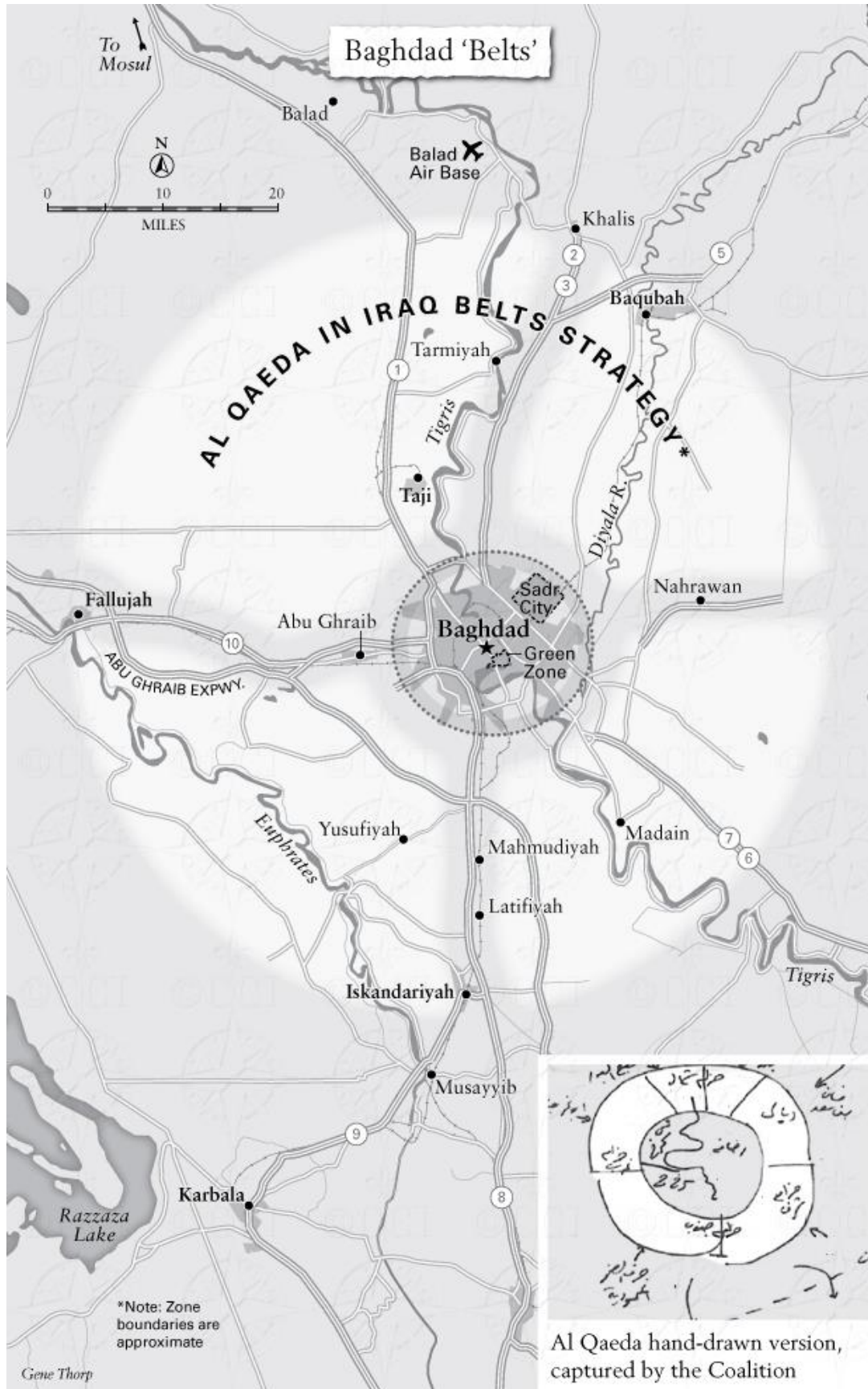
O ano de 2006 trouxe significativas mudanças para a conjuntura política iraquiana, com a sucessão do Governo de Transição do Iraque pela nomeação, via Assembléia Nacional, do xiita Nouri Kamel al-Maliki como Primeiro-Ministro, reeleito pelo parlamento em 2010 como uma espécie de ventríloquo das forças de ocupação. No lugar da retórica da integração nacional, seu sectarismo religioso marginalizou ainda mais a população sunita, impedindo a realização de um referendo que decidiria sobre a criação de uma região autônoma sunita a exemplo do que haviam feito os curdos, enquanto a repressão que comandou foi movida contra todo e qualquer inimigo político, especialmente sunitas, como o vice-presidente Tariq al-Hashimi e o ministro das Finanças, Rafea al-Essawi.

E a repressão xiita, movida por al-Maliki contra a população sunita no Iraque, rapidamente deu lugar à guerra civil sectária de 2006 e 2007, que culminou na expulsão das populações sunitas de quase toda a cidade de Bagdá, refugiando-se em áreas afastadas e cercados por bairros xiitas.

Para a AQI também seria um ano de importantes mudanças. No início daquele ano começou a ser posto em prática um plano, concebido por al-Zarqawi e que tinha o objetivo de capturar o que denominara de o “Cinturão de Bagdá”, um conjunto de cidades adjacentes à capital, etapa necessária para a conquista da cidade. Os enclaves deveriam ser dispostos em 5 regiões, conforme explica Napoleoni: ao Sul, das províncias de *Babil* a *Diyala*; a Oeste, da província oriental de *Anbar* ao *Thar*; ao Norte, da província de *Salah-ad-Din* a *Taji*; a Leste, das áreas rurais a Leste de Bagdá ao “Cinturão de *Diyala*”, incluindo *Baqubah* e *Khalis*. Esclarece a autora que a estratégia consistiria em fixar bases da AQI nas cidades do cinturão e, com isso, dirigir para Bagdá carregamentos de armas, carros-bomba e dinheiro, para as ações da organização que culminariam na conquista da cidade.<sup>147</sup>

---

<sup>147</sup> Ibid. p. 37.



Fonte: *Cartographic Concepts Incorporated*, janeiro de 2017.

Disponível no sítio: <http://www.mapmanusa.com/ci-my-share-of-the-task-4.html>.



Irrompida a operação, a primeira cidade a cair frente ao avanço da AQI foi *Falluja*, junto da maior parte da província de *Anbar*; nos meses de março e abril foram tomadas *Karma* e *Abu Ghraib*, conquistado-se o controle da maior parte do cinturão.

Com a morte de Abu Musab al-Zarqawi, numa operação conjunta dos serviços secretos e forças especiais dos EUA e serviços secretos jordanianos, desfechada no dia 8 de junho de 2006<sup>148</sup>, toda a estrutura do grupo seria reorganizada, o que ocorreu em outubro daquele mesmo ano quando o Conselho dos *mujahidin* do Iraque proclamou o “Estado Islâmico do Iraque” (EII), uma nova organização que reunia a AQI a outros cinco grupos *jihadistas*, sob a autoridade de Abu Omar al-Baghdadi - suposto líder do conselho *Shura Mujahidins* no Iraque – que ascendia à liderança do EII.

Trata-se do mesmo ano em que o movimento *jihadista*, no Iraque, sofria um de seus mais significativos revezes, com a combinação da Operação Reforço, que incrementava efetivos e intensificava as ações militares da coalizão contra alvos *jihadistas*; bem como a aclamação do movimento “Despertar Sunita”, organizado por anciãos de tradição quietista que proscreviam o *jihadismo* como inimigo da nação muçulmana, igualando seus militantes aos invasores estrangeiros.

Já no ano seguinte, 130 mil soldados da “Operação Reforço” foram enviados, junto de militantes do “Despertar Sunita” e de tropas regulares do Exército Iraquiano, para a reconquista das cidades do “Cinturão de Bagdá”, logrando retomá-las após um ano de sangrentas batalhas e que resultaram na destruição de centros de comando, bases de treinamento, fábricas de bombas e arsenais do EII.

Até a morte de Omar al-Baghdadi, em abril de 2010, o movimento *jihadista* no Iraque e o que restara do EII vinham sendo enfraquecidos por ambas as estratégias.

No dia 16 de maio de 2010, Abu Bakr al-Baghdadi era anunciado o líder do EII e, com isso, da ala que se desligaria da própria *Al Qaeda* e fundaria o EI<sup>149</sup>. A partir de então passou a ser responsável não apenas pelo comando de campo das operações no Iraque, mas de toda a dimensão estratégica para as ações da organização que passou a se

---

<sup>148</sup> FINER, Jonathan; KNICKMEYER, Ellen; "Insurgent Leader Al-Zarqawi Killed in Iraq"; *The Washington Post*; 8 jun. 2006 (disponível no sítio: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/06/08/AR2006060800114.html>).

<sup>149</sup> "Abu Bakr al-Baghdadi: The Isis chief with the ambition to overtake al-Qaida"; *The Guardian*; 6 dez. 2014 (disponível no sítio: <http://www.theguardian.com/world/2014/jun/12/baghdadi-abu-bakr-iraq-isis-mosul-jihad>).

apresentar de forma mais atraente a jovens *ihadistas* utilizando redes sociais e sites de *internet*.

### Brutais demais para a *Al Qaeda*

Na manhã de 18 de dezembro de 2011, um domingo, um último comboio com cerca de 500 soldados e 110 veículos blindados norte-americanos deixava o Iraque, atravessando a fronteira com o *Kuwait*, após 9 anos da ocupação que resultara na deposição e execução de Saddam Hussein e na pilhagem dos recursos naturais iraquianos por conglomerados econômicos internacionais, cujos interesses eram firmemente representados pelos governos de EUA e Inglaterra. Dias antes, sob comando ainda do general Lloyd Austin, foram entregues às autoridades iraquianas os últimos prisioneiros da guerra travada contra o “terrorismo”, bem como restabelecido o controle iraquiano da remanescente base militar em poder dos EUA.

A imprensa internacional noticiava a retirada como quem cobre tropas voltando para casa vitoriosas, emblema associado primordialmente aos contingentes norte-americanos e britânicos e a seus comandantes máximos: George W. Bush e Tony Blair. Dos feitos militares mais relevantes, ecoavam os veículos de comunicação de massa, estava a conquista e reconquista de *Mosul* e de *Falluja*, em batalhas sangrentas que contabilizaram numerosas baixas.

Como sabemos, o triunfo de que se embriagavam os vencedores era tal qual a “vitória de Pirro”, ou seja, além de ter sido conquistada por um altíssimo preço, acabou sendo responsável por prejuízos insanáveis<sup>150</sup>. Tanto que ambos os bastiões, com a ascensão da insurgência sunita decorrente da década de ocupação, já na forma do EI, voltaria a conquistar ambas as cidades.

É preciso, portanto, recuperar este processo em um momento - o do fim da ocupação estrangeira - em que a *Al Qaeda* amargava o grave desprestígio da população sunita no Iraque.

De 2006 a 2010, a admiração ganha pelo movimento “Despertar Sunita” provocara a impopularidade da *Al Qaeda* entre os sunitas, mas não dera conta de

---

<sup>150</sup> A expressão, notabilizada por Plutarco, refere as campanhas militares do rei Pirro de Épiro, durante a Guerra Pírrica, quando após derrotar os romanos na Batalha de Heracleia, no ano 280 a.C., e na Batalha de Ásculo, em 279 a.C., sofrera tamanhas perdas de efetivos e de recursos materiais que, mesmo vencendo as batalhas, comprometiam os objetivos de toda a guerra.

resolver os diversos problemas que decorriam da brutal marginalização que estes sofriam por parte do governo de al-Malaki e da discriminação cotidiana que lhes infligiam elites xiitas. No Iraque, a *Al Qaeda* era percebida como um grupo estrangeiro, a começar pela designação de “*Al Qaeda* do Iraque”, seguida pelo fato de sua liderança maior circunscrever-se a um bilionário saudita e um intelectual egípcio, desencarnados, ambos, dos problemas cotidianos dos povos árabes e dos sunitas que diziam representar, bem como por suas estratégias que privilegiavam a *Jihad* no exterior, contra potências estrangeiras, abnegando da luta que deveria ser encampada prioritariamente no Iraque.

Para reconstruir a organização era preciso tanto desvencilhar-se da *Al Qaeda* quanto intensificar o conflito religioso e, a partir da *fitna*, uma divisão ainda maior entre sunitas e xiitas não apenas no Iraque, mas valendo-se da instabilidade decorrente da sangrenta guerra civil na Síria. O discurso de al-Zarqawi ainda ecoava, conclamando o califado, o que poderia assentar as ações do grupo em uma ampla base territorial. A devastação do conflito intestino também fragilizava as condições de segurança de regiões ricas em óleo, gás e recursos hídricos na Síria, e que uma vez ocupadas, valendo-se do avanço das tropas rebeldes, poderiam garantir ao EII vultosos recursos para o empreendimento de uma guerra de conquista direta e de longa duração.

Com este objetivo, já em 2011 um destacamento de vanguarda do EII, atravessando antigas rotas de contrabando, dirigiu-se às regiões de conflito na Síria com a missão de avaliar as reais possibilidades de ação da organização. Não apenas encontraram cidades devastadas pelos bombardeios das forças fiéis a Assad e populações que buscavam por quaisquer meios deixar as zonas de conflito; o que se viu por toda a Síria, naquele ano, foi um levante sunita que, efetivamente, poderia constituir a base de apoio do EII naquela nova frente.

Valendo-se, no Iraque, do caos e do descontentamento da minoria sunita com o governo de coalizão comandado, dos escombros dos ataques e da invasão de 2003, por xiitas e manejado pelos EUA, o EII, sob o comando de al-Baghdadi, em 2012, intensificou os atentados na região Noroeste. No ano de 2013, quando já eram contabilizados mais de 10 mil mortos nos combates entre seus militantes, tropas do governo e milícias curdas - os combatentes *Peshmerga* -, o EII obteve sua primeira grande vitória ao conquistar, em março, a cidade de *Raqqa*, simbolicamente importante por ter sediado o califado do século VII e que se tornaria a capital política de um novo Estado Islâmico.

No mês seguinte à conquista, a liderança do EII decidiu liberar-se da tutela da *Al Qaeda* e converteu-se em “Estado Islâmico no Iraque e no Levante” (EIIL), em uma composição de forças que incorporaria à organização a frente *jihadista* síria *Jabhat al-Nusra*, o que permitiria ao EIIL estender sua guerra de conquista ao conflituoso ambiente de guerra civil que opunha o governo de Bashar Al-Assad e o “Exército Livre”, dentre outras forças rebeldes. O anúncio abriu uma etapa de tensões entre o comando supremo da *Al Qaeda* e o EIIL, com a possibilidade de este não apenas emancipar-se de seu controle, mas de cooptar para sua órbita de influência facções até então vassalãs da *Al Qaeda* na Síria. E no jogo de forças, após a cisão de vários de seus comandantes e de uma intensa disputa retórica entre al-Baghdadi e Abu Mohammed al-Golani, emir da frente *Jabhat al-Nusra*, acompanhada pelas redes sociais por quem tivesse interesse, a facção síria acabou reafirmando sua fidelidade à *Al Qaeda* e rejeitando a fusão com o EIIL, na tentativa de impedi-lo de estender sua atuação à frente síria, o que converteu a *al-Nusra*, de imediato, em inimigo.

E enquanto era disputado o comando da insurgência salafista na Síria, no Iraque as tropas de al-Maliki, em abril de 2013, esmagavam manifestações sunitas que se levantavam contra a suspensão, que descumpria os termos da Constituição iraquiana, do plebiscito que referendaria a criação de um governo autônomo sunita, o que havia sido aprovado pelos conselhos das províncias árabes sunitas no Iraque. Sob a alegação de que *jihadistas* da *Al Qaeda* estariam infiltrados nos protestos, investidas do exército iraquiano no acampamento de paz de *Hawija* provocaram a morte de 50 manifestantes e ferindo outros 110, o que converteu protestos pacíficos, rapidamente, em um enervado levante armado contra o governo xiita de al-Maliki. E o governo respondeu com ainda mais violência, passando a bombardear alvos civis em *Fallujah* e *Ramadi*, obrigando a um terço de sua população (500 mil pessoas de um total de 1,6 milhão) a deixarem suas casas buscando refúgio em regiões seguras. Em diversas cidades próximas a comida tornou-se escassa, as escolas fecharam e aqueles que antes pregavam a manifestação pacífica agora chamavam seus pares às armas. O recrudescimento da repressão governamental contra manifestações sunitas deu origem a uma série de grupos enquanto radicalizou organizações já existentes, criando condições para que o levante sunita fosse cooptado pelo *jihadismo* salafista do EIIL.

E a campanha liderada por al-Baghdadi no Iraque alcançou um de seus maiores êxitos com a operação “Quebrando Muros”, como ficou conhecida, e que consistiu em 8

ataques planejados a prisões iraquianas com a finalidade de libertar prisioneiros. No dia 21 de julho de 2013, um domingo, a campanha atingiu seu ponto culminante com o assalto à prisão de *Abu Ghraib*, a 32 quilômetros de Bagdá, em uma operação que contou com pesada artilharia e uso de carros-bomba arremessados por combatentes suicidas contra os seus portões, culminando na fuga em massa de presos que ali cumpriam pena, incluindo antigos líderes da *Al Qaeda* e muitos dos quais passaram a integrar as fileiras da organização. Naquela mesma noite, ataques eram desfechados também contra outra penitenciária, ao Norte de Bagdá, em *Taiji*, a 20 quilômetros da capital, onde a fuga, ao custo da vida de 16 soldados, acabou sendo evitada. O resultado das ações foi a libertação de mais de 500 presos, muitos deles condenados à morte. Especialmente *Abu Ghraib* não se tratava de um alvo escolhido aleatoriamente, em razão das denúncias que no ano de 2004 correram o mundo fazendo saber tratar-se de um centro de tortura gerido por militares norte-americanos. Seu valor era simbólico e o efeito da ação surtiu o resultado esperado: a difusão da mensagem, entre sunitas, de que o EIL os libertaria da opressão xiita.

Em janeiro de 2014, reivindicando um “Estado Islâmico”, o EIIL estendeu seu controle sobre *Falluja*, às portas de Bagdá, precisamente a 65 km a Oeste da capital, e parte da cidade de *Ramadi*, duas das mais importantes cidades iraquianas. Tratava-se do “Cinturão de Bagdá” sendo reconquistado, desde as posições ganhas pelo EII em 2007.

Apenas um mês depois, a *Al Qaeda* declarava a saída do grupo liderado por al-Baghdadi de sua rede. Sob ordens do Sheikh Abu Muhammad Ayman al-Zawahiri - teólogo islâmico que sucedeu a Osama Bin Laden após sua morte (assassinado em maio de 2011 em *Abbottabad*, no Paquistão) -, o EIIL deveria concentrar suas ações no Iraque, deixando o território da Síria, do qual teria que se retirar, para a *Al-Nusra* e com a qual, como vimos, al-Baghdadi tentara uma aliança. Fóruns *jihadistas* na *internet*, em sítios e redes sociais, foram inundados com discursos e proclamações de al-Baghdadi, al-Zawahiri e al-Golani, reclamando o direito de lutar na Síria e de ali reclamar a fidelidade de grupos de combatentes árabes. A intensa participação de *jihadistas* do mundo todo, manifestando nestes *fóruns* sua opinião, apesar de parecer, não pode ter passado despercebido pelos órgãos de inteligência norte-americanos no momento imediatamente anterior à consolidação da autoridade do EIIL na Síria, feito de enorme magnitude que reclamam as potências ocidentais não terem podido antever.

Tendo sua proposta rejeitada pela *Al-Nusra* e com as limitações impostas pelo comando supremo da *Al Qaeda*, al-Baghdadi passou a desafiar abertamente a autoridade do emir al-Zawahiri: “*Se tenho que escolher entre o governo de Deus e o governo de al-Zawahiri, escolho o governo de Deus*”<sup>151</sup> – afirmou o líder do EIIL. Declarando que passariam a comandar os *jihadistas* sunitas na Síria e incitando o ataque não apenas às tropas regulares sírias, iraquianas, milícias curdas e xiitas e parte da população civil em ambas as realidades - sobretudo xiitas, cristãos e *yazidis* -, o EIIL incitava também o ataque a grupos de oposição, o que incluía a partir daquele momento membros da *Al Qaeda* e da *Al-Nusra* que não teriam se juntado às suas fileiras.

Foi o que se viu na província síria de *Deir Ezzor*, importante região produtora de petróleo, após poucas semanas de luta na Síria, quando o EI expulsou dali a *Al-Nusra* após ter executado seu comandante local, capturado enquanto tentava fugir.

Perdendo sua mais ativa organização no Iraque e parte dos quadros da *Al Nusra* na Síria, o comando supremo da *Al Qaeda* viu-se ainda mais isolado e enfraquecido, limitando-se al-Zawahiri a algumas poucas declarações desde o seu esconderijo, em algum lugar na montanhosa fronteira entre Paquistão e Afeganistão, de onde deixara de preocupar os serviços de inteligência de seus opositores diretos.

Pouco antes do início da Copa do Mundo de Futebol, chegavam pelo *Twitter*, *Whatsapp*, *Facebook*, *Youtube* e aos veículos convencionais de imprensa as bestiais cenas de uma partida de futebol, jogada pelos militantes do EI, em que as bolas eram cabeças de opositores, entre soldados e policiais iraquianos xiitas. As imagens reeditavam a violência perpetrada no Kosovo, em 1990, quando pais foram obrigados a assistir carrascos fardados jogando futebol com a cabeça de seus filhos.

Mas a violência das forças governamentais, xiitas, contra as populações sunitas no Iraque era de tal forma brutal que, enquanto o Ocidente se horrorizava, parte significativa da população iraquiana se sentia vingada e a espetacularização da violência se mostraria um importante instrumento de coesão. O artifício também era utilizado por al-Maliki que, nas eleições parlamentares de abril de 2014, apresentou-se como o líder xiita capaz de vencer a contrarrevolução sunita que, a partir de *Anbar*, ameaçava varrer o Iraque massacrando a maioria de sua população.

E enquanto a *Al Qaeda* deixava de se constituir como um ator de peso no jogo dos conflitos médio-orientais, o EIIL avançava para um inusitado e pretensioso

---

<sup>151</sup> Cit. por NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 42.

movimento: a tomada da cidade de *Mosul*, a segunda maior cidade do Iraque, com seus 2 milhões de habitantes, um poderosíssimo arsenal de guerra e meio bilhão de dólares em cofres subterrâneos do “Banco Central do Iraque”, em junho de 2014.

A tomada da segunda mais importante cidade iraquiana foi imediatamente seguida pela tão esperada proclamação do califado. Naquele mesmo mês, dois dias antes do *Ramadã*, em comunicado formal, era anunciado o califado nos territórios ocupados pelos exércitos salafistas no Iraque e na Síria: estava criado o Estado Islâmico (EI), atestando definitivamente sua independência da *Al Qaeda*. Naquela oportunidade, Abu Mohammed al-Adnani, porta-voz do EI, conclamava a nação muçulmana: “*sacudam a poeira da humilhação e da desonra (...) um novo Califado nascerá dos escombros do caos, da confusão e do desespero do Oriente Médio contemporâneo*”<sup>152</sup>.

No dia seguinte, um vídeo produzido pelo EI era difundido por todo o mundo; intitulado “O fim de Sykes-Picot” e protagonizado por Abu Safiyya, militante de nacionalidade chilena, o filme mostrava os escombros do muro e de um posto de fronteira, demolidos com tratores, entre o Iraque e a Síria, anunciando à *umma* a aurora de um Estado Islâmico no lugar onde jaziam dois Estados criados pela mão interventora do Ocidente em 1916.

A mensagem da recriação do califado e da conclamação da *umma*, chamando a todos os muçulmanos para prestarem vassalagem ao novo califa, ganhou o mundo no mês seguinte com a primeira aparição filmada de al-Baghdadi, já como califa, trajado com as vestes sacerdotais tradicionais de um imã e falando do interior da Grande Mesquita de *Mosul*, seguida da publicação do número de estreia da *Dabiq*, a revista eletrônica oficial do EI.

Em seu primeiro discurso oficial, como califa, traduzido quase que imediatamente para diversos idiomas e disponibilizado em sítios *jihadistas* na *internet* e em redes sociais, al-Baghdadi prometia restaurar “*a dignidade, o poder, os direitos e a liderança*” da nação muçulmana<sup>153</sup>. Dirigindo-se à *umma*, o autoproclamado califa assim se caracterizava: “*sou o wali [líder] que os governa, embora eu não seja o melhor entre vocês; portanto, se virem que eu estou certo, ajudem-me. Se virem que*

---

<sup>152</sup> Ibid. p. 65.

<sup>153</sup> Ibid. p. 19.

*estou errado, advertam-me e ponham-me no caminho certo, e só me obedecem se eu obedecer a Deus em vocês*”<sup>154</sup>.

Como califa, al-Baghdadi reclamava o direito de proclamar a *Jihad* menor defensiva, chamando muçulmanos de todo o mundo a emigrarem para o califado a fim de protegê-lo de seus claros inimigos; bem como a *Jihad* menor ofensiva, justificando as guerras de conquista que vinham compondo as bases territoriais para onde deveria retornar a *umma*. Em seu pronunciamento, conclamou o autoproclamado califa: “*aqueles que podem imigrar para o Estado Islâmico deveriam fazê-lo. Já que a imigração para a casa do Islã é um dever*”<sup>155</sup>. Em outra passagem do mesmo discurso, ordenava al-Baghdadi: “*corram, muçulmanos, para o seu Estado (...) É a sua nação (...) É um conselho que lhes dou. Se vocês se mantiverem fiéis a ele, conquistarão Roma e o próprio mundo, se Alá permitir*”<sup>156</sup>.

Não se tratava de um chamamento a uma identidade nacional, como no modelo de construção de Estados nacionais encampado no Oriente Médio pelas potências ocidentais sob a égide do imperialismo, para al-Baghdadi o chamamento destinava-se a “*árabes e não árabes, homens brancos e negros, orientais e ocidentais são todos irmãos... A Síria não é para os sírios e o Iraque não é para os iraquianos. A Terra é de Alá*”<sup>157</sup>.

A importância política daquele pronunciamento, para a nação islâmica, tinha valor histórico. Renascendo das cinzas do califado otomano, al-Baghdadi reivindicava a condição de suserano dos 57 países cuja maioria da população professa a fé islâmica, conforme advertira al-Adnani, em declaração oficial: “*o caráter legal de todos os emirados, grupos, Estados e organizações se torna nulo com a expansão da autoridade do califa e a chegada de seus soldados a essas áreas*”<sup>158</sup>.

A mensagem colocava em alerta as potências ocidentais em razão de seus aliados estratégicos no Oriente Médio, como a Arábia Saudita, declaradamente salafista, e países do Golfo Pérsico (que financiaram grupos sunitas *jihadistas* como o EI), terem maiorias sunitas que poderiam, com a proclamação do califado, se insurgir

---

<sup>154</sup> Ibid. p. 40.

<sup>155</sup> Ibid. p. 98.

<sup>156</sup> Ibid. p. 99.

<sup>157</sup> Cit. por NASSER, Reginaldo; “Uma serpente entre as pedras”; in: COCKBURN, Patrick. Op. Cit., pp. 26 e 27.

<sup>158</sup> Cit. por NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 18.



desestabilizando seus governos e, com isso, o precário equilíbrio de poder, manejado pelo Ocidente, na região.

E a ameaça de fato procede, uma vez confirmada pela adesão de povoados jordanianos ao neo-califado, fazendo tremular a bandeira negra e amarela em várias de suas casas, bem como no Líbano, onde a cidade de *Arsal* acabara tomada, no mês seguinte à proclamação do califado, por milhares de *jihadistas* salafistas oriundos da Síria.

Não se trata de uma ameaça apenas a governos muçulmanos, a instituição de um moderno califado impôs a autoridade de al-Baghdadi sobre quaisquer outras organizações *jihadistas* no mundo todo, enfraquecendo com isso suas lideranças cuja legitimidade poderia, neste novo momento, ser questionada caso não prestassem vassalagem.

Com isso, a fundação do EI, como dissidência da *Al Qaeda* e na fusão de suas filiais no Iraque e na Síria, marca um processo de ainda maior radicalização da luta contra a longa ocupação militar estrangeira do Iraque, mas é viabilizada também pelo início da rebelião na Síria, entre os anos de 2011 e 2013, e as reais possibilidades de vitória, ali contempladas, contra o regime de Bashar al-Assad.

### **A serpente entre as pedras**

Desde o início de suas operações, o EI se revelou muitíssimo mais hábil na cooptação da juventude, dentro e fora do mundo islâmico, se comparado à *Al Qaeda*, liderada por al-Zawahiri. No entanto, a popularidade que goza a organização entre *jihadistas* de todo o mundo se refere principalmente às primeiras grandes vitórias militares que ultimou, empreendendo uma guerra de conquista nos moldes tradicionais e valendo-se ainda de táticas terroristas.

Na definição que dera al-Baghdadi para a estratégia militar que desenvolveu em sua guerra de conquista direta, trata-se de “uma serpente que se move entre as pedras”, alegoria que explica o uso de tropas de assalto contra alvos vulneráveis, enquanto tem evitado manter-se em batalhas prolongadas, em situações em que as forças em combate sejam equivalentes.

Como vimos, em março de 2013, na Síria, os *jihadistas* sunitas conquistaram a cidade de *Raqqa*, a primeira capital de província que passaria ao controle do EI e que simbolizava a retomada do califado que, no passado, tivera ali centralidade. Quando proclamado o novo califado, em junho de 2014, a cidade seria, tal qual no passado, sua capital política.

Valendo-se das ofensivas de grupos rebeldes que se moviam contra o governo de Bashar Al-Assad, o EI vem logrando cooptar para os seus quadros parte significativa dos sunitas *jihadistas* que tem se desfilhado da *Al Qaeda*, destacando-se de sunitas tradicionais e de xiitas sírios, estes últimos que, em larga maioria, são simpáticos ao regime de Assad e contam com o apoio do Irã, em razão de sua identidade xiita, na luta contra a rebelião. A expansão de sua guerra de conquista para o conflito civil na Síria deu ao EI proporções jamais alcançadas por organizações *jihadistas* precedentes, ao custo da catástrofe que se estende por 5 anos, de mais de 500 mil mortos segundo a ONU (números de fevereiro de 2016)<sup>159</sup> e da maior crise de refugiados da história recente.

No Iraque - onde a meta seria tomar Bagdá<sup>160</sup> -, valendo-se das tensões entre sunitas e xiitas, o avanço do EI vem propagando a mensagem da libertação sunita contra a opressão xiita. É como ocorrera na tomada e controle de *Fallujah* no dia 3 de janeiro de 2014, cidade de maioria sunita na Província de *Anbar* (que cobre quase todo o Oeste do país) e que está a apenas 65 quilômetros a Oeste de Bagdá, como uma porta para a capital. Na acometida, foram tomadas também extensas áreas na cidade de *Ramadi*, capital de província. O enfrentamento direto impôs ao exército iraquiano, sediado em *Anbar* com 5 divisões inteiras, uma de suas mais acachapantes derrotas, com o cômputo de 5 mil combatentes mortos ou feridos e em torno de 12 mil desertores.

Mas a queda de *Fallujah* não tem motivos apenas militares; teria sido a corrupção instalada em todas as instâncias da política iraquiana, reproduzida em suas Forças Armadas, responsável direta pela incapacidade de as forças de segurança deterem o avanço dos *jihadistas*. Cockburn, a este respeito, informou que as forças baseadas em *Anbar* operavam com um quarto de sua capacidade, os soldados que deveriam guarnecer a cidade eram enviados ao *front* com apenas 4 cartuchos de

---

<sup>159</sup> “Número de mortos em guerra civil na Síria chega a 470 mil”; *GI*; 11 Fev. 2016 (disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/numero-de-mortos-em-guerra-civil-na-siria-chega-a-470-mil-diz-jornal-20160211100505516954.html>).

<sup>160</sup> FOUCHER, Michel; “Uma ambição territorial”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 36.

munição para os fuzis AK-47 que carregavam, a maioria estava faminta pois verbas destinadas à intendência eram costumeiramente desviadas pelo alto comando e, finalmente, o cúmulo para um país exportador de petróleo: faltava combustível para os destacamentos motorizados<sup>161</sup>.

O controle da represa de *Fallujah* pôs ao EI, ao menos por alguns dias, a possibilidade de inundar ou secar cidades inteiras ao Sul do país, até que o governo conseguisse desviar o curso do rio para outros canais, evitando que mais esta arma estivesse à disposição dos *jihadistas*.

No mês de março, enquanto a periferia da cidade era guarnecida por 300 a 500 combatentes fortemente armados, um desfile militar de atiradores do EI exibia suas últimas conquistas: blindados *Humvees* norte-americanos capturados do exército iraquiano, ostentando a bandeira negra como seu novo emblema. Hasteado por toda a cidade, o estandarte do EI se impunha às cenas da vitória dos marines norte-americanos quase 10 anos antes, quando em 2004 vangloriavam-se de ter capturado a cidade. A chegada do EI a *Fallujah*, não apenas pelas cenas humilhantes que produziu, é que teria despertado mais agudamente a atenção dos EUA, devido a sua proximidade com Bagdá e do que representaria sua queda para a realidade iraquiana e para a geopolítica médio-oriental, tendo sido a captura da cidade um dos fatores determinantes para que os ataques norte-americanos começassem logo em seguida.

E enquanto a guerra de conquista direta era travada em moldes bastante tradicionais, sua variável terrorista seguia produzindo massacres de populações xiitas no Iraque. No mês de março, uma *minivan* carregada de explosivos foi arremessada por um combatente suicida contra um posto de controle na entrada de *Hilla*, uma das mais povoadas cidades xiitas a Sudoeste do Iraque, matando 45 pessoas e ferindo 157.

No mês de maio, dias após as eleições legislativas, tentando a reconquista do “Cinturão de Bagdá” tropas do EI se deslocaram em direção a *Samarra*, cidade natal de al-Baghdadí a 110km da capital iraquiana, mas seu avanço acabou estancado pelas forças do governo.

Logo no dia 6 de junho de 2014, os extremistas chegaram a *Mosul*, centro político, econômico e cultural do Noroeste do Iraque, onde após 4 dias de luta, cerca de 30 mil soldados do governo fugiram frente ao avanço de apenas 1.300 *jihadistas* que ocuparam a segunda maior cidade do Iraque, com mais de um milhão de habitantes,

---

<sup>161</sup> COCKBURN, Patrick. Op. Cit. pp. 169 e 170.

uma das mais diversas populações da região, formada por árabes, curdos, sírios, turcos e várias minorias religiosas, sede de uma das maiores universidades do país e onde as atrocidades cometidas contra a população local ganharam repercussão internacional.

Disse al-Adnani sobre a conquista de *Mosul*: “tanto os inimigos quanto os apoiadores estão boquiabertos”<sup>162</sup>; tratava-se do maior feito do EI até ali e que repercutiria profundamente nos destinos não apenas do Iraque, mas de todo o Oriente Médio.

Os números de efetivos iraquianos que acabaram vencidos na batalha por *Mosul* são bastante imprecisos, entre tropas de exército e policiais as cifras oficiais dão conta de 60 mil homens; no entanto, é possível que dois terços ou até mesmo a metade disso estivesse, efetivamente, guarnecendo a cidade. Para Cockburn o motivo da derrota e também das incertezas numéricas são atribuídos à corrupção endêmica que se instalou no governo e nas forças de segurança iraquianas<sup>163</sup>. Tendo perdido seus quadros mais experimentados de comando, quando do desmonte do Partido *Baath*, da inteligência e do alto oficialato das Forças Armadas do regime de Saddam Hussein, os postos de comando das forças de segurança passaram a ser objeto de grande valor no mercado de patentes militares como um investimento altamente lucrativo; até mesmo patentes de generais chegaram a ser vendidas sob a certeza de que, por meio de desvios de verbas públicas destinadas ao treinamento de efetivos, compra de equipamentos e outros itens indispensáveis à guerra, em apenas dois meses seria recuperado o capital inicial. Na batalha por *Mosul*, especula-se que um em cada 3 combatentes não estivesse, verdadeiramente, ali, ao preço do pagamento de metade de seu salário aos seus venais comandantes para que permanecessem no conforto de seus lares. Muitas das batalhas vencidas pelo EI, no Iraque, se deram contra efetivos que jamais existiram.

Mas não é apenas a corrupção dos comandos do Exército Iraquiano a responsável pela queda daquele importante bastião; as estratégias do EI para o cerco e tomada da cidade valeram-se de ataques diversionistas contra uma série de alvos em distintas regiões do Iraque, o que fez ocultar seu objetivo real até que a vitória fosse inevitável. Os ataques começaram no dia 5 de junho com o avanço de veículos, carregando atiradores com armamento pesado, sobre *Samarra*, na província de *Salahuddin*, o que obrigou que o Exército iraquiano desembarcasse ali, de helicóptero,

---

<sup>162</sup> Cit. por COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 58.

<sup>163</sup> COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 53.

sua “Divisão Dourada”, dada a proximidade entre *Samarra* e Bagdá e pela importância simbólica da cidade, que abriga *Al-Askari*, uma das sedes sagradas do xiismo. Articuladamente, em *Ramadi*, centenas de estudantes foram feitos reféns no campus universitário da cidade; enquanto em *Baquba*, também próxima a Bagdá, o escritório de contraterrorismo do governo foi atingido por um carro-bomba.

E enquanto as ações diversionistas eram realizadas, o ataque a *Mosul* começou como se fosse apenas parte de uma série de atentados em que, após o mal feito, os atacantes se retirariam rapidamente. Apoiados por milícias sunitas como o *Ansar al-Islam*, o Exército *Moujahedin*, e o *Naqshbandi*, de orientação *baathista*, as investidas principiaram com o ataque de 4 homens-bombas em pontos diversos, apoiados por artilharia e morteiros.

A percepção de que se trataria de ações análogas àquelas praticadas dias antes só começou a mudar no dia 7 de junho, quando os EUA e a inteligência curda detectaram um comboio de tropas do EI se deslocando da Síria em direção a Mosul. No dia seguinte, tiveram lugar os combates mais intensos e, enquanto destacamentos do EI tomavam alvos como o quartel da Polícia Federal, entre outras instalações de valor estratégico e simbólico, o governo de Bagdá recusava a ajuda oferecida pelo líder curdo Massoud Barzani, que dispusera combatentes *Peshmerga* para lutar contra os invasores em *Mosul*. No dia 9 de julho, a imagem da derrota incontestada foi a partida, de helicóptero, dos três mais graduados gerais que comandavam a resistência daquela fortaleza: Abboud Qanbar, Ali Ghaidan e Mahdi Gharawi, levados para o Curdistão, o que explicitou o colapso do exército cujo oficialato, já na manhã do dia 10, comandava à soldadesca que deixasse suas armas e seu fardamento e saísse da cidade.

Mas há ainda um terceiro fator determinante para a queda de *Mosul* e que, apesar de sua importância, comumente é desconsiderado nas análises políticas elaboradas sobre o avanço do EI: o levante popular sunita que o apoiava e que, na mesma manhã de 10 de junho atacou acampamentos das forças regulares iraquianas com palavras de ódio. O fenômeno explicitava o entendimento de que para os sunitas iraquianos, as forças de segurança eram tropas de ocupação que agiam em prol da parcela xiita e fiéis ao Irã o que, apesar da propaganda anti-xiita insuflada pelos agentes do EI infiltrados no movimento, não eram argumentos de todo falaciosos.

E ao tomar *Mosul*, oficiais do exército iraquiano remanescentes do regime de Saddam Hussein, dentre os quais 2 generais, acabaram prisioneiros. Para a massa de

soldados capturados, apenas àqueles de origem sunita restou a escolha de jurar fidelidade ao califado ou entregar suas armas.

Na edição de 24 de julho, o jornal britânico *The Guardian* denunciava a expropriação de bens, a expulsão e mesmo a execução, em *Mosul*, de cristãos que se recusavam a converter-se ao credo salafista<sup>164</sup>. Mas para a população sunita e mesmo aqueles sem intensa vida religiosa (caso da maior parte dos habitantes da cidade) as orientações de al-Adani advertiam seus combatentes para que respeitassem a população local, inclusive aqueles que tivessem lutado em nome do governo.

O assalto à cidade também rendeu ao EI todo o arsenal guardado na base militar que sedia, bem como 450 milhões dólares entesourados em seus bancos.

Além de todos os fatores que aqui já foram elencados, a importância de *Mosul* para o EI se deve também ao fato de terem sido provenientes da cidade boa parte dos quadros de comando do exército fiel à Saddam Hussein, que por tradição escolhia, dali, seu Ministro da Defesa. Por sua relevância, a cidade passaria a concentrar as atividades econômicas do EI, enquanto a capital política seguiria sendo *Raqqa*.

A data de 10 de junho de 2014, quando capitulou *Mosul*, é crucial para o avanço do EI que, em apenas 100 dias, estendeu conquistas de igual forma impensáveis não só no Iraque mas também na Síria. Na frente iraquiana, expandiu seu controle pela região Norte, desintegrando 5 das 18 divisões do exército nacional, fazendo recuar um exército de 350 mil soldados e que, entre os anos de 2011 e 2014, custara 41,6 bilhões de dólares em investimentos, parte deles deixados ao longo das estradas que levaram os desertores a regiões seguras, onde largaram suas fardas e equipamentos, a maior parte recolhidos pelos combatentes do EI para a composição de suas reservas<sup>165</sup>.

E enquanto após a conquista de *Mosul* era tido como certo um sítio à Bagdá, o avanço do EI fez cair sob controle também a Província de *Nínive*, *Kirkut* e *Tikrit*, a capital da província de *Salah Ad-Din*. Em *Níneve*, que ladeia *Mosul*, de 2 a 3 mil jovens teriam se juntado aos *ihadistas* a fim de guarnecer a importante conquista. Em *Tikrit*, a mesma cena vista em *Mosul* se repetiu: oficiais altamente graduados deixando a cidade de helicóptero, informando que não haveria ali resistência e que as forças de segurança estariam, de fato, se desintegrando. A rendição e a captura das tropas que deveriam

---

<sup>164</sup> “They are savages, say Christians forced to flee Mosul by Isis”; *The Guardian*; 24 Jul. 2014 (disponível no sítio: <https://www.theguardian.com/world/2014/jul/24/iraqi-christians-mosul-isis-convert-islam-or-be-executed>).

<sup>165</sup> Cf.: COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 32.

guarnecer a cidade foi seguida de sua divisão em 2 grupos: sunitas e xiitas, sendo a muitos destes dada a morte por fuzilamento diante das trincheiras que os próprios taumaturgos eram obrigados a cavar. Como parte já das estratégias do EI, as imagens das execuções rodaram o mundo em redes sociais e sítios de *internet*, produzindo o terror de seus inimigos xiitas e estrangeiros, enquanto comunidades sunitas sentiam-se, enfim, vingadas.

Os êxitos do EI, no avanço em direção à capital, fizeram-no chegar a importantes regiões produtoras de petróleo e de energia elétrica no Norte do Iraque, como em *Baiji*, onde sem encontrar resistência alguma resultou capturada sua refinaria; e *Haditha*, onde caiu sob seu controle a represa e usina hidrelétrica que explora os recursos do rio Eufrates, além de um trecho significativo do oleoduto responsável por fazer chegar à Turquia, em média, 600 mil barris de petróleo por dia<sup>166</sup>.

Naqueles dias que se seguiram à queda destes importantes bastiões territoriais, a certeza de que o EI chegaria a Bagdá, com uma população de 7 milhões de habitantes e cuja maioria expressiva era xiita, fez com que as ruas ficassem desertas, correndo as populações xiitas a estocar água e comida, enquanto 7 ministros e 42 parlamentares, com suas famílias, buscavam refúgio na Jordânia. A tensão não envolvia apenas o fato de cidades como *Fallujah* e *Tikrit* distarem, de carro, apenas uma hora de Bagdá, mas de a tomada de *Mosul* ter sido viabilizada também por um levante sunita, o que colocava, para Bagdá, possibilidades de um massacre preventivo que poderia ser perpetrado por xiitas em regiões como *Adhamiya*, de maioria sunita e que se tornara deserta.

A reconquista do “Cinturão de Bagdá” impunha às forças de segurança iraquianas a tarefa de guarnecer a capital, enquanto os aliados ocidentais do governo do primeiro ministro al-Maliki temiam a derrota política que significaria a perda da cidade que baseara a ocupação estrangeira, deixada pelas forças da coalizão liderada pelos EUA em 2011. Mas foram os aliados regionais do governo xiita iraquiano os primeiros a prestarem socorro na defesa da capital, inundando com armas toda a cidade. Ocorre que não foram apenas as forças policiais e até mesmo guardas de trânsito que repentinamente passaram a portar submetralhadoras; as ruas de Bagdá foram ocupadas maiormente por milícias xiitas apoiadas pelo Irã, como o *Asaib ahl aq-Haq*, dissidência do movimento liderado pelo clérigo Moqtada al-Sadr e que, em 2004, como vimos,

---

<sup>166</sup> Cf.: NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 56.

levantou-se contra o governo interino do primeiro-ministro Iyad Allawi. A milícia xiita era controlada agora por al-Maliki, que se apoiou ainda em outras facções, outrora proscritas, para a defesa da capital, ainda que na guerra civil de 2006 e 2007, entre sunitas e xiitas, bem como ao longo do ano de 2008, tivesse enfrentado e desmobilizado grande parte desses grupos, o que demonstrara a incapacidade plena das forças regulares da polícia e do exército iraquiano em guarnecer Bagdá.

O recurso às sectárias milícias xiitas colaborou para que as recentes feridas sequer comessem a cicatrizar. Poucos dias depois da chegada das milícias xiitas à capital, o sangue da população sunita voltou a jorrar: temendo que um levante sunita fizesse parte das estratégias do EI para a tomada de Bagdá, esquadrões da morte xiitas, preventivamente, passaram a desovar sistematicamente, durante a madrugada, cadáveres sem identificação nas ruas desertas da cidade, descobrindo-se momentos depois serem as vítimas sunitas.

Em termos estratégicos, um dos méritos da serpente que se move entre as pedras é que não se pode prever o seu caminho; e esperando-se um ataque a Bagdá, durante todo o mês de julho, uma série de derrotas foram impostas às forças governamentais sírias, enquanto tropas do EI se lançaram sobre territórios curdos tanto no Norte do Iraque quanto na Síria, na fronteira de ambos os países com a Turquia.

Ao sitiarem, no início do mês de agosto, o Curdistão Iraquiano em *Erbil*, capital curda, após terem derrotado os *Peshmerga* em *Sinjar*, e em setembro o Curdistão sírio em *Kobani*, acabaram provocando a reação dos EUA, especialmente na frente iraquiana.

O enclave curdo no Norte da Síria, onde vivem meio milhão de pessoas, foi atacado por cerca de 5 mil combatentes com pesada artilharia e blindados de fabrico norte-americano, dos arsenais iraquianos que o EI se apropriara em *Mosul*.

No cálculo das forças envolvidas no combate estava o cômputo de que as guerrilhas curdas *Yazidi* seriam superiores às forças do exército regular iraquiano, o que recolocava a capacidade militar do EI em patamares ainda maiores. Mas o que explica a intervenção norte-americana no teatro iraquiano de operações não são as repetidas vitórias militares do ISIS e, tampouco, a necessidade de proteger o povo curdo. Basta ver no mapa a posição de grande parte da Região Autônoma Curda no Iraque e, em especial, da cidade de *Erbil*, numa porção divisando o território iraquiano com a Turquia e, noutra, com o Irã. O que estava em jogo era a integridade territorial da



Turquia, onde desde 1961 a OTAN mantém ogivas nucleares em uma de suas mais importantes bases aéreas em todo o mundo.



Fonte: *Oriente Mídia*, agosto de 2014.

Disponível no sítio: <http://www.orientemidia.org/bombardeio-americano-no-iraque-petroleo-e-erbil/>.

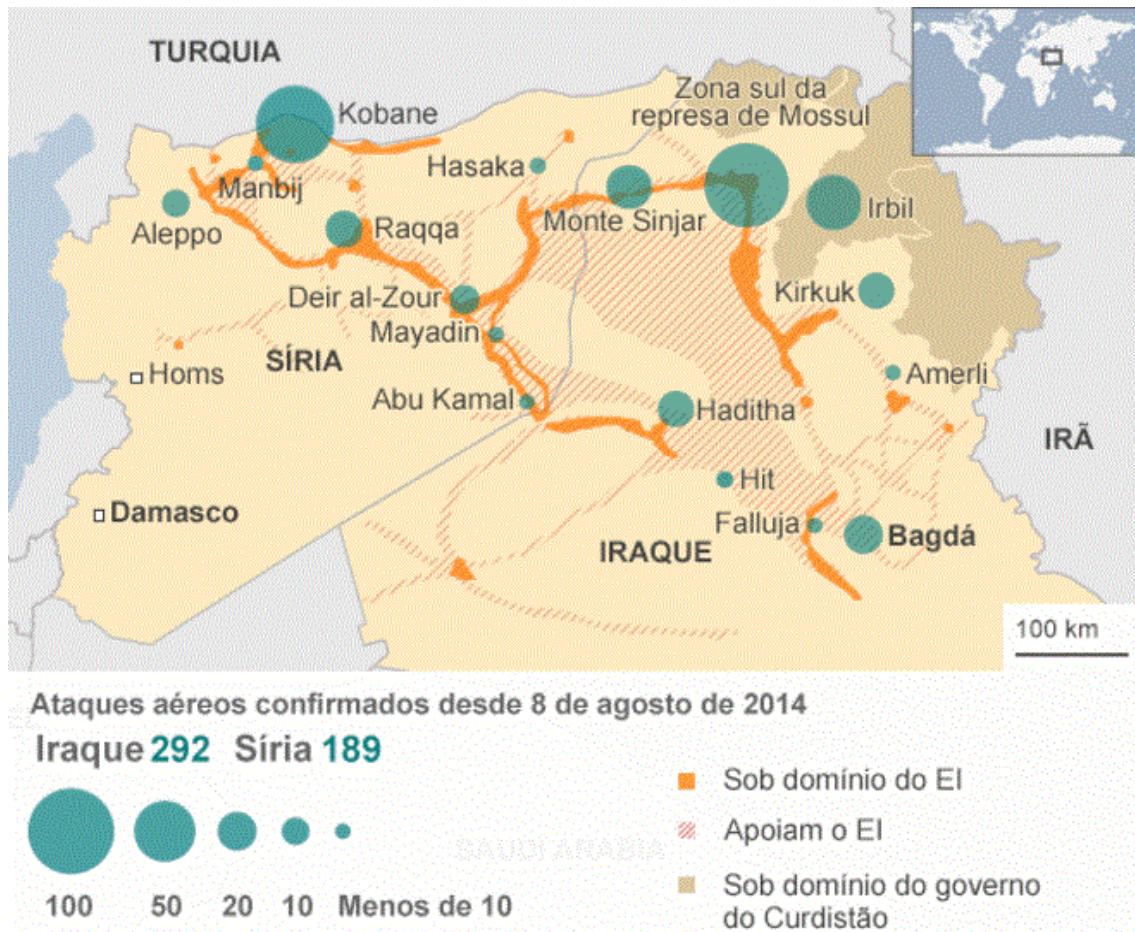
O ataque aos bastiões territoriais curdos retirava de al-Maliki a justificativa que até ali vinha utilizando para explicar a perda de importantes cidades: a de que o exército e todo o povo iraquiano teriam sido traídos pelos curdos. O ataque a *Erbil* contradizia a afirmação do primeiro-ministro de que a capital curda seria o “quartel-general” do EI no Iraque e denunciava sua direta responsabilidade no rápido processo de desintegração do exército, carcomido pela corrupção com a qual anuía o seu gabinete e que espelhava toda a maquinaria de seu governo.

Um mês após a queda de *Mosul*, aos 8 de agosto de 2014 ocorreram os primeiros ataques aéreos norte-americanos contra alvos do EI no Iraque, um mês antes de ser anunciada a formação da coalisão internacional de 60 países, liderada pelos EUA, com a função de bombardear alvos do EI na Síria. No dia 27 de setembro, a Grã-Bretanha iniciaria operações aéreas também no Iraque. Apesar de as ações não estarem articuladas a uma estratégia de longo prazo, acabaram concatenadas ao avanço dos militantes do “Partido dos Trabalhadores do Curdistão” (PKK) a fim de socorrer os *Peshmerga* na luta pelas regiões autônomas no Norte do Iraque, para onde convergiam tropas do EI.

E ainda que os ataques aéreos não tenham contido o avanço do EI, ao menos lograram forçar uma mudança brusca em suas estratégias de deslocamento e de assédio, inviabilizando meios convencionais como o transporte de tropas em colunas de veículos blindados pesados e de *Humvees* (de origem norte-americana e capturados do exército iraquiano) e que se tornaram alvos fáceis para a aviação de bombardeio. Por outro lado, a adoção de táticas de guerrilha, em território minuciosamente conhecido pelos comandantes de pelotão (o equivalente disso) e por muitos dos combatentes comuns, ocultavam seus movimentos de *drones* e aeronaves de bombardeio, recolocando o EI em condição de vantagem operacional frente aos seus inimigos.

Corroborar esta percepção o fato de o avanço do EI não ter sido contido nas posições em que estavam quando do início dos bombardeios, a Oeste de Bagdá.

Outra vantagem decorrente dos ataques aéreos norte-americanos, para o EI, são as inevitáveis vítimas civis, tanto da destruição material que compromete a infraestrutura básica em cidades e vilarejos controlados pela organização, quanto pela perda indistinta de vidas entre homens, mulheres e crianças, em sua grande maioria sunitas. A violência e o morticínio causados pelos bombardeios aéreos produzem um fenômeno político análogo àquele que viabilizara, no Camboja, o *Khmer Vermelho*: o beneficiário de sua destruição, no Iraque, é o EI que vêm contando, cada vez mais, com o apoio de populações sunitas que, clamando vingança, aderem ao braço sectário do Islã na leitura empreendida pelos clérigos da organização: o salafismo.



Fonte: BBC, outubro de 2014.

Disponível no sítio: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015\\_mapas\\_siria\\_lab](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015_mapas_siria_lab).

O início dos ataques norte-americanos coincidiu com o término, no dia 11 de agosto de 2014, do mandato de Nouri al-Maliki como primeiro-ministro do Iraque, tendo amargado a derrota nas eleições parlamentares de abril de onde saíra responsabilizado pela perda de *Mosul* e pela total incapacidade de o exército iraquiano deter o avanço do EI. Mas não sem antes tentar permanecer, à força, no poder, mobilizando tropas leais a si no centro de Bagdá para a tentativa de golpe de que fora dissuadido, firmemente, pelas embaixadas dos EUA e do Irã, que apoiaram prontamente a nomeação de Haider al-Abadi como seu sucessor.

A mudança foi comemorada por líderes políticos ocidentais que esperavam de al-Abadi uma postura mais inclusiva com sunitas e curdos, estratégia que esvaziaria a retórica pró-sunita da militância salafista. No entanto, o que se viu, poucas semanas depois, foi drasticamente distinto; além de o *Dawa*, entre outras organizações políticas xiitas, ter aumentado sua presença no governo, um intenso bombardeio da aviação de

guerra iraquiana castigou *Fallujah* por 6 dias ininterruptos, atingindo indistintamente a população civil sunita, matando 28 pessoas e ferindo 118<sup>167</sup>.

Já os bombardeios dos EUA foram respondidos, 11 dias depois de seu início, com a decapitação do jornalista norte-americano James Foley, o primeiro refém a ser executado pelo grupo e em frente a uma câmera digital, que gravou a execução. As imagens da degola foram amplamente divulgadas em redes sociais e impuseram pânico em todo o mundo, além de demonstrar o domínio que quadros técnicos do EI tinham da rede mundial de computadores, quando o *Facebook* e o *Twitter* agiram para eliminar todas as versões do vídeo em seus servidores e, horas depois, o acesso às cenas da degola era garantido por centenas de sítios *ihadistas* na *internet*.

Já na frente síria, aos 24 de agosto de 2014, o EI logrou capturar a base militar de *Tabqa*, inviabilizando operações militares do governo em quase toda a região Noroeste do país. Contudo, conforme demonstrou Thiollet, o protagonismo do EI na guerra civil síria seria desprovido de base popular e pouco teria participado de operações militares do “Exército Livre” contra tropas do governo e milícias xiitas e *baathistas*, pró-governo. Adentrando à guerra civil pela via da oposição islamista, o EI teria atuado apenas nos conflitos internos à rebelião, entre grupos de tradição sunita, disputando sua filiação e valendo-se, de maneira flagrantemente oportunista, das possibilidades de ocupação de territórios liberados com o avanço dos rebeldes. Este seria o *modus operandi* em muitos dos territórios que o EI afirma ter tomado na Síria.<sup>168</sup>

O EI estendeu seu controle ainda sobre regiões sírias fronteiriças com a Turquia, ameaçando a integridade territorial defendida por Ancara, o que intensificou a ação de potências ocidentais que acorreram em sua defesa.

Em setembro, tropas do EI que sitiavam a cidade xiita turcomana de *Amerli*, ao Norte de Bagdá, se enfrentaram com as milícias xiitas controladas pelo Irã, apoiadas pelos bombardeios da aviação de guerra norte-americana e que lograram pôr fim ao cerco e ainda salvaguardar a capital.

Enquanto isso, outro cerco era ganho pelo EI e a apenas 60 quilômetros de Bagdá, contra a base do exército iraquiano em *Saqlawiyah*, cidade vizinha a *Fallujah*, onde após uma semana de assédio, dos mil soldados que guarneciam as instalações, 800

---

<sup>167</sup> Cf.: COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 66.

<sup>168</sup> THIOULET, Hélène; “O espectro da invasão de 2003”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., pp. 30 e 31.

acabaram capturados ou mortos. Dentre aqueles que fugiram estavam combatentes cujos depósitos foram colhidos por Cockburn:

... queixaram-se de que, durante o cerco, não haviam recebido qualquer reforço de munição ou suprimentos, comida ou água, embora estivessem a apenas 60 quilômetros de Bagdá. Em outras palavras, três meses e meio depois da queda de Mosul e seis semanas depois do início das incursões aéreas norte-americanas, o exército iraquiano permanecia incapaz de suportar um ataque do ISIS ou executar uma operação militar elementar. Assim como em Mosul e Tikrit, o sucesso aparentemente napoleônico do ISIS era parcialmente explicado pela incapacidade do exército iraquiano.<sup>169</sup>

Para Thiollet, no Noroeste do Iraque o EI teria sido recebido como protetor das populações sunitas oprimidas pelo governo xiita empossado pela intervenção estrangeira e mantido pelos EUA desde 2003, o que lhe permitiu compor alianças com autoridades sunitas locais.<sup>170</sup>

... A adesão das populações ao Estado Islâmico nas regiões que ele afirma controlar está intimamente ligada à falência do governo iraquiano nesses mesmos territórios. O estado-providência, que funcionava em benefício dos sunitas e em detrimento dos xiitas e dos curdos sob a ditadura de Saddam Hussein, volta-se contra eles: os sunitas se veem excluídos do poder político, das redes de influência e de corrupção, da redistribuição da renda petroleira.<sup>171</sup>

De acordo com Foucher, no Norte do Iraque não se pode falar da atuação meramente de “terroristas”, tratam-se de coalizões sunitas alijadas do poder desde a queda de Saddam Hussein e cuja militância está intimamente ligada às agruras a que estão submetidas populações sunitas nas quatro províncias nortistas onde a destruição humana e material foi das mais graves de toda a guerra de ocupação. Para todas essas coletividades, o EI é tido como um protetor.<sup>172</sup>

Mais do que isso, o EI avançaria territorialmente, no Iraque e na Síria, ocupando espaços vazios de poder, devido ao caos decorrente da guerra civil e das intervenções estrangeiras, ambas intimamente ligadas.

A velocidade assustadora da formação do Daesh resulta da soma de todos esses fatores: o vazio de poder (voluntário no norte da Síria, devido ao sectarismo do ex-primeiro ministro xiita Al-Maliki no Iraque), as configurações sociopolíticas locais... O vazio foi preenchido pelo Daesh e seus aliados circunstanciais.<sup>173</sup>

<sup>169</sup> COCKBURN, Patrick. Op. Cit. pp. 66 e 67.

<sup>170</sup> THIOULET, Hélène; “O espectro da invasão de 2003”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 30.

<sup>171</sup> Ibid. p. 31.

<sup>172</sup> FOUCHER, Michel; “Uma ambição territorial”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. pp. 34 e 35.

<sup>173</sup> Ibid. p. 35.

As operações de contenção ao avanço do EI, até o anúncio dos bombardeios norte-americanos em 2014, estavam concentradas em *Tikrit*, *Najaf* e *Karbala*, onde o governo xiita do Primeiro-Ministro Nouri al-Maliki vinha sendo apoiado decisivamente por forças iranianas. No entanto, as Forças Armadas iraquianas do governo xiita eram muitíssimo distintas da antiga Guarda Republicana, fiel a Saddam Hussein, pondo em dúvida, severamente, sua capacidade militar contra o EI; seus comandantes eram desprovidos de formação e qualificação militar, além de suas tropas serem subequipadas e mal treinadas.

Dawod chegou a afirmar que antes da queda da cidade de *Mosul*, era possível comprar uma patente de general por cerca de 250 a 300 mil dólares, a título de investimento uma vez que o valor poderia ser facilmente recuperado em dois ou três meses, em função dos desvios de recursos e extorsões que poderia viabilizar<sup>174</sup>.

Já Cockburn informou que, ao preço de 2 milhões de dólares, era possível a um general tornar-se comandante de divisão, recuperando este valor ao coletar comissões de absolutamente todas as práticas de extorsão e de desvios que ocorressem sob sua autoridade<sup>175</sup>. Já no nível dos batalhões,

Um comandante de batalhão era pago por unidade de 600 soldados, mas tinha apenas 200 em armas: embolsava a diferença, o que significava lucros enormes. O exército tornou-se uma máquina de fazer dinheiro para oficiais graduados e, frequentemente, um instrumento de extorsão para soldados ordinários que atuavam nos postos de controle. No cúmulo disso tudo, oficiais sunitas bem treinados foram marginalizados. “O Iraque não tem um exército nacional de fato”, concluiu um general.<sup>176</sup>

A primeira grande derrota do grupo ocorreu apenas em janeiro de 2015, quando combatentes curdos retomaram o controle de *Kobani*, na fronteira com a Turquia, após um longo cerco. A guerra por um dos bastiões que simbolizam o desejo curdo por um Estado autônomo, chegou ao seu momento mais dramático no dia 6 de outubro de 2014, quando as tropas do EI avançavam sobre o centro da cidade e sua queda parecia iminente, o que ficou expresso no ato de desespero do icônico militante curdo Arin Mirkan que, cercado por *jihadistas* do EI, explodiu a si mesmo, enquanto reforços *jihadistas* acorriam à cidade a fim de impor-lhe uma derrota definitiva.

---

<sup>174</sup> DAWOD, Hosham; “O Estado Islâmico está muito bem adaptado à guerra moderna”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 41.

<sup>175</sup> COCKBURN, Patrick. Op. cit. p. 104.

<sup>176</sup> Ibid.

A possibilidade de o EI se estabelecer na fronteira com a Turquia, por mais que o governo de Recep Tayyip Erdoğan perseguisse os autonomistas curdos-sírios em seus territórios, provocou uma revisão urgente em suas estratégias a ponto de permitir que um destacamento *Peshmerga* corresse ao socorro de *Kobani*, enquanto aviões C-130 da coalizão internacional despejavam, no dia 19 de outubro, 21 toneladas de armas e equipamentos para a defesa da cidade.

Entre as organizações políticas curdas proscritas por Ancara estão o Partido de União Democrática (PYD) e as Unidades de Proteção Popular (YPG); o PYD, por sua vez, é o braço sírio do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e que vem lutando, na Turquia, desde 1984 por um Curdistão livre. Logo, a luta de Erdoğan contra o PKK, que desde 2013 conta com um cessar-fogo, é também uma luta contra o PYD, em razão dos impactos que teriam sobre as populações curdas, na Turquia, uma nação curda autônoma na Síria, com 15 milhões de almas. A questão que se impunha à Ancara seria a do risco de uma *Kobani* sob os curdos ou sob salafistas desejosos por expandir a *Jihad* inclusive sobre o solo turco. Para Erdoğan, a batalha por *Kobani* poderia resultar em um duro golpe em seus inimigos curdos; mas um decisivo elemento de pressão passou desde então a pesar: a diplomacia norte-americana que não teria acatado a preferência de Ancara pelo EI, em relação ao PKK.

A impaciência norte-americana desdobrou-se na intensificação dos ataques aéreos. Aos 23 de outubro, a coalizão liderada pelos EUA já teria executado 6.600 missões, dentre as quais 632 (menos de 10%) consistiam em ataques contra alvos demarcados no solo. Segundo Cockburn, em apenas 48 horas foram desfechados 40 ataques aéreos norte-americanos na linha de frente curda<sup>177</sup>.

Por terra, a guerrilha curda se organizava em torno da YPG que, defendendo o centro da cidade e retomando regiões adjacentes, onde se entrincheiravam os combatentes *jihadistas*, no dia 26 de janeiro de 2015, depois de 134 dias de luta, heroicamente expulsaram o EI, libertando *Kobani*. A emblemática vitória foi obtida ao custo da vida de 600 combatentes curdos e mil militantes do EI.

Mas há um aspecto em particular, na composição das forças do PKK e do YPG que tem significados profundos: as tropas que, pela primeira vez, impuseram ao EI uma derrota de grandes proporções, eram compostas majoritariamente por mulheres que se negaram a aceitar o destino da violência e da escravidão sexual, da degradação social e

---

<sup>177</sup> Ibid. p. 192.

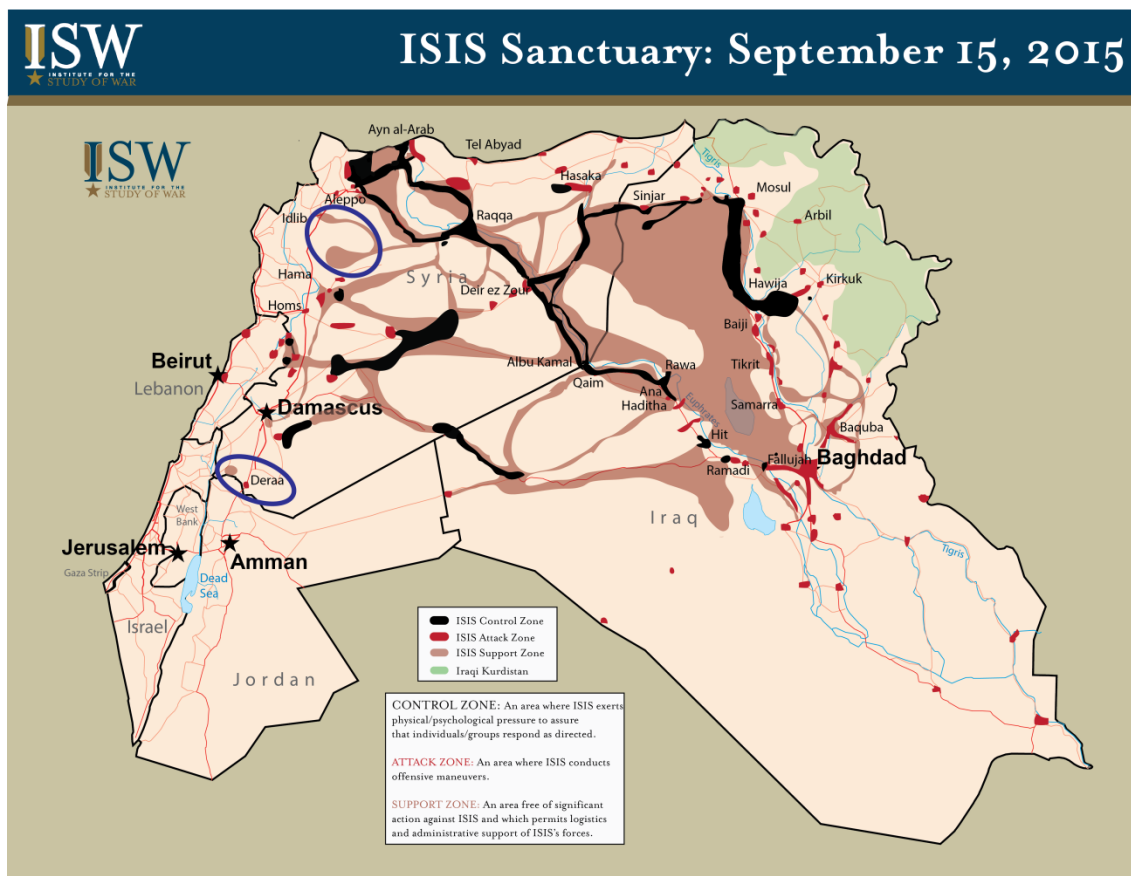


de seu total silenciamento num modelo de sociedade que de certo as anulava, se não as destruísse por completo.

Logo depois, em abril, a segunda derrota se deu quando tropas iraquianas, milícias xiitas e os *pasdars* iranianos libertaram *Tikrit*, simbólica para os sunitas por ser a cidade natal de Saddam Hussein.

Na frente síria, o avanço em direção a Damasco levou as tropas do EI, em maio de 2015, à cidade antiga de Palmira, um dos mais importantes polos culturais da Antiguidade segundo a UNESCO e onde sítios arqueológicos de mais de 2 mil anos, ligados à cultura muçulmana xiita e sufi, foram destruídos e a cidade pilhada. Templos, mausoléus e estátuas foram dinamitados, enquanto tesouros e relíquias foram saqueados para alimentar o tráfico de antiguidades que fornece ao EI parte de suas receitas.

As tropas curdas sagram-se vitoriosas, na guerra contra o EI, também em *Tal Abyad*, mais uma cidade próxima à fronteira turca e por meio da qual operava parte da rede que contrabandeava armas, drogas, dinheiro e deslocava efetivos na região.



Fonte: *Institute for the Study of War*, setembro de 2015.

Disponível no sítio: <http://www.understandingwar.org/map/isis-sanctuary-map-september-15-2015>.



## Capítulo III:

### **A estratégia do caos construtivo ou por que o Estado Islâmico é a mais recente aberração do imperialismo?**

#### **As premissas do caos construtivo**

Em um breve ensaio publicado pelo jornal francês *Le I*, Edgar Morin afirmou, sobre a guerra civil na Síria e a cruzada militar contra o EI no Iraque, que

O intervencionismo ocidental intensifica a decomposição das nações do Oriente Médio, decomposição que, em grande parte, foi ele próprio que provocou. A segunda guerra do Iraque levou a uma desintegração irremediável dessa nação. A guerra ao mesmo tempo civil e internacional na Síria decompõe esse país de maneira não menos irreversível. A Líbia se encontra em estado caótico após a intervenção francesa. A frágil unidade dessas nações multiculturais e multirregionais recentes, criadas artificialmente pelo Ocidente sobre as ruínas do Império Otomano, encontra-se destruída.<sup>178</sup>

O que deixou de observar Morin, em seu manifesto, é que a destruição ultimada no Oriente Médio e o caos criado pelas intervenções militares estrangeiras têm firmes propósitos, bem como seus resultados não são de todo acidentais, o que pretendemos aqui explicar.

A premissa do “caos construtivo” é a de que no estado caótico, ou seja, na ausência de ordem, é mais factível criar quaisquer estruturas. É com a destruição, portanto de qualquer ordem, que se torna possível a criação daquilo que deseja o

---

<sup>178</sup> Cf.: MORIN, Edgar; “Tentando compreender”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., pp. 12 e 13.

destruidor, que se converte em criador; ainda que, em estado de caos, suas criaturas comumente escapem ao seu controle.

Quando o destruidor almeja a hegemonia no sistema internacional ou deseja manter-se nesta condição, até mesmo a criação dos futuros inimigos da comunidade de Estados é viável, com a finalidade de cimentar sua liderança aglutinando em torno de si todos aqueles que se sintam ameaçados pelo espectro do inimigo comum.

A ideia central é a de que a energia destrutiva, uma vez liberada, é capaz de recriar indefinidamente a si mesma, bem como de ser manejada - ao menos de início - por aqueles a quem interessa edificar, em terra arrasada, estruturas servis aos seus interesses, até que essas mesmas estruturas não possam mais ser controladas, não sem antes ter cumprido as funções que lhe foram atribuídas por seu criador. O que não quer dizer que, tendo escapado ao controle, elas não cumpram uma função de primeira grandeza: a de inimigos.

Em específico, está se dizendo de organizações criadas pelas Forças Armadas e pelas agências de inteligência norte-americanas e que, de aliadas por conveniência, declaram-se num momento subsequente mortais inimigas.

## A arquitetura das mudanças de regime no Oriente Médio

À guisa de exemplo, vale lembrar que poucas décadas após a retirada escalonada, pelo Reino Unido, das bandeiras imperiais de territórios coloniais no Oriente Médio, a CIA, já no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, passou a orquestrar violentas mudanças de regime na região. É o caso da “Operação *Ajax*” que teve curso aos 19 de agosto de 1953, no Irã, onde a CIA, em conjunto com a agência de inteligência britânica, participou do Golpe de Estado que depôs o governo democraticamente eleito do primeiro-ministro Mohammed Mossadegh, restabelecendo no trono o Xá Reza Pahlavi<sup>179</sup>.

Quase três décadas depois, a diplomacia norte-americana, concatenada com órgãos de inteligência, dava apoio ao regime de Saddam Hussein durante a Guerra Irã-Iraque, de 1980 a 1988, e que logrou frear a revolução que, apenas um ano de deflagrada a guerra, havia mudado a paisagem política iraniana. A própria invasão do

---

<sup>179</sup> DE LUCE, Dan; “The spectre of Operation Ajax: Britain and the US crushed Iran's first democratic government”; *The Guardian*; 20 Ago. 2003 (disponível no sítio: <https://www.theguardian.com/politics/2003/aug/20/foreignpolicy.iran> )

Irã, aos 22 de setembro de 1980, teria contado com a ativa articulação da Casa Branca<sup>180</sup>. O mesmo aliado - Saddam Hussein -, em 1991 seria atacado pela coalisão liderada pelos EUA na Primeira Guerra do Golfo, em 2003 deposto após ter sido o Iraque destruído e, em seguida, ocupado e, em 2006, finalmente executado.

No mesmo ano em que ocorria a revolução iraniana (em 1979), tropas soviéticas ocupavam o Afeganistão iniciando o que seria nominado como a “Segunda Guerra Fria”. Já a partir de 1980, o governo de Ronald Reagan passou a financiar organizações sunitas em *Peshawar* com a finalidade de frear ali a revolução e expulsar o inimigo vermelho. É desta forma que representantes sunitas foram recebidos na Casa Branca como “combatentes da liberdade” e que o saudita Osama Bin Laden - a quem interessava a derrubada do governo revolucionário de *Kabul* - fora tratado como aliado dos EUA, sobretudo em razão das intrínsecas relações que sua família mantinha com conglomerados econômicos ligados à exploração de petróleo.

A aura de heroísmo que se construía para receber os “novos bolívares” (como Reagen se referiu aos talibãs) ocultava o fato de serem responsáveis pelo flagelo de milhares de mulheres cujos seios eram amputados e faces queimadas com uso de cianureto, por acusações como as de adultério. Em 1998, os “guerreiros da liberdade” protagonizariam o desmantelamento sistemático de toda a arte greco-budista em seus territórios, culminando, em março de 2001, na destruição - com o uso de dinamites e bombardeios de tanques de guerra - das duas grandes estátuas de Buda, datadas do séc. VI, entalhadas nas rochas do vale de *Hazarajet*, em *Bamiyan*, a 230 quilômetros da capital afegã de *Kabul*. Aos 11 de setembro daquele mesmo ano, com técnicas apreendidas pela CIA, os antigos aliados dos EUA estariam firmemente envolvidos nos ataques que arremessaram aeronaves civis contra as torres gêmeas do *World Trade Center*, em Nova Iorque, e o Pentágono, em Washington.

Mas para que aliados por conveniência se tornassem algozes de tal forma raivosos, é preciso um grau de detalhamento ainda maior. Dez anos depois da ocupação soviética, a retirada do Afeganistão, comandada por Mikhail Gorbatchov, deu lugar à ascensão dos “Sete de *Peshawar*” e a um período de ainda maior caos político no país, o que permitiu a penetração da milícia talibã, a organização criada no Paquistão e treinada

---

<sup>180</sup> MOLAVI, Afshin. *The Soul of Iran: a Nation's Journey to Freedom*. Londres: W. W. Norton & Company, 2005, p. 152.

pela CIA no processo preparatório para a deflagração das campanhas militares que tiveram curso na *Jihad* antissoviética.

O resultado da ingerência do Ocidente na realidade afegã é bastante claro: fora praticamente tragada à Idade Média, dado o grau de devastação ali produzido. E graças ao caos político e social criado no decurso de uma década de conflitos, rapidamente os talibãs lograram assassinar o presidente Muhammad Najibullah e se instalar em *Kabul*, onde o *mullah* Mohammed Omar, líder espiritual talibã, fez de seu principal aliado Osama Bin Laden - até então aliado dos EUA -, responsável, em 1988, pela fundação da *Al Qaeda* e pelos ataques de 11 de setembro, em 2001.

Fato notável é o de o embrião da *Al Qaeda* ter sido a organização *Maktab al-Khadamat* (MEK), grupo *mujahidin* do qual Bin Laden fora um dos fundadores e que havia sido financiado pela CIA para combater o inimigo soviético no Afeganistão, momento em que tinham por objetivo já a criação de um “Estado Islâmico”<sup>181</sup>.

### A Primeira Guerra do Golfo e os embargos homicidas

No ano de 1991, já no final do mandato de George Bush (o pai), foi deflagrada a Primeira Guerra do Golfo. Reagindo contra a ocupação iraquiana do *Kuwait*, os EUA - à frente de uma coalisão que operava sob os auspícios do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) - voltavam-se contra o aliado que nos anos 1980 armaram para vencer a revolução iraniana. E mesmo destruída a capital Bagdad, por meio de violentos bombardeios, a Casa Branca não se opôs à permanência de Saddam Hussein no poder, isso porque as estratégias do imperialismo para mudanças de regime, no Oriente Médio, passariam por significativas mudanças naquela década.

O que se seguiria à guerra do Golfo foram as sanções punitivas decretadas pelo Conselho de Segurança da ONU, sob o patrocínio de EUA e Inglaterra, contra o povo iraquiano, com o intuito de sitiar o governo de Bagdá, insuflar a população iraquiana inviabilizando suas condições materiais de existência e, por meio da revolta popular, criar condições para a insurgência de grupos que pudessem protagonizar o “inimigo comum”. Ao invés de desestabilizar o regime, reforçou-se a popularidade de Saddam

---

<sup>181</sup> MORAN, Michael; “Bin Laden Comes Home To Roost”; *Global Issues*; 24 Ago. 1998 (disponível no sítio: <http://www.globalissues.org/article/474/bin-laden-comes-home-to-roost> ).

Hussein sob o flagelo do povo iraquiano, mas o propósito de transformar o país, que jamais abrigara grupos *jihadistas*, em um celeiro de terroristas, mostrou-se vitoriosa.

Para John Pilger, os embargos caracterizaram um “cerco medieval”:

Almost everything that sustained a modern state was, in the jargon, "blocked" - from chlorine for making the water supply safe to school pencils, parts for X-ray machines, common painkillers and drugs to combat previously unknown cancers carried in the dust from the southern battlefields contaminated with Depleted Uranium.<sup>182</sup>

E sob pretexto de que poderiam ser usadas para o fabrico de armas de destruição em massa, no Natal de 1999 o Departamento de Comércio e Indústria inglês proibiu a exportação, para o Iraque, de vacinas contra difteria e febre amarela, destinadas a crianças.

Particularmente as crianças teriam sido as principais vítimas dos embargos, de acordo com os dados da “Fundação das Nações Unidas para a Infância” (UNICEF), entre os anos de 1991 e 1998, quando se registrou um acréscimo de 500 mil mortes entre crianças de até 5 anos, em relação ao período imediatamente anterior.<sup>183</sup>

A violência dos embargos era tão ou mais contundente que a destruição material das intervenções diretas e, em protesto contra o seus resultados, demitiram-se Denis Halliday e Hans Von Sponeck, ambos coordenadores humanitários da ONU para o Iraque. Em entrevista a John Pilger, Halliday afirmou, sobre os motivos de sua demissão: *“I was instructed to implement a policy that satisfies the definition of genocide: a deliberate policy that has effectively killed well over a million individuals, children and adults”*<sup>184</sup>.

Após uma década de embargos, o país que detinha o maior nível de educação de todo o mundo árabe via sua população morrer, em razão das sanções, entre 100 mil a

---

<sup>182</sup> PILGER, John; “From Pol Pot to ISIS: ‘anything that flies on anything that moves’”; *johnpilger.com*; 8 Out. 2014 (disponível em: <http://johnpilger.com/articles/from-pol-pot-to-isis-anything-that-flies-on-everything-that-moves>).

“Quase tudo o que sustentava um estado moderno era, no jargão, “bloqueado” - do cloro para tornar o abastecimento de água seguro até lápis escolares, peças para máquinas de raios-X, analgésicos comuns e drogas para combater cânceres anteriormente desconhecidos transportados na poeira dos campos de batalha do sul contaminados com urânio”.

<sup>183</sup> “Iraq surveys show 'humanitarian emergency'”; *UNICEF*; 12 Ago. 1999 (disponível no sítio: <https://www.unicef.org/newsline/99pr29.htm>).

<sup>184</sup> *Ibid.*

“Fui instruído a implementar uma política que satisfaz a definição de genocídio: uma política deliberada que efetivamente matou mais de um milhão de indivíduos, crianças e adultos”.

mais de 1,5 milhões, a maioria crianças<sup>185</sup>. Para os que sobreviveram, o mundo era brutalmente outro; de uma sociedade moderna e com elementos progressistas nas artes e na cultura, além de uma economia pujante e uma vida política ativa, a uma paisagem social de cerco medieval.

A estratégia morticida teria sido concebida numa determinada lógica. De acordo com o sociólogo Mahdi Darius Nazemroaya, do *Centre for Research on Globalization*, na década de 1990 a Casa Branca teria desenvolvido uma nova doutrina política para assuntos internacionais, centrada na estratégia da “redireção” e utilizada sistematicamente no Oriente Médio com o propósito de transformá-lo em algo como um “barril de pólvora”<sup>186</sup>. Não seria o caso apenas dos embargos, mas também do fomento à atuação de grupos extremistas sunitas, os salafistas *takfiries*.

### Depois de 11 de setembro...

Mas a mais brutal mudança de paradigmas, nas estratégias norte-americanas para o Oriente Médio, se deu com os ataques, aos 11 de setembro de 2001, contra as torres gêmeas do *World Trade Center* e o Pentágono e cujo mentor intelectual foi Khalid Sheik Mohammed, ligado a *Al Qaeda*. Os ataques contabilizaram 2.996 mortos e, sob ordens de George Walker Bush, como contra resposta, decidiu-se pela invasão e ocupação não apenas do Afeganistão, onde Osama Bin Laden (antigo aliado) e a *Al Qaeda* passariam a ser proclamados “inimigos do mundo livre”, mas do Iraque, paisagem da ficcional elaboração das “armas de destruição em massa” denunciadas por George Bush e Tony Blair.

Para Morin,

Os atentados de 11 de setembro de 2001 mostram aos fanáticos que é possível lutar contra o “Grande Satã” que anima os eternos cruzados, ao passo que os Estados Unidos e o Ocidente, autoproclamando-se o “eixo do bem”, declaram guerra contra o “eixo do mal”. O Ocidente denuncia com horror o terrorismo cego que mata civis, mulheres e crianças, sem se preocupar com o fato de que no mundo árabe-muçulmano também se denunciam com horror os bombardeios cegos que matam civis, mulheres e crianças, os “ataques cirúrgicos” com drones e outros recursos.<sup>187</sup>

<sup>185</sup> “UNICEF : Questions and Answers for the Iraq child mortality surveys”; UNICEF, 16 Ago. 1999 (disponível em: <http://www.casi.org.uk/info/unicef/990816qa.html>).

<sup>186</sup> NAZEMROAYA, Mahdi Darius; “The Syrian Intelligence War: a tale of two security headquarters”; *Centre for Research on Globalization*; 31 Jul. 2012 (disponível em: <http://www.globalresearch.ca/the-syrian-intelligence-war-a-tale-of-two-security-headquarters/32134>).

<sup>187</sup> MORIN, Edgar; “Tentando compreender”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 11.

Nesta nova etapa de intervenções diretas, a propaganda, movida como arma de guerra para o *front* ideológico, deu conta da reafirmação dos estereótipos que associavam a civilização muçulmana ao espectro do terrorismo internacional, ao ponto de quase não serem questionadas as associações reiteradas vezes feitas entre o regime de Saddam Hussein e a *Al Qaeda*, cujos laços eram inexistentes, seja ela no Iraque, sob a liderança de al-Zarqawi, seja a rede comandada por Osama Bin Laden, logo, entre o governo de Bagdá e os ataques de 11 de setembro simplesmente não havia lastros.

Se a estratégia do “caos construtivo” jamais existiu na orientação da política externa dos EUA para o Oriente Médio, somos obrigados a considerar a total incompetência não apenas de seus serviços de inteligência, mas das agências de seus aliados ocidentais diretos, como Inglaterra e França. Isso porque todas as informações reunidas já desde as primeiras horas depois dos atentados apontavam para a participação da Arábia Saudita e do Paquistão, aliados estratégicos dos EUA; dentre as evidências estava a procedência saudita de 15 dos 19 sequestradores, bem como o fato de o emir da *Al Qaeda* e que assumiria a autoria dos ataques, Osama Bin Laden, ser membro da elite saudita e cuja família, ligada à exploração petrolífera, ser próxima à Casa de Saud.

As primeiras investigações apontavam diretamente para o envolvimento de grupos sediados em ambos os países e em outras monarquias do Golfo Pérsico no financiamento da *Al Qaeda* e de outras organizações *jihadistas*. No entanto, nos dias que sucederam os atentados, o governo norte-americano mostrou-se firmemente empenhado em retirar líderes sauditas, em segurança, do país, o que incluía membros da família Bin Laden.

E quando foram concluídas as investigações, o relatório da CIA, divulgado em 2002, afirmava que a *Al Qaeda* contava com “*diversos doadores e captadores de recursos, em especial nos países do Golfo e particularmente na Arábia Saudita*”<sup>188</sup>. Já o relatório da comissão encarregada de toda a investigação dos atentados teve censuradas 28 páginas da seção que tratava das relações entre os terroristas e a Arábia Saudita e cujo conteúdo ainda nos é desconhecido, apesar das promessas de campanha, feitas por Obama, de que as traria a público.

---

<sup>188</sup> Cit. por COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 95.

Sem a ajuda da Arábia Saudita e do Paquistão, afirmou Cockburn, “os ataques ocorridos em Nova Iorque e Washington provavelmente não teriam ocorrido”<sup>189</sup>. O governo paquistanês, por exemplo, é que teria apoiado a chegada do Talibã, após a retirada das tropas soviéticas no Afeganistão, em 1989, a tomar de assalto o poder em *Peshawar* já no início dos anos 1990, onde se abrigou Osama Bin Laden e a cúpula de sua organização, a *Al Qaeda*, baseando toda a operação que culminou nos atentados de 11 de setembro. O serviço de inteligência paquistanês - o *Inter-Services Intelligence* – também esteve ativamente envolvido no patrocínio da *Al Qaeda* e do Talibã, além de outros grupos *jihadistas*; mas apesar das evidências, a recusa de Washington em romper esta outra aliança daria salvo-conduto para que o Talibã seguisse agindo como elemento de desestabilização política no Oriente Médio<sup>190</sup>.

E ainda que pesassem todas as evidências, os aliados dos EUA seriam poupados tanto nas investigações quanto nas operações militares subsequentes. A Arábia Saudita, particularmente, difusora do *wahabismo* e patrocinadora de diversos grupos *jihadistas* sunitas em operação no Oriente Médio, utilizados como instrumentos para o combate de inimigos comuns: xiitas, sunitas, cristãos e judeus, detém recursos energéticos de primeira grandeza, tratando-se de um dos mais ricos dentre os produtores de petróleo em todo o planeta; além disso, tem usado esses recursos como um dos principais compradores de armas fabricadas nos EUA, responsáveis por fazerem-nas chegar às mãos de organizações *jihadistas* em todo o Oriente Médio e mantendo, com o uso de petrodólares, a fidelidade de importantes membros da classe política norte-americana, representando seus interesses desde o Congresso até o Poder Executivo. Quanto ao Paquistão, sabidamente uma potência nuclear no concerto das grandes potências, também está envolto na trama do comércio internacional de armas que beneficia diretamente o complexo industrial bélico norte-americano, intermediado pelo Pentágono, possuindo ainda um vasto mercado interno de 180 milhões de pessoas para a expansão de capitais e de itens de consumo ocidentais.

Ao invés de se enfrentarem com seus aliados no Oriente Médio, os governos de EUA e Reino Unido moveram as armas da diplomacia e da propaganda para a construção do conjunto de argumentos que legitimariam um novo ataque, desta vez preventivo, contra o Iraque. Além do engodo das armas de destruição em massa, Colin

---

<sup>189</sup> COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 45.

<sup>190</sup> Ibid. p. 96.



Powell, então Secretário de Estado dos EUA, informava ao Conselho de Segurança da ONU a existência de um novo e ameaçador inimigo do “mundo livre”: Abu Musab al-Zarqawi, tão ou mais perigoso que Osama Bin Laden, o que não passava de um mito, muitíssimo adequado à necessidade de construção de consenso para uma nova intervenção armada no Iraque (que não guardava nenhuma relação com os ataques de 11 de setembro) e mais um período de campanhas militares ocidentais no Oriente Médio.

Outro alvo também foi claramente demarcado: o povo norte-americano que, em nome da segurança nacional, viu grande parte de seus direitos civis caírem por terra frente à promulgação dos atos que levaram o título de *USA PATRIOT Act*, acrônimo de *Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act*, de 2001 e que permitiu aos órgãos de segurança e de inteligência norte-americanos violar o sigilo telefônico e eletrônico de organizações e indivíduos sem qualquer tipo de autorização judicial, alegando-se apenas suspeição de “atividades terroristas”.

Em março de 2003 foi deflagrada, então, a Segunda Guerra do Iraque, ainda que sem o aval do Conselho de Segurança da ONU. No lugar das cenas dos bombardeios cirúrgicos, conforme veiculadas pelas principais agências de notícia, o uso de armas químicas proibidas por convenções internacionais, o recurso generalizado à tortura e a violência sexual marcaram o novíssimo contato entre o Ocidente “civilizado” e a “barbárie” médio-oriental.

A convicção acerca da impunidade da soldadesca americana fez difundir uma série de imagens, produzidas pelos próprios algozes com o uso de *smartphones*, dos suplícios impostos a prisioneiros de guerra e ao povo iraquiano comum, postadas em redes sociais como emblemas da vitória sobre todo um povo. É o caso, por exemplo, das torturas sexuais e vilipêndios a cadáveres denunciados na prisão de *Abu Ghraib*, em abril de 2004<sup>191</sup>.

Já dissolvido o Partido *Baath*, aos 13 de dezembro de 2003 a “Operação *Red Dawn*” logrou capturar Saddam Hussein que, julgado por um governo interino manejado pelas forças de ocupação, aos 5 de novembro de 2006 o condenou à morte por enforcamento, sentença cumprida no dia 30 de dezembro daquele mesmo ano.

---

<sup>191</sup> BROWN, Michelle; “Setting the Conditions for Abu Ghraib: The Prison Nation Abroad”; *American Quarterly*; n. 57 (3), Set. 2005, pp. 973–997.

A condenação de Saddam Hussein à pena capital encarnaria um sentido político final: a redemocratização do país e a libertação de seu povo; no entanto, o resultado da ingerência do Ocidente sobre a realidade iraquiana é algo semelhante àquele que se produziu no Afeganistão: o Iraque regrediu séculos em sua trajetória civilizacional, tornando-se um campo fértil para grupos *jiadistas* com aspirações terroristas.

Ocupado o Iraque, deposto o seu governo e executado o líder de seu regime, os EUA, à frente da coalização, desenharam a reorganização política do país que dividiu a população de acordo com suas origens, o que permitiu ao governo xiita do primeiro-ministro Nouri al-Maliki, a partir de 2006, marginalizar a minoria sunita, movendo em sua direção uma permanente e belicosa repressão. É neste chão que os sunitas oprimidos passaram a ver o Exército Iraquiano como um exército de ocupação, sobretudo porque contingentes sunitas e laicos que haviam servido as Forças Armadas fiéis a Saddam Hussein, além de terem sido expurgados das tropas regulares, eram caçados como criminosos.

A tragédia do povo iraquiano, após sua “libertação”, passou a ser a morte costumeira por desnutrição, dada a crise de produção e de abastecimento de alimentos; a morte por doenças comuns, pelo fato de os hospitais terem sido destruídos nos bombardeios e faltarem tanto médicos quanto remédios; e da ocupação não apenas de forças regulares de exércitos estrangeiros mas de uma horda de mercenários que alugam seus dotes militares para as empresas transnacionais que exploram o butim da guerra: petróleo e gás, permanecendo no Iraque até os dias de hoje, ainda que as tropas norte-americanas e de seus aliados tenham sido retiradas, oficialmente, em 2011.

É neste solo, não só o do Iraque, mas também o da Síria, onde prosperou o EI, onde minorias sunitas passaram a ser violentamente reprimidas por regimes autocráticos e forças de ocupação, em realidades devastadas pela ingerência estrangeira e pela guerra civil.

### **Revoluções coloridas no Oriente Médio**

No caso específico do EI, o contexto para a consecução dessas estratégias não passa apenas pela devastação humana e material imposta ao povo iraquiano já desde 2003 com a guerra e a ocupação violenta de seu território; mas também pelo plano da “grande transformação” que constituiu a “Primavera Árabe”, estendendo-se do Oriente

Médio ao Norte da África, de 2010 a 2013, e que possibilitou mudanças de regime na Tunísia, no Egito e na Líbia - onde eclodiu uma guerra civil -, além de ter se alastrado pela Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque e Jordânia; repercutindo em menor escala no Kwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental. No Egito, a mudança foi manejada de forma tal que, após golpes e contragolpes, o governo de Mohamed Morsi deu lugar a uma junta militar e no isolamento - de que dependeu um massacre - da “Irmandade Muçulmana”, condições para o estabelecimento do vigente governo.

Na Líbia, onde a derrubada do governo de Muammar al-Gaddafi, possibilitada determinadamente pela campanha aérea da OTAN, se seguiu ao seu espetaculoso assassinato (coberto por praticamente toda a imprensa internacional), a intervenção se viu desastrosa para o país que teve a maior parte de sua infraestrutura destruída e seus recursos energéticos - gás e petróleo - franqueados à exploração ocidental. E para que se tenha ideia dos retrocessos muitos que isso significou, dentre as primeiras medidas adotadas pelos rebeldes que tomaram o poder, está o restabelecimento da poligamia, proscria exatamente pelo governo de Gaddafi. O resultado ali produzido demonstra em linhas gerais no que consistem os desdobramentos do “caos construtivo”: trata-se de um país ingovernável e onde o terrorismo se instalou de forma endêmica; isso porque os grupos treinados e armados por agências de inteligência para derrubarem o regime de Gaddafi, uma vez deposto o governo, passaram a agir de forma independente, já fora do controle das mesmas agências que fomentaram a sua atuação, tornando-se, de aliados por conveniência, em potenciais inimigos futuros.

Já na Síria, deflagrada a mais violenta guerra civil de toda a sua história, a “grande transformação” encontrou uma sólida parede que impôs claramente os seus limites.

As “revoluções coloridas” para o Oriente Médio, que contaram com o fomento de organizações não governamentais norte-americanas (por meio das quais aportaram vultosos recursos financeiros), da intensa atuação das embaixadas e consulados dos EUA, bem como de seus serviços de inteligência, e da articulação entre agências de notícia ocidentais e mídia local, chegaram à Síria na forma de uma sangrenta guerra civil.

De acordo com Roberto Castellanos, também do *Centre for Research on Globalization*, durante a “Primavera Árabe”, mais precisamente no ano de 2012, a CIA

teria treinado, em um acampamento secreto na Jordânia, próximo à cidade de *Safawi*, grupos que, dois anos depois, se integrariam ao EI. Instalações similares teriam sido denunciadas ainda na Turquia e na Líbia.<sup>192</sup>

Mais recentemente, em entrevista concedida ao canal LPC, da França, Roland Dumas, ex-Ministro de Relações Exteriores do governo Francês, admitiu a existência de um plano cujo objetivo era o de depor o regime sírio, fomentando grupos rebeldes, dois anos antes do início da “Primavera Árabe”. Na oportunidade, disse Roland:

I was in England two years before the violence in Syria on other business. I met top British officials, who confessed to me that they were preparing something in Syria... Britain was organising an invasion of rebels into Syria. They even asked me, although I was no longer Minister for Foreign Affairs, if I would like to participate... This operation goes way back. It was prepared, preconceived and planned.<sup>193</sup>

A estratégia não é nada nova. Segundo nos informa Nazemroaya, o *Camp Ashraf*, no Iraque, quando sob controle dos EUA na consecução da *Forward Operating Base Grizzly* - de abril de 2003 a janeiro de 2009 -, seguiu sendo utilizado como base para o setor militar dos *Mujahidin-e-Khalq* (MEK), dentre os quais importava um grupo de iranianos dissidentes que pretendiam a queda do governo de Teerã. Apesar de considerado um “grupo terrorista” pela Casa Branca, os serviços de inteligência dos EUA iniciaram sua aproximação com a facção já desde as preparações para a invasão do Iraque, numa operação que publicamente era justificada pelo fato de o governo de Bagdá abrigar “grupos terroristas”, como o MEK.<sup>194</sup>

Para o “caos construtivo” há uma lógica no que parece ilógico: contra o Estado acusado de abrigar grupos terroristas, compõem-se alianças com os ditos grupos. Seria de fato incoerente, caso a questão de fundo fosse mesmo o terrorismo. Senão, vejamos,

<sup>192</sup> CASTELLANOS, Roberto; “Estado Islâmico, a nova estratégia de Washington”; *Centre For Research on Globalization*; 10 Set. 2014 (disponível em: <http://www.globalresearch.ca/estado-islamico-a-nova-estrategia-de-washington/5402397>).

<sup>193</sup> Cit. por PILGER, John; “From Pol Pot to ISIS: ‘anything that flies on anything that moves’”; *johnpilger.com*; 8 Out. 2014 (disponível em: <http://johnpilger.com/articles/from-pol-pot-to-isis-anything-that-flies-on-everything-that-moves>).

“Eu estava na Inglaterra dois anos antes da violência na Síria tratando de outros assuntos. Conheci altos funcionários britânicos, que me confessaram que estavam preparando algo na Síria... A Grã-Bretanha estava organizando uma invasão de rebeldes na Síria. Eles até me perguntaram, embora eu já não fosse ministro dos Negócios Estrangeiros, se eu gostaria de participar... Esta operação é bastante anterior. Ela foi preparada, preconcebida e planejada”.

<sup>194</sup> NAZEMROAYA, Mahdi Darius; “The March to War: Fighting ISIL is a Smokescreen for US Mobilization against Syria, Iran”; *Centre for Research on Globalization*; 26 Set. 2014 (disponível no link: <http://www.globalresearch.ca/the-march-to-war-fighting-isil-is-a-smokescreen-for-us-mobilization-against-syria-iran/5404375>).

Since 2003, the US has been funding the MEK. Washington has been protecting the MEK, because it wants to keep them on a leash as either leverage against Tehran or to have the option of one day installing the MEK into power in Tehran as part of a regime change operation against Iran. The MEK has literally become incorporated into the Pentagon and CIA toolboxes against Tehran. Even when the US transferred control of Camp Ashraf to Baghdad, the Pentagon kept forces inside the MEK camp.<sup>195</sup>

Mas o processo de “mudanças de regime”, antes que pudesse chegar ao Irã, teria sido mesmo estancado na Síria.

### ***Subprimes, o paredão sírio e os novos cruzados***

Não obstante a campanha midiática movida pelo Ocidente contra o regime de Assad, a guerra entre rebeldes e forças do governo - produzindo carnificina e massacres de populações civis em ambos os lados - criou tamanho empasse que demandaria a revisão das estratégias de Washington.

A necessidade de correção se deu também por outro fator e de ainda maior importância; o discurso proferido por Obama no dia 10 de setembro de 2014, anunciando que bombardearia alvos do EI na Síria, respondido prontamente por Damasco e ratificado por Moscou de que qualquer ataque em solo sírio, sem a anuência de seu governo, seria uma agressão. Sobretudo a elevação do tom por parte de Putim, fez com que a Casa Branca desistisse de uma intervenção militar direta e que seria lida como um ato de guerra contra o regime de Assad. A derrota política, que parecia episódica, teria repercussões profundas: obrigaria dos EUA o acerto de todas as suas estratégias para o Oriente Médio.

Até então, a política externa dos EUA, na gestão Barak Obama, de um lado lidava com as pressões pelo cumprimento das promessas de campanha que afiançavam retirar tropas do Iraque e do Afeganistão - o que, por si só, lhe rendera um Prêmio Nobel da Paz de caráter um tanto “preventivo” - e, de outro, com as pressões do setor industrial bélico-armamentista, um dos mais organizados e atuantes *lobbies* nas casas do

---

<sup>195</sup> Ibid.

“Desde 2003, os EUA têm financiado o MEK. Washington tem protegido o MEK, porque quer mantê-los em uma trela como uma alavanca contra Teerã ou ter a opção de um dia instalar o MEK no poder em Teerã como parte de uma operação de mudança de regime contra o Irã. O MEK literalmente se tornou incorporado à caixa de ferramentas do Pentágono e da CIA contra Teerã. Mesmo quando os EUA transferiram o controle do Acampamento Ashraf para Bagdá, o Pentágono manteve forças dentro do campo em que estava baseado o MEK.”

Congresso e no Pentágono, para a renovação e celebração de novos contratos para a manutenção de efetivos humanos e de recursos materiais em teatros de operações médio-orientais, a fim de seguir movendo a economia de guerra em razão do inimigo comum: o terrorismo internacional, encarnado pelo inimigo árabe-muçulmano.

Mormente após a crise dos *subprimes*, de 2008, a retomada do crescimento econômico, nos EUA, parecia cada vez mais distante; ao passo em que a *Al Qaeda*, como inimigo do mundo civilizado, deixava de cumprir o papel que lhe impusera a mídia norte-americana e parte considerável da imprensa internacional: produzir consenso acerca dos elevados gastos militares e das conseqüentes mortes de jovens combatentes norte-americanos, da população civil iraquiana e afegã. O desgaste político produzido pela ausência de consenso, aliado à crise instalada em sua infraestrutura econômica, informava a incontestável crise de hegemonia.

No entanto, em julho de 2014 os EUA autorizaram ataques aéreos contra alvos do EI no Iraque e, no emblemático dia 11 de setembro (no 13º aniversário dos ataques da *Al Qaeda* contra o *World Trade Center* e o Pentágono), Obama anunciou a formação de uma coalizão na guerra contra o EI, liderada pelos EUA e composta por membros da OTAN, inicialmente por Alemanha, Austrália, Canadá, França, Itália, Reino Unido e Turquia (que haviam se reunido, com este propósito, nos dias 4 e 5 de setembro, no País de Gales, sob a liderança de John Kerry, o secretário de Estado norte-americano). De uma pequeníssima composição, até 2016, a coalizão contaria com cerca de 60 países, dentre os quais a Arábia Saudita, aliada dos EUA no Oriente Médio e, como destaca Morin, “*cujo regime se aproxima daquele que o EI sonha instaurar*”<sup>196</sup>.

E teriam sido os governos de Arábia Saudita e Qatar, profundamente envolvidos com o financiamento de insurgentes sunitas e, em particular, salafistas como o EI, que segundo Napoleoni vetaram a participação de Irã e Síria, os principais inimigos do EI em razão de sua identidade xiita, na coalizão que deveria combater o EI.<sup>197</sup>

Mas o anúncio principal dava conta, como vimos, da determinação de bombardeios aéreos contra o EI tanto na Síria quanto no Iraque, para onde não haveria, contudo, envio de tropas terrestres.

Os ataques eram proclamados em nome da ameaça de uma agressão iminente que estaria sendo planejado contra os EUA, o que lhes possibilitaria invocar o Artigo 51

---

<sup>196</sup> MORIN, Edgar; “Tentando compreender”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., pp. 10 e 12.

<sup>197</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 49.

da Carta da ONU que permite a um Estado membro atacar outro Estado desde que haja ameaça comprovada de assédio iminente a Estado membro. Junte-se o anúncio do envio de ainda mais recursos ao “Exército Livre”, um dos grupos que lutam a guerra civil na Síria contra o regime de Assad, para que se tenha então uma composição bastante complexa.

Enquanto a Rússia abastece grande parte dos arsenais das Forças Armadas sírias, tendo como contrapartida a garantia de acesso ao Mar Mediterrâneo para sua frota; os EUA armam os grupos rebeldes que combatem as tropas do governo. As armas norte-americanas, por sua vez, vêm tendo como destino final os arsenais de outra organização que, na Síria, luta uma guerra paralela: o EI; seja após as vitórias dos *jihadistas* contra as forças rebeldes, seja por meio da entrega das armas por pura coerção.

As contradições entre a retórica que justifica a guerra e seus motivos profundos são muitas e, nos teatros de operações no Iraque e na Síria, em vários momentos tornam-se explícitas. É o caso da cooperação, em agosto de 2014, entre os EUA e países europeus e o PKK, que ao travar uma guerra pela libertação de regiões curdas e fazer frente ao avanço do EI no Norte do Iraque segue compondo a lista de grupos terroristas combatidos pelos EUA. Sendo o PKK proscrito também pela Turquia, nação que tem 20% de sua população de origem curda e onde o partido luta por um Curdistão independente, com o aporte de armas e recursos financeiros norte-americanos para o PKK e os *Peshmerga*, o partido tornara-se, incluso para a conveniência de Ancara, um episódico aliado que deve ser tolerado apenas em razão de elementos conjunturais.

E, neste cenário em que alianças são extremamente frágeis e escamoteiam uma versão moderna das “guerras por procuração”, o laureado Nobel da Paz, Barak Obama, lançou mais uma guerra contra o mundo muçulmano bombardeando a Síria, alvejando o governato de *Al-Raqqa* sem a anuência de Damasco e sem o apoio do Conselho de Segurança da ONU. De pronto, o anúncio lhe rendeu a reprovação de Moscou que acusou o fato de o Conselho de Segurança não ter autorizado a intervenção, enquanto Teerã prometeu reagir em favor do aliado sírio.

Os objetivos imediatos da guerra ali deflagrada, segundo Foucher, eram quatro: impedir que Bagdá caísse sob controle do EI; apoiar a reconquista de territórios por parte do exército iraquiano, de milícias curdas e xiitas; restabelecer a autonomia política

das quatro províncias do Norte do Iraque; e eliminar os focos de recrutamento de combatentes estrangeiros mantidos pela organização.<sup>198</sup>

No mesmo ano, 120 mil militares ainda ocupavam o Afeganistão em um dos maiores “atoleiros militares” da história norte-americana, enquanto Obama demitia prestigiados generais e seguia prometendo a integral retirada de tropas do país.

Mas enquanto no Afeganistão a maquinaria de guerra norte-americana parecia submergir em areia movediça, na Síria a parede ruína, a economia de guerra ganhara nova força e vigor e produziu-se uma nova conjuntura internacional com epicentro no teatro de operações médio-oriental. O regime de Assad, representando uma minoria *alawita* na Síria, que se aproximara de Moscou e de Teerã contra grupos rebeldes que almejavam destituí-lo do poder, agora tinha nos EUA - até então um declarado inimigo - um possível aliado na luta contra a rebelião e pondo em perspectiva uma inusitada possibilidade de composição entre EUA, Síria e Irã, na guerra contra o EI.

E sob pretexto de defender o povo sírio, os bombardeios passaram a fustigar posições do EI na Síria onde, note-se, o regime de Assad tem causado mais vítimas que os *ihadistas*.

### Mais uma vez no Iraque

Deixemos a Síria por alguns instantes e voltemo-nos em direção ao Iraque para uma conveniente indagação: por que motivos o Iraque, mais uma vez, importaria à Washington, supondo-se haver ali, desde a invasão de 2003, governos títeres do Ocidente?

De acordo com Nazeroyama, o governo xiita do Primeiro-Ministro Nouri Al-Malaki deixara de atender aos interesses da Casa Branca quando se decidiu por integrar o oleoduto Irã-Iraque-Síria, opondo-se aos objetivos dos EUA e de seus aliados em controlar o fluxo de petróleo e gás no Oriente Médio e a impedir a integração energética da Eurásia<sup>199</sup>, cuja consecução é de interesse direto da China, junto da reconstrução da rede comercial que desde o séc. XIX leva o nome de “Rota da Seda”<sup>200</sup>.

<sup>198</sup> FOUCHER, Michel; “Uma ambição territorial”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 36.

<sup>199</sup> NAZEMROAYA, Mahdi Darius; “America pursuing regime change in Iraq again”; *Centre for Research on Globalization*; 20 Jun. 2014 (disponível em: <https://www.rt.com/op-edge/167344-us-regime-change-iraq-again/>).

<sup>200</sup> Antigas rotas utilizadas para o comércio de seda e que ligava, através do Sul da Ásia, o Oriente e a Europa.



A aliança entre Iraque e Irã, para os EUA, é problemática primordialmente em razão da composição entre Irã e China, explicitada pelas manobras conjuntas que a marinha de guerra iraniana realizou, dias antes do anúncio, junto de dois destróieres chineses que permanecem ancorados no porto iraniano de *Bandar Abbas*, no Golfo Pérsico. O “dragão chinês”, sob o comando de Xi Jinping, teria ampliado sua atuação comercial e diplomática por toda a Ásia e Oceano Índico e, valendo-se de recentes acordos comerciais com o Sri Lanka e as Maldivas, logrou redesenhar a “Rota marítima da Seda”, cujo potencial é o de expandir substancialmente o comércio marítimo entre o Leste da Ásia, o Oriente Médio, a África e a Europa.

Também a aliança entre Iraque e Irã preocupa os EUA diante da clara proximidade entre Irã e Rússia. Além de as lideranças xiitas no Iraque estarem sob direta influência iraniana, a aliança russo-iraniana põe em jogo também interesses comerciais de grande monta e que envolvem a construção da linha férrea Cazaquistão-Turcomenistão-Irã e cujo efeito será a criação de uma rota direta entre Norte e Sul, enquanto um corredor paralelo, do lado ocidental do Mar Cáspio, ligaria Irã e Rússia, passando pelo Azerbaijão. Está em vigência ainda o acordo entre Teerã e Moscou para a troca de petróleo por produtos, além de novos acordos que, segundo anúncio do Ministro de Energia Alexander Novak, chegariam ao montante de 70 bilhões de euros.

A questão de fundo mais relevante, com isso, segue sendo a estratégia da contenção mantida pelos EUA, ator primordialmente capitalista em termos de gestão do Estado e da guerra, em relação à Rússia e à China, atores dotados de composição híbrida, mas com fortes caracteres de territorialismo, nos mesmos termos. A contenção estaria severamente ameaçada pelas práticas de cooperação que ambos os gigantes têm mantido, como a construção do mega gasoduto *Yakutia-Khabarovsk-Vladivostok*, que entregará gás natural russo à China. Também ameaçada pelo significativo aumento da importância da Rússia nas relações internacionais, estendendo-se sua influência, decisivamente, sobre o Oriente Médio, mesmo caso da China, que além de se projetar em direção à Europa, vem movendo suas estratégias comerciais para a África e a América Latina.

Com isso, dentre os motivos que põem, mais uma vez, em desacordo os interesses norte-americanos e o governo de Bagdá, estão seu subsequente alinhamento com o Irã, sua aproximação econômica e diplomática com a China, para quem passou a vender petróleo, e com a Rússia, de quem passou a comprar armas. Mas principalmente

a composição Irã e Iraque passou a obstaculizar, desde 2011, o caminho dos EUA até Teerã, onde se pretendia uma nova mudança de regime; trata-se do ano em que o governo de Al-Maliki removeu tropas norte-americanas na fronteira Oeste do Irã, passou a perseguir iranianos opositores do regime dos aiatolás e ameaçou fechar o *Camp Ashraf*, cabeça de ponte para uma eventual investida contra o Irã.

### **O conflito histórico entre capitalismo e territorialismo e as bombas que caem**

O anúncio dos bombardeios, ecoado desde Washington pelas principais capitais europeias, franqueava amplas zonas no Iraque e na Síria, controladas pelo EI, para uma nova cruzada militar ocidental no Oriente Médio, anunciando uma campanha que deveria durar anos. A nova intervenção em grande escala, justificada pela necessidade de pôr fim ao EI, se daria sobre regiões detentoras das principais jazidas de hidrocarbonetos do mundo e que, de um só golpe, estariam sob controle ocidental. Para Nazemroaya,

What the US envisions is a long-term bombing campaign, which also threatens Lebanon and Iran. According to Ali Khamenei, the US wants to bomb both Iraq and Syria using ISIL as a smokescreen on the basis of the model in Pakistan. More correctly, the situation should be compared to the AfPak (Af-Pak) model. The US has used the spillover of instability from Afghanistan into Pakistan and the spread of the Taliban as a pretext for bombing Pakistan. Iraq and Syria have been merged as one conflict zone, which Ibrahim Al-Marashi, using a neologism, has described as the rise of “Syraq”.<sup>201</sup>

A estratégia norte-americana, sob os auspícios de Richard Haass – ex-consultor de George Bush, o pai -, diretor do *Council of Foreign Relations*<sup>202</sup>, era de um lado armar e treinar milícias curdas e tribos sunitas na Síria, enquanto tentaria com Assad um pacto para que governasse apenas regiões *alawitas*, vencendo-o assim como um aliado e

<sup>201</sup> NAZEMROAYA, Mahdi Darius; “The March to War: Fighting ISIL is a Smokescreen for US Mobilization against Syria, Iran”; *Centre for Research on Globalization*; 26 Set. 2014 (disponível em: <http://www.globalresearch.ca/the-march-to-war-fighting-isil-is-a-smokescreen-for-us-mobilization-against-syria-iran/5404375>).

“O que os EUA imaginam é uma campanha de bombardeio de longo prazo, que também ameaça o Líbano e o Irã. De acordo com Ali Khamenei, os EUA querem bombardear tanto o Iraque como a Síria usando o ISIL como uma cortina de fumaça com base no modelo do Paquistão. Mais corretamente, a situação deve ser comparada ao modelo AfPak (Af-Pak). Os EUA usaram o spillover da instabilidade do Afeganistão para o Paquistão e a disseminação do Taliban como pretexto para bombardear o Paquistão. Iraque e Síria foram fundidos como uma zona de conflito, que Ibrahim Al-Marashi, usando um neologismo, descreveu como a ascensão de ‘Syraq’”.

<sup>202</sup> “Conselho de Relações Exteriores”.

não como um inimigo declarado: com isso, a estratégia da desintegração e da balcanização da Síria se sagraria vitoriosa. O intuito de fragmentar a Síria em regiões “mais ou menos autônomas” foi verbalizado também por Henry Kissinger, ex-Secretário de Estado e corresponsável por carnificinas como aquela que desgraçou o Camboja (que aqui já fora descrita), em conferência ministrada na Universidade de Michigan, já se referindo a possíveis “soluções” para o problema do EI.

A situação caótica também no Iraque viabilizaria o histórico projeto de divisão do país em razão do falacioso intento de se produzir, ali, sob um regime de ocupação estrangeira, um governo compartilhado entre sunitas, xiitas e curdos e que, desde 2006, converteu-se em uma máquina de opressão xiita contra todo o resto da população. Frente à desintegração territorial do Iraque, produzida pelo avanço do EI a ponto de fazer desaparecer a maior parte de sua fronteira com a Síria, enquanto corta linhas de sangue divisando ainda mais sunitas e xiitas, dá lugar ao avanço das forças separatistas curdas que vêm ampliando sua região autônoma em nome do Grande Curdistão<sup>203</sup>.

O novo alinhamento, segundo Morin, comportaria notáveis contradições:

o Ocidente combate o regime de Assad, mas é seu aliado contra o EI e se beneficia de seus serviços de informação. O Ocidente é hostil ao Irã, mas na prática é seu aliado já que o Irã apoia militarmente o poder xiita iraquiano. A Turquia é mais hostil aos curdos na Síria, irmãos dos curdos da Turquia, do que o Daesh.<sup>204</sup>

E ao caírem as bombas de 300kg, a partir de 8 de agosto de 2014, bombardeios destruíram vilas de camponeses, chacinando civis, assim como havia sido testemunhado no Camboja, no Laos e no Vietnã, entre os anos de 1960 e 1970, bem como no Afeganistão, no Paquistão, no Iêmen e na Somália do novo milênio.

É o que ocorreu, por exemplo, no dia 23 de setembro de 2014 quando um míssil *Tomahawk* destruiu uma vila na província síria de *Idlib*, onde morreram 12 pessoas, entre mulheres e crianças que não tinham filiação alguma com o EI. O mesmo pode-se dizer da aldeia de *Al-Tujar* que, nos bombardeios da coalizão liderada pelos EUA, no dia 19 de julho de 2016, foi palco da morte de ao menos 56 civis, dentre os quais várias crianças, conforme denúncia da Organização Não-Governamental (ONG) “Observatório

---

<sup>203</sup> O termo remete à expressão, de origem persa, “Terra dos Curdos”, cunhada no ano de 1150 pelo sultão seljúcida Sanjar. Refere-se a uma região povoada majoritariamente por curdos, estendendo-se por de 500 mil km<sup>2</sup> entre os territórios da Turquia, do Irã, da Síria e do Iraque. Em sua porção iraniana, o território recebe a designação de província do Curdistão, enquanto no Iraque, tem-se a Região Autônoma Curda.

<sup>204</sup> MORIN, Edgar; “Tentando compreender”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 12.

Sírio de Direitos Humanos” (OSDH)<sup>205</sup>. Um dia antes, 21 civis já haviam morrido em ataques da coalizão contra *Manbij* e *Al-Tujar*<sup>206</sup>. A mesma ONG, no dia 10 de novembro, denunciou a morte de 20 civis, entre eles duas crianças, no bombardeio da coalizão que atingiu o povoado de *Al Heisha*<sup>207</sup>. Os exemplos não são poucos e o número de mortos é incalculável.

No entanto, outro ator, nas relações internacionais, adicionou ao tabuleiro recursos humanos e materiais, capazes de fazer a guerra e de impor a paz, frente às aspirações norte-americanas no delicado equilíbrio de poder na região: a Rússia, a quem interessa a preservação da soberania síria nos limites territoriais vigentes e a manutenção do *status quo* em territórios circunvizinhos.

Do outro lado do tabuleiro, os EUA seguem operando a política de cerco ou contenção à China e à Rússia, intensificada pelos acontecimentos médio-orientais e o realinhamento produzido com a entrada do “urso branco” no conflito.

É nesse quadro que se desenvolve hoje, no teatro de operações médio-oriental, o conflito histórico entre capitalismo e territorialismo e por meio de uma versão moderna das “guerras por procuração”.

Tanto a Rússia quanto o Irã já haviam manifestado apoio à Síria e ao Iraque contra o EI; contudo, nem Moscou e nem Teerã se juntaram à coalizão liderada pelos EUA. E com o apoio russo, as forças de Assad não apenas resistiram aos ataques dos grupos *jihadistas* treinados para derrubá-lo; como passou ao contra-ataque.

### Os financiadores de atrocidades

Quanto ao poderio bélico concentrado pelo EI é preciso frisar, antes de mais nada, que não apenas esta organização, mas também a *Al Nusra*, só ganharam a expressão que lhes permitiu se sobreporem à *Al Qaeda* graças ao financiamento de grupos sediados no Golfo Pérsico, em realidades alinhadas à Casa Branca e aos

---

<sup>205</sup> “Bombardeio deixa quase 60 civis mortos na Síria”; *ZH Mundo*; 19 Set. 2016 (disponível no link: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/mundo/noticia/2016/07/bombardeio-deixa-quase-60-civis-mortos-na-siria-6728221.html>).

<sup>206</sup> “Ataques da coalizão no norte da Síria deixam civis mortos”; G1; 19 Set. 2016 (disponível no sítio: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/ataques-da-coalizao-no-norte-da-siria-deixam-civis-mortos.html>).

<sup>207</sup> “Bombardeio da coalizão liderada pelos EUA mata 20 civis na Síria”; *UOL Notícias*; 10 Nov. 2016 (disponível no sítio: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2016/11/10/bombardeio-da-coalizao-liderada-pelos-eua-mata-20-civis-na-siria.htm>).

interesses do Pentágono, é o que afirma Andrew Tabler, analista do *Washington Institute for Near East Policy*<sup>208</sup>. Também Loretta Napoleoni afirma que, pelo menos desde 2010, al-Baghdadi vem contando com o patrocínio de grupos kuaitianos, catarianos e sauditas que permitiram ao EI acesso a equipamento militar ocidental, destacando-se de quaisquer outros grupos *jihadistas* em operação no Oriente Médio<sup>209</sup>.

Parte considerável dos financiamentos tem a função de produzir, na Síria e no Iraque, conflitos indiretos. O regime de Bashar Al-Assad, na Síria, tem o apoio do Irã e, por trás de si, da Rússia; por intermédio do Líbano, o *Hezbollah* - financiado pelo Irã - vem apoiando operações contra grupos rebeldes, sobretudo sunitas. Do outro lado do *front*, Arábia Saudita, Kuwait, Catar e Emirados Árabes Unidos financiam a insurgência sunita, com a primazia do EI, a fim de diminuir o poder iraniano na região. A grande habilidade demonstrada por al-Baghdadi foi a de tirar proveito desses alinhamentos a ponto de ganhar autonomia em relação aos seus próprios financiadores, o que permite hoje ao EI voltar-se inclusive contra eles.

Dentre seus apoiadores primeiros destacam-se poderosos grupos sauditas ligados à exploração petrolífera, em um Estado que tem como aliado estratégico, por sua vez, potências ocidentais como os EUA. Desde 1973, a Arábia Saudita, sunita *wahabita*, está firmemente empenhada na tarefa da reislamização de povos que se derramam da África à Indonésia e, conforme lembrara Morin, semelhante àquilo que o EI aspira se tornar e que os EUA dizem pretender inviabilizar<sup>210</sup>. Tamanha é a semelhança que a Arábia Saudita, conforme denunciara o cientista político Olivier Roy, destruíra recentemente o que restara dos sítios arqueológicos de Meca, com a finalidade de erigir templos de consumismo contemporâneo espelhados nos *shopping centers* norte-americanos, enquanto o EI reproduz a destruição de sítios arqueológicos e históricos das civilizações pretéritas assentadas no “Levante”<sup>211</sup>.

Junto do Qatar e dos Emirados Árabes Unidos, a Arábia Saudita compõe o esforço internacional da difusão do *wahabismo*; a mesma composição que, nas últimas décadas, vem atuando como fiéis aliados do Ocidente no Oriente Médio, sobretudo dos EUA e da Inglaterra, que alegam proscrever milícias *jihadistas wahabitas* como o EI.

<sup>208</sup> TABLER, Andrew J.; “ISIL could become the voice of sunnis if we don't find a way to stop it soon”; *New Republic*, 11 Ago. 2014 (disponível no sítio: <https://newrepublic.com/article/119049/isil-could-become-voice-iraqs-sunnis-if-we-dont-stop-it-soon>).

<sup>209</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 47.

<sup>210</sup> MORIN, Edgar; “Tentando compreender”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., pp. 10 e 12.

<sup>211</sup> ROY, Olivier; “Um islã sem raízes nem cultura”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 21.

Na Síria, em 2013 o Qatar teria sido superado pela Arábia Saudita no apoio aos grupos *jihadistas* que almejam depor Assad.

Sobre os aliados dos EUA no Oriente Médio e sua atuação no conflito sírio, Joe Biden, então vice-presidente norte-americano, com incomum liberalidade, declarou na Universidade de *Harvard*, no dia 2 de outubro de 2014:

A Arábia Saudita, a Turquia e os Emirados Árabes estavam muito determinados a derrubar Assad e, em essência, provocar uma guerra por procuração entre sunitas e xiitas. O que fizeram? Destinaram centenas de milhões de dólares e dezenas de toneladas de armas a qualquer um disposto a lutar contra Assad. Porém, as pessoas que estavam sendo abastecidas eram a Al-Nusra e Al-Qaeda e extremistas da jihad vindos de outras partes do mundo.<sup>212</sup>

O apoio estrangeiro a grupos armados, na Síria, foi denunciado por Damasco que explicitou o perigo que isso representaria para a região. Estados do Golfo Pérsico puderam fomentar a guerra civil na Síria enviando armas, logística e dinheiro aos rebeldes através da Turquia, um dos principais aliados dos EUA no Oriente Médio e que teria auxiliado o EI com o objetivo de enfraquecer o regime de Bashar Al-Assad<sup>213</sup>. O governo turco teria mantido, propositadamente, suas fronteiras permeáveis à passagem de armas, drogas, agentes do EI e contingentes recrutados em diversas partes do mundo para a *Jihad*, o que tem constituído uma base de retaguarda segura não apenas ao EI mas para a *Al Nusra* e demais milícias *jihadistas* interessadas na queda do regime de Assad.

Para Napoleoni, o conflito na Síria se constitui como uma versão contemporânea da “guerra por procuração”, ou seja, uma guerra travada por grupos armados mantidos e patrocinados por outros grupos, a quem de fato mais interessa a existência e/ou a resolução do conflito.

Desejosos de uma mudança de regime na Síria, kuaitianos, catarianos e sauditas têm se mostrado dispostos a financiar uma série de organizações armadas, das quais o EI é apenas uma. No entanto, em vez de travar a guerra por procuração bancada por seus financiadores, o Estado Islâmico tem usado o dinheiro fornecido por eles para estabelecer seus próprios bastiões territoriais em regiões financeiramente estratégicas, como nos ricos campos de petróleo do Leste da Síria.<sup>214</sup>

<sup>212</sup> Cit. por COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 39.

<sup>213</sup> CHALIAND, Gérard; “O terrorismo visa os espíritos e as vontades”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 95.

<sup>214</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 17.

Já para a Casa Branca, o advento da mais perigosa ameaça terrorista de todos os tempos possibilitaria bombardear o inimigo que em 1991 e em 2003 invadira - o Iraque -, além de fazer chegar sua presença ao país vizinho - a Síria -, agora sob pretexto de salvaguardar seu novo aliado do perigo comum à civilização.

Olivier Weber afirmou que, desde o início, o EI vinha sendo financiado pela Arábia Saudita, Qatar e Turquia<sup>215</sup>, o que, para Dawod, seria difícil de confirmar:

... não há como demonstrar uma ajuda direta das monarquias do Golfo. Mas é certo que a Arábia Saudita, o Catar, o Kuwait e outros jogaram com a ideia de armar os adversários jihadistas de Bashar al-Assad para se contrapor ao “arco xiita” Irã/Iraque/Síria. Ricos habitantes do Golfo financiaram os jihadistas na Síria, e seus Estados deixaram isso acontecer.<sup>216</sup>

A este respeito, Cockburn esclarece que o auxílio dado a estes grupos, pela Arábia Saudita e Qatar, é principalmente financeiro e que costuma chegar às organizações *jihadistas* por meio de doações particulares<sup>217</sup>. Em especial, a Casa de Saud fomentaria a atuação desses grupos em países vizinhos enquanto impediria sua presença internamente; o fortalecimento do EI e sua independência em relação aos seus antigos financiadores, na Arábia Saudita, fizeram o medo crescer; é o que afirma o correspondente em livro recente sobre o tema:

Seria improvável que a comunidade sunita no Iraque como um todo tivesse alinhando-se ao ISIS sem o apoio que a Arábia Saudita deu, direta ou indiretamente, para muitos movimentos sunitas. O mesmo ocorre na Síria, onde o príncipe Bandar bin Sultan, ex-embaixador saudita em Washington e chefe da inteligência saudita entre 2012 e fevereiro de 2014, fez tudo o que pôde para apoiar a oposição jihadista, até sua demissão. Temerosos do que ajudaram a criar, os sauditas passaram a atuar em outra direção, aprisionando voluntários jihadistas, ao invés de fazerem vistas grossas, quando eles dirigiam-se à Síria e Iraque. Mas pode ser tarde demais. Os jihadistas sauditas têm pouca consideração pela Casa de Saud. Em 23 de julho de 2014, o ISIS lançou um ataque contra uma das últimas fortalezas do exército sírio na província de Raqqa, ao norte. Começou com o ataque suicida de um carrobomba; o veículo era dirigido por um saudita de nome Khatab al-Najdt, que decorou as janelas do carro com fotos de três mulheres presas em cárceres sauditas, uma das quais era Hila al-Kasir, sua sobrinha.<sup>218</sup>

Ocorre que, tendo a criatura escapado ao controle de seus criadores, os governos que financiaram o EI agora se veem ameaçados pelo poder militar de que foram patrocinadores, temendo pelos destinos da guerra civil na Síria e por sua própria

<sup>215</sup> WEBER, Olivier; “O feudo do terror”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 100.

<sup>216</sup> DAWOD, Hosham; “O Estado Islâmico está muito bem adaptado à guerra moderna”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit. p. 41.

<sup>217</sup> COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 76.

<sup>218</sup> Ibid. p. 76.

segurança territorial, é o caso da Arábia Saudita que em julho de 2014 enviou um exército de 30 mil homens para guarnecer sua fronteira com o Iraque, de onde as tropas iraquianas foram retiradas. Também de outras monarquias do Golfo Pérsico que acabaram compondo os ataques aéreos liderados pelos EUA contra alvos do EI na Síria. A atuação de governos sunitas no fomento de milícias *salafistas* que pudessem ser movidas contra alvos xiitas no Oriente Médio encontrava-se com o limite de suas próprias condições de segurança.

Conforme argumenta Cockburn, potências ocidentais como EUA e Inglaterra e seus aliados regionais, a saber, Arábia Saudita, Emirados Árabes, Qatar e Turquia, que atuaram incisivamente no financiamento de organizações sunitas *jihadistas* para a deposição do regime de Assad na Síria, agora temem que uma vez deposto o regime seja exatamente uma dessas organizações - o EI - a segunda maior força política em atividade na Síria e a única capaz de ocupar o vazio de poder deixado pela eventual queda do governo de Damasco.

Enquanto isso, no mesmo mês de julho o governo de Barack Obama solicitava de seu Congresso o montante de meio bilhão de dólares para a compra de armas, equipamentos e treinamento que seriam ofertados a opositores sírios “moderados”. Ocorre que não há, na Síria, opositores moderados ao regime de Bashar Al-Assad que pudessem ser armados e treinados: há o “Exército Livre”, seguido de facções *jihadistas* radicais e, até o ano de 2016, a Frente *al-Nusra*, que só parece moderada se comparada ao EI.

Armar, naquele momento, a *al-Nusra* contra o EI - sendo a *al-Nusra* a filial da *Al Qaeda* na Síria e, a *Al Qaeda*, inimiga mortal dos EUA desde os ataques de 11 de setembro - só pareceria incoerente se desconsiderássemos a estratégia do “caos construtivo”. Mas é o que pode estar, na prática, ocorrendo desde que o governo norte-americano passou a apoiar o plano saudita para a abertura de uma nova frente de batalha ao Sul do território sírio e deflagrada a partir da Jordânia com o propósito de combater tanto o regime de Assad quanto o EI. A ponta de lança dessa estratégia seria a Brigada *Yarmouk*, para a qual até mesmo mísseis antiaéreos estariam aportando. Colocado o plano em execução, o avanço da brigada, na guerra civil, se deu em colaboração militar e compondo forças com a *al-Nusra*, cooperação esta que comumente permitiu a troca de



meios letais. É o que denunciou Cockburn: “*Washington estava efetivamente permitindo que armamento avançado fosse entregue a seu inimigo mais mortal*”<sup>219</sup>.

A estratégia não seria menos desonrosa do que manter a aliança umbilical que a Casa Branca nutre com a Arábia Saudita, “*a fonte mais significativa no financiamento de grupos de terror sunitas em todo o mundo*”<sup>220</sup>, o que afirmara Hillary Clinton, quando secretária de Estado norte-americana, em documento secreto vazado pelo *Wikileaks*. Também é o parecer do Diretório Geral para Políticas Externas do Parlamento Europeu, que em 2013 divulgou o relatório “O envolvimento do salafismo/*wahabismo* no apoio e suprimento de armas para grupos rebeldes em todo o mundo”, onde afirma que a Arábia Saudita, tendo dispostos 10 bilhões de dólares para a promoção do *wahabismo*, “*tem sido uma grande fonte de financiamento de organizações terroristas e rebeldes desde os anos 1980*”<sup>221</sup>.

No início de 2014, quando discursava em *West Point*, Obama afirmou como aliados dos EUA e dignos de ajuda econômica no combate ao EI: o Iraque, a Jordânia, o Líbano e a Turquia<sup>222</sup>. A ajuda financeira à Jordânia e Turquia parece estúpida uma vez que, de conhecimento de quaisquer serviços de inteligência, os *ihadistas* que os EUA combatem, além de terem sido fomentados por governos como o da Jordânia, aportam aos teatros de operações na Síria e no Iraque, em sua grande maioria, pela porosa fronteira de cerca de 820 quilômetros entre a Turquia e a Síria, sem que as autoridades turcas engendrem esforços para impedir a prática. Deve também ser levado em consideração o fato de que, para Ancara, o separatismo curdo acaba representando ameaça equivalente aos *ihadistas* do EI, principalmente numa etapa do conflito em que os *Peshmerga* e o PKK vem se enfrentando, em conflitos brutais, com os exércitos do EI em regiões próximas à fronteira turca. E se a retórica utilizada pelo governo norte-americano, para levar a devastação da guerra ao Oriente Médio, é a libertação de seu povo de regimes autoritários, apresentando-lhes as benesses da democracia, vale ressaltar que a repressão movida pelo governo turco contra comunidades curdas é tão violenta quanto o tratamento dispensado pelo governo de Damasco aos rebeldes sírios.

A mudança de postura das monarquias do Golfo e de países como Arábia Saudita, Turquia e Jordânia, se deve ao fato de o EI, após ter capturado importantes

---

<sup>219</sup> Ibid. p. 92.

<sup>220</sup> Cit. por COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 96.

<sup>221</sup> Ibid. p. 135.

<sup>222</sup> Ibid. pp. 47-48.

regiões estratégicas, abundantes em recursos naturais - campos de petróleo e gás -, ter alcançado sua independência financeira em relação aos seus primeiros patrocinadores, o que vem lhes permitindo organizar suas atividades militares valendo-se dos recursos provenientes da exploração de petróleo em uma dezena de campos capturados no Leste da Síria e no Norte do Iraque, bem como pelo gás sírio cuja extração passaram a controlar em territórios ocupados, além de uma grande usina de energia próxima a *Mosul*, também sob seu controle. A exploração desses recursos é possível graças às alianças que al-Baghdadi compôs com líderes sunitas locais, profundamente discriminados por seus governos, para a extração, semi-refinamento e contrabando do petróleo, permitindo a repartição dos recursos provenientes dessas atividades com ditas lideranças. Produz-se, com isso, não apenas a viabilidade econômica do EI, mas também política, uma vez que para as populações sunitas que acabam participando dessas atividades o modelo de repartição dos lucros da exploração do petróleo parece muito mais justo do que aquele de que se valeram, até então, os governos da Síria e do Iraque. O resultado político é o da conformação não apenas de uma base de apoio popular de identidade sunita, mas a legitimidade que busca o EI para reivindicar sua soberania num dado território e em nome de todo um povo.



Fonte: BBC, outubro de 2014.

Disponível no sítio: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015\\_mapas\\_siria\\_lab](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015_mapas_siria_lab).

No entanto, isso não significa que seus antigos patrocinadores não sigam enredados nas práticas agora comerciais do EI, e nem que esta condição não pudesse ter sido antecipada por aqueles que financiaram atrocidades. De acordo com Achille Lollo, a comercialização desses bens energéticos não seria possível sem que houvesse a colaboração de empresas turcas responsáveis pelos dutos que fazem chegar o óleo e o gás até os terminais do porto de *Ceifan*, de bancos no Qatar e uma vasta rede de empresas “fantasmas” que compram o gás e o petróleo sem que a “Organização dos Países Exportadores de Petróleo” (Opep) e os EUA intervenham, ao contrário do que ocorreria na Líbia quando *jihadistas* de *Misurata* tentaram vender petróleo no mercado negro<sup>223</sup>.

Para o analista político Alessandro Perri, o EI começou a vender petróleo a cerca de 30% do valor fixado pela Opep e, dadas as reações do mercado, aumentou seus preços para 50%, tendo como principal comprador o governo turco para quem os barris comercializados pelo EI representariam em torno de 10% de seu consumo. O silêncio norte-americano a respeito, segundo afirma Perri, se deve ao fortalecimento da Turquia, um de seus principais aliados estratégicos na região.<sup>224</sup>

Dawod informa que desde 2013 a venda de petróleo, em sua maior parte de proveniência síria, tornou-se a maior fonte de renda da organização, chegando à produção de 80 a 100 mil barris por dia, parcialmente refinados, dos quais 40 mil seriam vendidos na Síria - até mesmo para partidários de Assad -, Iraque e Turquia, a preços que variam de 20 a 50 dólares o barril.<sup>225</sup> Para o EI, a venda de petróleo no mercado negro tem rendido um faturamento de um a 3 milhões de dólares por dia.

O caminho percorrido pelos barris, para que dos campos sírios ocupados chegue em parte aos seus próprios inimigos, segundo Olivier Weber passa pela venda, entre 12 a 18 dólares o barril, para tribos sunitas na região, o que vem cimentando firmemente o apoio de suas lideranças, bem como para contrabandistas turcos e jordanianos, o que

---

<sup>223</sup> LOLLO, Achille; “O segundo genocídio do povo curdo – Entrevista com Alessandro Perri”; *Brasil de Fato*; 21 Out. 2014 (disponível no sítio: <https://www.brasildefato.com.br/node/30187/>).

<sup>224</sup> Ibid.

<sup>225</sup> DAWOD, Hosham; “O Estado Islâmico está muito bem adaptado à guerra moderna”; in: FOTTORINO, Éric. Op. Cit. pp. 41 e 42.

viabilizou uma rentável rede de descaminho cujo lucro pode chegar a 300 mil dólares por mês, para cada contrabandista.<sup>226</sup>

Dentre as riquezas naturais que o EI passou a explorar, há também uma vasta planície agrícola produtora de cereais e algodão, cujo controle vem colaborando para o financiamento de suas atividades com um acréscimo de 200 milhões de dólares.

Nos territórios sob seu controle, o EI vem tentando a implementação de estruturas administrativas e comerciais, criando empresas de fachada para o comércio internacional de bens energéticos cuja extração e circulação passou a operar.

Também vem organizando sistemas fiscais que cobram diretamente das populações submetidas o “imposto da *Jihad*” - que compõe o orçamento da organização em torno de 300 milhões de dólares -, pago de bom grado por comunidades sunitas mais afeitas ao salafismo e beirando a extorsão quando cobrados de sunitas quietistas. São extorquidos sobretudo funcionários públicos que seguem sendo pagos por seus governos de origem, a partir de Damasco ou de Bagdá.

Além da população comum, os alvos da extorsão fiscal são empresas comerciais, comerciantes de armas e equipamentos militares e produtos os mais diversos que circulam em rotas de contrabando entre Síria, Turquia e Iraque.

Mas antes mesmo de o EI controlar cidades como a de *Mosul* e *Tikrit*, já se praticava ali a cobrança de impostos de pequenos comerciantes a grandes empresas, à revelia da autoridade iraquiana que, quando reclamada, se limitava a orientar os suplicantes a incorporar os valores pagos aos seus serviços ou mercadorias. Negar-se a contribuir periodicamente com EI significava colocar-se sob risco de atentados a bomba. Apenas este tipo de cobrança rendia à organização em torno de 8 milhões de dólares por mês.<sup>227</sup>

A extorsão mediante sequestro se tornou outra prática constante da organização, responsável pelo faturamento de 600 a 800 milhões de dólares por ano<sup>228</sup> e que empenha os antigos quadros dos serviços de inteligência do governo iraquiano, a quem cabe identificar os alvos entre comerciantes ricos, membros de famílias tradicionais, chefes tribais rivais etc., bem como incumbidos das operações de apresamento, da cobrança e do recebimento de seus resgates.

---

<sup>226</sup> WEBER, Olivier; “O feudo do terror”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 102.

<sup>227</sup> NASSER, Reginaldo; “Uma serpente entre as pedras”; in: COCKBURN, Patrick. Op. Cit., p. 21.

<sup>228</sup> Cf.: Ibid. p.102.

Através das fronteiras entre Síria e Turquia, uma lucrativa rede de contrabandos dos itens os mais diversos, desde armas e drogas até componentes eletrônicos, medicamentos e bens de extrema necessidade, vêm também incrementando as receitas do EI e viabilizando uma ativa campanha de cooptação das populações sunitas sob sua autoridade, valendo-se inclusive de parte da ajuda humanitária enviada por uma série de organismos para o atendimento da população síria que padece da destruição causada pela guerra civil, desviada para os enclaves do EI onde tem viabilizado a implementação de seus projetos sociais, parte essencial das estratégias que têm como objetivo a conquista de sua legitimidade.

Outra modalidade nefasta também passou a compor as fontes de renda do EI: o tráfico de mulheres escravizadas nas guerras de conquista, em sua grande maioria *yazidis*. O mercado de escravos que tem por finalidade a exploração sexual de prisioneiros inclui leilões de mulheres e crianças, incluso meninos, tanto em lugares públicos quanto pela *internet*, onde se tornou possível comprar alguém.

Também atuam no contrabando, através da Turquia, de artefatos arqueológicos provenientes dos sítios históricos destruídos e dos museus saqueados no processo de conquista, que vêm aquecendo o mercado negro de objetos antigos e aportando peças raras em coleções particulares do mundo todo. O tráfico de antiguidades tem garantido ao grupo um adicional de 100 milhões de dólares em suas receitas.

No cômputo é preciso considerar também recursos provenientes de casas bancárias expropriadas na Síria e no Iraque. Só nos cofres subterrâneos de *Mosul*, que guardavam reservas em dinheiro de seu Banco Central, foram obtidos 500 milhões de dinares iraquianos, correspondentes a 450 milhões de dólares, montante contudo irrisório se comparado às rendas provenientes da exploração e comercialização de petróleo.

Somadas as atividades a outras fontes de renda, como doações e tráficos de diversos tipos, os recursos concentrados pela organização seriam da monta de 2 bilhões de dólares - 10 vezes o orçamento dos talibãs -, um orçamento anual de 1,2 a 3 bilhões anuais e com entradas de cerca de um milhão por dia decorrentes apenas da venda do petróleo sírio.

## **Capítulo IV:**

### **Sobre guerras travadas longe demais...**

#### **Quando o espectro se torna real**

Se for válida a hipótese de que as guerras movidas contra o fantasma do “terrorismo internacional”, pelo Ocidente, cumprem a função de manter o “inimigo comum” e, com isso, a “eficácia social do mito” de que prescinde a hegemonia mundial, é preciso avaliar, para a própria comunidade de Estados - tanto o conjunto de pares alinhados ao *hegemon* quanto antagônicos - quais os resultados destas práticas.

Há, pelo menos, dois subsistemas a serem considerados nestes termos: o Ocidente, como nexos civilizatório e ambiente central da corrida concorrencial capitalista, e o Oriente Médio, inscrito na borda externa do conceito ocidental de civilização e ambiente semiperiférico e periférico no sistema-mundo capitalista, retaguarda econômica das potências de capitalismo desenvolvido para a pilhagem de seus recursos energéticos.

#### **Tragédia humanitária e genocídio**

Começemos, portanto, dos resultados do “caos construtivo” no mundo médio-oriental, em especial, na região do “Levante”.

Nos limites dos territórios reivindicados pelo EI, seus combatentes são autores de inúmeras atrocidades como o uso generalizado da tortura, mutilações, decapitações,

carbonizações, crucificações, esquartejamentos, violações sexuais, assassinatos em massa e cenas, que já se tornaram comuns, de partes de corpos penduradas em árvores e exibidas em praças e demais lugares públicos. As imagens das atrocidades são utilizadas pelo próprio grupo, publicadas em sítios de *internet* e divulgadas em redes sociais para difundir medo àqueles considerados infiéis e como mensagem à militância da *Al Qaeda* que ainda não integrou seus quadros.

Para Thiollet, nos territórios onde é imposta a autoridade do EI, procedem-se desde o início da ocupação práticas de limpeza étnica como, em cidades iraquianas, contra *yazidis* e curdos; tanto quanto atos persecutórios a minorias religiosas como cristãos e xiitas.<sup>229</sup>

A justificativa para o extermínio é sobretudo religiosa e movida contra aqueles cujo credo é considerado herético, principalmente xiitas, seguidos de sufistas, *alawitas* e todos aqueles cujo pecado só pode ser elidido pela execução. Para religiosos de matrizes não-muçulmanas, a apostasia é a via para a purificação do mundo islâmico, mas esta não poupa do convertido uma série de degradações, isso quando não são sumariamente executados, acusados de serem inimigos da fé islâmica e usurpadores de seus territórios sagrados.

As imagens mais brutais de extermínio de populações civis correram o mundo após junho de 2014, quando o EI conquistou a cidade iraquiana de *Mosul* e seu exército passou a atacar contingentes xiitas na cidade e vilarejos próximos, vitimando em grande número mulheres e crianças. Centenas de execuções teriam ocorrido nos dias que se seguiram à queda da segunda maior cidade do Iraque, produzindo-se as mortes com o uso de metralhadoras que despedaçavam os corpos que, logo em seguida, eram arremessados às valas coletivas, muitas delas abertas pelas próprias vítimas.

Bairros xiitas inteiros foram evacuados sendo em torno de 4 mil casas, com todos os seus pertences, distribuídas entre os combatentes salafistas como parte do butim pela conquista. Mulheres e crianças, não apenas xiitas mas cristãs *yazidis* foram de igual forma dadas como escravas sexuais, para toda sorte de violências.

Mesquitas e santuários xiitas de *Mosul* foram depredados com o propósito de eliminar os traços da existência daquela obediência, tida pelos salafistas como herética, no mundo muçulmano.

---

<sup>229</sup> THIOLLET, Hélène; “O espectro da invasão de 2003”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., p. 29.

No dia 17 de março de 2015, o Secretário de Estado John Kerry acusava publicamente o EI pela prática de genocídio contra cristãos, *yazidis* e xiitas nos territórios ocupados na Síria e no Iraque, além de terem vitimado minorias curdas e sunitas dissidentes<sup>230</sup>. Ainda que o anúncio fizesse parte de estratégias que almejavam garantir ainda mais coesão na luta contra o “inimigo comum”, as práticas genocidas eram e seguem sendo reais. Nas palavras do secretário: “*the Islamic State ‘castigates Yazidis as, quote, ‘pagans’ and ‘devil-worshippers’, and we know that Daesh has threatened Christians by saying that it will, quote, ‘conquer your Rome, break your crosses, and enslave your women’*”<sup>231</sup>.

Os atos genocidários incluíam ainda o estupro sistemático de mulheres e crianças mantidas cativas como escravas sexuais. Apenas a minoria *yazidi*, no Iraque correspondente a 500 mil indivíduos, teria tido suas mulheres e crianças sistematicamente encarcerados para a exploração sexual.

Conforme denunciou o escritório iraquiano da ONU, as estimativas, em 2014, apontavam para o número de 1,5 mil mulheres, meninas e meninos, vítimas de estupro por parte dos combatentes, casos que, efetivamente, chegaram ao conhecimento das autoridades, o que indica a possibilidade de haver um número muito maior de vítimas. O mesmo escritório confirma que a maioria dos imolados pertenceria mesmo ao grupo *yazidi*, que junto de outras mulheres e adolescentes estariam sendo mantidos em uma prisão, convertida em “campo de estupro”, nos arredores de *Mosul*.<sup>232</sup>

Para esses contingentes a violência sexual é inescapável, seja para as mulheres que, à revelia de suas convicções religiosas, se convertem ao islamismo e, com isso, são vendidas como esposas, seja para aquelas que se recusam à apostasia e são mantidas como escravas sexuais e, em algum momento, executadas.

O genocídio também se constitui pela destruição de patrimônios de cultura material como monumentos públicos, arte estatutuária, acervos de museus, igrejas e

---

<sup>230</sup> ROSENBERG, Matthew; “Citing atrocities, John Kerry call ISIS actions genocide”; *The New York Times*, 17 Mar. 2016.

<sup>231</sup> Ibid.

“O Estado islâmico castiga Yazidis como pagãos e adoradores do diabo, e sabemos que o Daesh tem ameaçado os cristãos dizendo que vão conquistar sua Roma, quebrar suas cruzes e escravizar suas mulheres”.

<sup>232</sup> “Iraq: UN officials voice concern about humanitarian situation, abuse of women, girls”; *UN News Centre*; 2 Jul. 2014 (disponível no link: <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=48187#.WHDvzfkfJPZ>).



monastérios; bem como imaterial, quando proibidas práticas tradicionais e, em manifestações mágico-religiosas, rituais.

Para Napoleoni

... a palavra genocídio parece muito apropriada para descrever o que vem acontecendo nos últimos anos na Síria e, desde o começo do verão de 2014, no Iraque. Aliás, atualmente, ser xiita ou membro de uma seita aparentada, tal como a dos sírios alaúitas, é quase a mesma coisa que ter sido judeu na Alemanha nazista. Seguindo os passos de al-Zarqawi, o Estado Islâmico parece inclinado a erradicar a população xiita do Califado por quaisquer meios possíveis, incluindo o extermínio.<sup>233</sup>

A caracterização dos morticínios, da destruição de redes de sociabilidade e de itens de cultura tanto material quanto imaterial, como atos de genocídio, foi ratificada pela *International Association of Genocide Scholars* em declaração assinada por estudiosos que afirmam estar em curso genocídios perpetrados pelo EI contra cristãos, *yazidis*, curdos e muçulmanos xiitas.<sup>234</sup>

A tragédia humanitária, no entanto, é de proporções ainda maiores se considerarmos que aos contingentes de refugiados da guerra civil na Síria - que conta, como já vimos, com a participação do EI no enfrentamento entre rebeldes e tropas regulares - somam-se as comunidades deslocadas que foram expulsas ou fugiram das regiões por onde avançam os *jihadistas*. É o caso, mais uma vez, de *yazidis* que, tentando escapar às atrocidades cujas imagens já corriam o mundo, em agosto de 2014 acabaram, aos milhares, nas inóspitas montanhas do Iraque, isolados e desprovidos do básico para a sua sobrevivência. A morte destes contingentes, em decorrência da privação severa de quaisquer meios de vida, também nos permite afirmar a ocorrência de um genocídio.

Com isso, os resultados do “caos construtivo” no mundo médio-oriental, além da violência da guerra - aqui já apresentada -, são a violência genocidária e os massivos deslocamentos populacionais.

<sup>233</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. pp. 109 e 110.

<sup>234</sup> “An Appeal to the United States Congress from Genocide Scholars”; *International Association of Genocide Scholars*; Dez. 2015 (disponível no sítio: <https://anca.org/wp-content/uploads/2015/12/IAGS-An-Appeal-to-the-United-States-Congress-from-Genocide-Scholars.pdf>).

## Imperialismo e terrorismo

Já no mundo ocidental, as intervenções imperialistas em países árabes vêm corroborando com a maior crise de refugiados da história recente, à qual não nos ateremos por ser resultado de diversos fatores articulados e dentre os quais o EI é apenas um de seus componentes.

Mas não se trata apenas de crise de refugiados. No que diz respeito ao EI, a ingerência das potências ocidentais sobre o mundo médio-oriental tem retornado ao Ocidente na forma brutal do terrorismo. Não que o Oriente Médio tenha sido poupado de atentados, em verdade, eles seguem sendo realizados de forma articulada à guerra de conquista direta que vem sendo encampada pelo EI; mas, é no Ocidente, que o efeito esperado pelo “caos construtivo” se realiza.

Antes de mais nada é importante frisar que, ao contrário do que permeia o senso comum, o que se convencionou dizer como “terrorismo” não é uma invenção do fundamentalismo islâmico na história da Europa. Mas o aumento significativo de atentados que, desde 2014, passaram a ser reivindicados pelo EI guarda relação direta com o avanço do grupo na esteira de duas guerras civis que dizem respeito ao imperialismo ocidental na região do “Levante”.

É o que podemos dizer do Massacre do *Charlie Hebdo*, no atentado terrorista perpetrado a tiros de fuzis *Kalashnikov* e dirigido aos quadros do jornal satírico francês, em um de seus escritórios, no dia 7 de janeiro de 2015, em Paris, matando 12 pessoas e ferindo outras 11. Os matadores seriam pertencentes à *Al Qaeda* do Iêmen, embora fossem todos franceses; e dentre os motivos estaria a edição *Charia Hebdo* contendo uma charge do Profeta Maomé, recebida como um insulto por muçulmanos e responsável por protestos em todo o mundo islâmico.

No mesmo dia, Amedy Coulibaly, também francês muçulmano e que estaria ligado ao grupo que atacou o *Charlie Hebdo*, matou um policial na periferia de Paris e, no dia seguinte, invadiu o supermercado judaico *Hyper Cacher*, em Porte de Vincennes, matando 4 reféns. Em vídeo postado no *Youtube*, Coulibaly dizia-se pertencente ao EI, declaração que foi atestada por sua esposa, Hayat Boumeddiene, que confirmou sua total fidelidade à organização.

Novos ataques seriam desfechados no dia 26 de junho, quando num triplo atentado os *jihadistas* decapitaram um homem na cidade de *Isère*, mataram a tiros 38

turistas em um complexo de hotéis em *Sousse*, na Tunísia, e uma mesquita xiita explodia, matando 27 fiéis no Kuwait.

Numa sexta-feira, dia 13 de novembro de 2015, um homem-bomba, do lado de fora do *Stade de France*, ao tentar entrar pelo Portão “J” do estádio, explodia matando ao menos 3 torcedores e dando início a uma série de atentados coordenados pela cidade de Paris e de *Saint-Denis*. O estádio lotado, no subúrbio ao norte de *Saint-Denis*, sediava a partida de futebol entre França e Alemanha e contava com a presença ilustre do presidente François Holland. Aos 16 minutos de jogo, o primeiro estrondo já anunciava uma noite de profundo terror, ainda que muitos não tivessem percebido do que se tratava. Entre a primeira e a segunda explosão, cujo intervalo não teria superado 5 minutos, um ataque era desfechado contra dois restaurantes em outro ponto da cidade, enquanto o presidente francês já era retirado do estádio por equipes de segurança.

Esses primeiros ataques se deram nas ruas *Bichat* e *Alibert*, nas proximidades do Canal *Saint-Martin*, no 10º *Arrondissement*, onde os alvos primos foram os frequentadores do café *Le Carillon* e, do outro lado da *Rue Bichat*, o restaurante *Le Petit Cambodge*, onde 11 pessoas acabaram fuziladas.

Na *Rue de la Fontaine-au-Roi*, ao sul da *Rue Bichat*, o alvo foi o terraço do *La Casa Nostra*, restaurante de comida italiana onde um atirador matou 5 pessoas e feriu outras 8.

Logo na sequência, na *Rue de Charonne*, 2 outros militantes abriram fogo contra os frequentadores do restaurante *La Belle Équipe*, no 11º *arrondissement*, onde 18 pessoas acabaram mortas, tendo os assassinos se evadido. Alguns minutos mais, outro homem-bomba explodia, matando apenas a si mesmo, desta vez na *Boulevard Voltaire*.

E poucos minutos antes de a terceira bomba ser detonada nos arredores do *Stade de France*, levando à soma já de 10 mortos na parte externa do estádio, 4 *ihadistas* invadiram a casa de shows *Bataclan*, no *Boulevard Voltaire*, 11º *Arrondissement* - onde também ficavam os escritórios do *Charlie Hebdo* alvejados no mês de janeiro daquele mesmo ano - durante um *show* de *rock* que reunia um público de 1.500 pessoas e onde, sob rajadas de fuzis AK-47 e explosões de granadas, 89 pessoas foram mortas no assédio que teria se estendido por cerca de 20 minutos. Trata-se do maior número de vítimas dessa série de atentados que só terminou na manhã do dia 14, quando de 60 a 100 reféns que ainda permaneciam na boate foram libertados pela operação policial que culminou na morte dos 4 *ihadistas*, dos quais 3 deflagraram dispositivos explosivos

TATP<sup>235</sup>, que carregavam amarrados ao corpo, e um acabou morto a tiros pelos agentes de segurança<sup>236</sup>.

O pânico que se instalou na cidade ficou impresso nas cenas dos milhares de torcedores que lotavam o estádio onde a série de ataques começou e que, uma vez anunciados os atentados, ocuparam o gramado temendo retornar para suas casas. Os que conseguiam, aos poucos, deixar o lugar – já sob “estado de emergência” e instituído “toque de recolher” pelo presidente Holland -, cantavam em tom lúgubre, nas estações e trens do metrô parisiense, os versos da marselhesa.

O cômputo final foi o de 180 mortos, dentre os quais 8 eram terroristas, mais de 350 feridos e, dentre estes, 99 em estado grave<sup>237</sup>, no decurso de 7 ataques distintos, entre explosões e fuzilamentos. No mesmo dia dos atentados, Graham Slaughter noticiava tratar-se do mais mortal ataque descerrado na França desde a Segunda Guerra Mundial<sup>238</sup>, enquanto Adam Nossiter, Aurelien Breeden e Katrin Bennhold, no dia seguinte, publicavam tratar-se do mais fatal atentado de toda a União Europeia desde os ataques realizados em Madri, em março de 2004<sup>239</sup>.

No dia 14, o EI reivindicava os atentados, afirmando-os uma retaliação à participação francesa na coalisão que intervinha militarmente na Síria e no Iraque.

Apenas de setembro de 2014 a novembro de 2015, foram 45 atentados reivindicados pelo EI em 14 países, com o resultado de 1.191 mortos e milhares de feridos.<sup>240</sup>

No entanto, os ataques terroristas funcionam, para o “caos construtivo”, positivamente, uma vez que criam tamanha comoção, amplificada pelas agências ocidentais de notícias e pelas redes sociais, que ainda maior consenso se produz quanto a necessidade da guerra em graus de destruição ainda maiores. Neste caso, os ataques

---

<sup>235</sup> Triperóxido de triacetona.

<sup>236</sup> “Paris shootings: Casualties in city centre and explosion at the Stade de France”; *BBC News*, 14 nov. 2015 (disponível no link: <http://www.bbc.com/news/world-europe-34814203>).

<sup>237</sup> PHIPPS, Claire; RAWLINSON, Kevin; “All attackers dead, police say, after shootings and explosions kill at least 150 in Paris – live updates”; *The Guardian*, 13 nov. 2015 (disponível no link: <https://www.theguardian.com/world/live/2015/nov/13/shootings-reported-in-eastern-paris-live>).

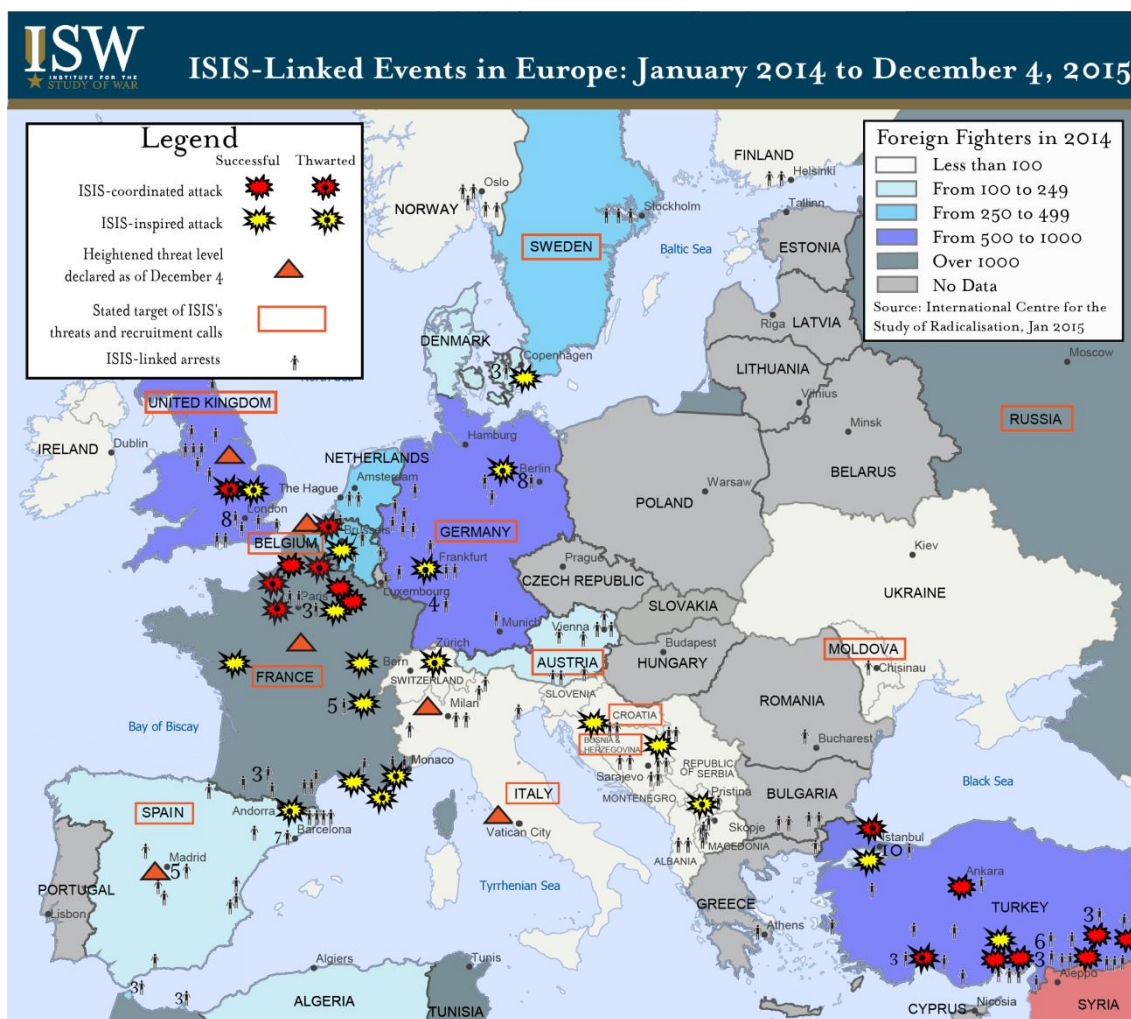
<sup>238</sup> SLAUGHTER, Graham; “Paris on edge: Recent terror attacks in France”; *CTV News*, 13 nov. 2015 (disponível no link: <http://www.ctvnews.ca/world/paris-on-edge-recent-terror-attacks-in-france-1.2657928>).

<sup>239</sup> NOSSITER, Adam; BREEDEN, Aurelien; CLARK, Nicola; “Three Teams of Coordinated Attackers Carried Out Assault on Paris, Officials Say; Hollande Blames ISIS”; *The New York Times*, 14 de nov. 2015 (disponível no link: [https://www.nytimes.com/2015/11/15/world/europe/paris-terrorist-attacks.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2015/11/15/world/europe/paris-terrorist-attacks.html?_r=0)).

<sup>240</sup> PAULIC, Manon; VINCE, Pierre; “Dossier”; in: FOTTORINO, Éric (org.). Op. Cit., pp. 121 e 122.

## Rodrigo Medina Zagni • “Sangue que não seca”

retaliatórios foram realizados apenas dois dias depois pela arma aérea francesa, com a deflagração da *Opération Chammal*, movida contra a cidade de Raqqa.



Fonte: *Institute for the Study of War*, dezembro de 2015.

Disponível no sítio: <http://www.geocurrents.info/geopolitics/insurgencies/mapping-isis-at-the-institute-for-the-study-of-war>.

## Considerações finais

No dia 11 de agosto de 2014, o general William Mayville, no Pentágono, descrevia o EI como um inimigo complexo, poderoso e dotado de qualidades que anunciavam uma guerra de longa duração. Em suas palavras: *“Estão extraordinariamente bem organizados, bem equipados, sabem coordenar suas operações e até agora tem mostrado capacidade de atacar em múltiplos eixos”*<sup>241</sup>. A caracterização é bastante distinta daquelas que costumeiramente são feitas, pelo Pentágono, de grupos terroristas. Não apenas, em termos estratégicos, o inimigo era concebido tal qual um “Estado” - ainda que a Casa Branca jamais o reconhecesse -, quanto a guerra anunciada em julho daquele mesmo ano já era concebida como um conflito a ser mantido, e não simplesmente vencido. Muitíssimas distintas as caracterizações daquelas feitas a partir do Moscou e que planejavam um conflito intenso, mas de duração não tão longa.

Se considerarmos a existência de um conflito precedente e indireto entre EUA e Rússia, na projeção da guerra travada contra o EI, podemos compreendê-lo na chave histórica da luta perene entre capitalismo e territorialismo. Mais do que isso, para a manutenção da hegemonia mundial, em um ciclo de acumulação cuja infraestrutura econômica está baseada em uma poderosa economia de guerra, conflitos armados de longa duração garantem a consecução dos interesses dos grupos que, efetivamente,

---

<sup>241</sup> “Como o estado islâmico se tornou mais perigoso que a Al Qaeda”; *BBC Brasil*; 12 Ago. 2014 (disponível no [sítio: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140812\\_iraque\\_estado\\_islamico\\_dg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140812_iraque_estado_islamico_dg)).

controlam expressivos fluxos de capitais e determinam, pela manifestação do poder econômico como poder político, a gestão do Estado e da guerra. Por isso, para o *hegemon*, inimigos comuns são criados para serem mantidos, porquanto se mantenham nessa condição, e não meramente vencidos.

Não está sendo dito aqui que o “inimigo comum” não exista ou que o poder que concentre não seja verdadeiramente destrutivo; procuramos demonstrar que por meio da estratégia do “caos construtivo” o inimigo comum é criado e, valendo-se da guerra, mantido; mas com um ônus que, para o imperialismo, é plenamente aceitável: a perda de vidas humanas e a degradação das condições de existência dos que experimentam a destruição material em decorrência da guerra.

Os conflitos fomentados e mantidos pelo Ocidente no Oriente Médio têm o mais devastador de sua destruição, humana e material, longe demais do mundo dito civilizado; enquanto o caos criado nessas realidades retorna ao Ocidente na forma do terrorismo que, por sua vez, produz pela via da comoção internacional ainda mais consenso acerca da necessidade da guerra, em graus de violência cada vez maiores.

Não se trata portanto de “choque de civilizações” como, ecoando a proposta interpretativa de Samuel Huntington, fez supor Régis Debray, para quem “*é hora de levantar a cabeça de novo e assumir nosso [leia-se, europeu...] DNA cultural (sic)*”<sup>242</sup>. O problema é de natureza muito mais complexa e envolve, sobretudo, a caracterização do “inimigo comum” que não provém do “choque de civilizações”, mas do “caos construtivo”.

Esta proposta interpretativa é corroborada quando os civis que sofrem de seus desgraçados resultados são aquilatados de forma distinta pela opinião pública internacional, como nos lembrara o historiador francês Jean-Christophe Rufin, segundo o qual “*pouco importa que sofram de ambos os lados. Só aqueles que estão do lado do bem merecem o estatuto de vítimas*”<sup>243</sup>.

A provocação de Rufin nos põe a pensar a vigência, sob novos caracteres, do recorrente ciclo “civilização & barbárie” que marca a história dos contatos entre o Ocidente e o resto do mundo e que, de forma etnocêntrica e eurocêntrica, arremessa sociedades médio-orientais à borda externa do conceito de civilização na forma do orientalismo. Diluídos os que sofrem e os que morrem nas guerras que sustentam o

<sup>242</sup> DEBRAY, Régis; “É a hora de assumir nosso DNA cultural”; in: FOTTORINO, Éric. Op. Cit. p. 23.

<sup>243</sup> RUFIN, Jean-Christophe; “O fim do bernard-henri-lévismo”; in: FOTTORINO, Éric. Op. Cit. pp. 78-79.

complexo industrial bélico-armamentista, alocado sobretudo nos EUA, em meras cifras e cujo sangue não costuma ganhar as páginas dos jornais e telas de noticiários no Ocidente, tampouco de causar comoção em redes sociais, as vítimas ocidentais do terrorismo é que costumam ser enlutadas pelos polidos civilizados (não que não devam ser, mas não são apenas elas as vítimas dessa guerra), em rituais fúnebres que se restringem a sucintas e vazias postagens em redes sociais e as já costumeiras mudanças em imagens de seus perfis, adotando cores de bandeiras e outros ícones de países ocidentais atingidos por atentados.

Tampouco se trata do resultado de ódios ancestrais entre grupos étnicos e religiosos distintos; as práticas de reconstituição da tessitura social e política havidas em torno do EI têm motivos recentes e, quando não, sua longevidade está ancorada no colonialismo engendrado pelo Ocidente e nas constantes intervenções que perpetrou naquelas realidades.

Nesses termos, é certo que a argumentação religiosa existe e é instrumentalizada não apenas pelas potências ocidentais, por meio de declarações e da imprensa servil aos interesses hegemônicos, a fim de tornar incognoscíveis seus conteúdos, escamoteando suas razões políticas e, principalmente, os interesses do imperialismo na região.

Para Napoleoni, *“é surreal o fato de que as potências ocidentais tenham acreditado que aquilo que está acontecendo no Oriente Médio é uma guerra religiosa motivada por uma rixa nascida na Arábia do século 7”*<sup>244</sup>. Já para nós, as potências ocidentais não creem - estamos dizendo de homens de Estado, escritórios governamentais e órgãos de inteligência -, efetivamente, naquilo que dizem crer.

A caracterização dos conflitos como “conflitos religiosos” serve também ao próprio EI cuja natureza não pode ser reduzida à de um mero grupo *jihadista* que faz a leitura de textos sagrados de maneira fundamentalista e, por assim dizer, assume o terrorismo como meio para a consecução do fim que se resume à derrota do “grande Satã” - o Ocidente e, especialmente, os EUA -, seguido do triunfo final do Islã. Ainda que se valha dessa retórica, a finalidade do EI é outra e esperamos tê-la aqui demonstrado, qual seja, a de provocar, por meio da *takfir* (a acusação de apostasia) contra xiitas, outra Grande *Fitna* (a guerra civil entre sunitas e xiitas) nos limites do proclamado califado, etapas necessárias para, a partir de argumentos religiosos, impor interesses políticos e econômicos no controle do EI sobre toda a região.

---

<sup>244</sup> NAPOLEONI, Loretta. Op. Cit. p. 116.



Trata-se da construção de um Estado que, para isso, prescinde de uma base territorial, de um povo e de uma administração, ao menos. Para isso é que sua argumentação recorre às narrativas religiosas do califado, o que lhes possibilita reivindicar o Levante como território, por direito, da *umma* que alegam representar e que, apesar de se estender por regiões predominantemente desérticas, detêm recursos naturais (energéticos e agrícolas) capazes de garantir receitas que, por sua vez, permitem a edificação de uma administração pública, ainda que rudimentar, dotada de exército, polícia, sistema judiciário, tributário e educacional.

Também é como podemos compreender o recurso à violência que vêm massacrando primordialmente comunidades xiitas (além de outras minorias étnicas e religiosas) e cujo intuito vem sendo o de conformar uma ampla base de apoio popular entre grupos sunitas - que, unificados em torno do salafismo, o EI pretende como povo -, por meio também de acordos costurados com suas lideranças e que vêm sendo garantidos por sua participação nos lucros do petróleo cuja extração, refinamento e comercialização o EI controla. Com isso, o extermínio das comunidades xiitas permitiria amalgamar uma nação mais homogênea, unificada na fé sunita, além de oferecer os bens expropriados dos mortos ou deslocados como recompensas à fidelidade de seus combatentes.

Supor o “choque de civilizações” ou um conflito de motivos religiosos significaria limitar nossa compreensão à fina casca da retórica manejada tanto pelo Ocidente quanto pelo EI, sem podermos nos aprofundar em seus motivos profundos e que revelariam uma face da liderança da organização salafista muito mais pragmática do que religiosa.

Quanto à caracterização do “inimigo comum”, com base no que vimos sobre a ascensão e a expansão do EI, projetando-se como “inimigo do mundo livre” no momento de crise da hegemonia norte-americana, podemos caracterizá-lo a partir de uma composição em que estão presentes os seguintes elementos: o contraste entre o fanatismo religioso de seus militantes e do oculto pragmatismo político de seus dirigentes; intensos fluxos de capitais; aspirações políticas manifestas como cosmovisões religiosas; e a ingerência externa do imperialismo. É sobre esses aspectos que procuramos nos debruçar.

Se a hegemonia mundial prescinde da aquiescência da comunidade de Estados, do que depende a capacidade de liderança-intelectual e moral daquele que almeja

manter-se em dada condição, um índice elementar dessa capacidade refere-se, como vimos, à “eficácia social do mito”. No ciclo hegemônico norte-americano esta criação é delegada à grande mídia previamente a incursões militares de grande vulto, quando deflagradas campanhas de desinformação que, durante meses, bombardeiam seu público receptor com propagandas que apresentam intervenções ocidentais como demandas pela defesa de valores democráticos, das liberdades e dos direitos humanos. Via de regra, trata-se da “civilização” movendo-se contra a “barbárie” das ditaduras a fim de libertar aqueles que padecem sob jugo da opressão. Tais campanhas publicitárias antecederam as guerras movidas contra o Afeganistão, o Iraque, a Líbia e a Síria, onde a população sangrou a consecução dos interesses do imperialismo.

Para que se produza tamanha eficácia, a criação e manutenção de inimigos comuns, como pretendemos ter demonstrado, é necessária. Validada esta sentença, é possível compreender por que razões a doutrina da “Guerra contra o Terrorismo” ou o combate ao “Eixo do Mal”, implementada após os ataques de 11 de setembro de 2001, ao invés de enfraquecer organizações terroristas as fortaleceu a tal ponto que, na forma do EI, almejam hoje a construção de um Estado. Nesses termos, dizer que o sistema de contraterrorismo implementado pelos EUA e pela OTAN fracassou é supor que, de fato, o inimigo tivesse sido criado para ser vencido.

É, por exemplo, como argumentou Napoleoni ao pasmar-se com o que chamou de *“fiasco da guerra empreendida por Bush e Blair no Iraque”*, prova de que *“intervenções militares não são a melhor solução para levar a paz ao Oriente Médio. Ao contrário, elas podem criar monstros como o Estado Islâmico”*<sup>245</sup>. Apesar do diagnóstico acertado quanto ao resultado das intervenções armadas ocidentais, a estrutura argumentativa que alicerça esta sentença revela problemáticos pressupostos: o de que o objetivo dessas interferências seja o de promover a paz no Oriente Médio e de que a criação do monstro tenha sido acidental.

É também o erro, em termos de avaliação, de Patrick Cockburn, para quem *“a guerra contra o terror, em nome da qual as liberdades civis foram golpeadas e centenas de bilhões de dólares gastos, fracassou miseravelmente”*.<sup>246</sup>

Invertida esta chave cognitiva, a guerra vem triunfando em seus objetivos tanto de dividir as nações médio-orientais, ao ponto da balcanização de regiões estratégicas

---

<sup>245</sup> Ibid. p. 53.

<sup>246</sup> COCKBURN, Patrick. Op. Cit. p. 77.

(como a Síria e o Iraque), permitindo com o caos ali criado a pilhagem de seus recursos naturais, a vasão da produção bélico-armamentista e, dada a brutalidade do “inimigo comum” e a viabilidade da “eficácia social do mito”, por fim, manter o poder hegemônico estável na condição reafirmada de liderança intelectual-moral.

Há, com isso, dois mitos que se retroalimentam: o da “disseminação da democracia ocidental” e que mascara projetos de exploração comercial, por parte de megacorporações ocidentais, dos recursos naturais no Oriente Médio; e a “reconstituição do califado”, argumento religioso para a construção de um Estado, por meio de guerras de conquista direta, para as quais o argumento religioso viabiliza o necessário esforço de mobilização para uma “guerra santa”, e de modernos recursos tecnológicos, voltados também para a obra de uma identidade comum a partir da difusão do salafismo.

Como buscamos demonstrar, os resultados disso, para o Oriente Médio, são as guerras imperialistas, os deslocamentos populacionais e a violência genocidária. Para o Ocidente, cujas elites políticas e classes sociais dominantes são favorecidas por guerras travadas “longe demais”, o “caos construtivo” retorna na forma da mais aguda crise de refugiados de toda a história recente e uma brutal escalada do terrorismo internacional.

Em ambas as realidades, intimamente articuladas pelas estratégias do imperialismo, a terra segue sendo lavrada pelo sangue daqueles que, comumente, estão à margem das estruturas de poder que definem a gestão do Estado e da guerra. Quem paga o valor em sangue pela saída da bancarrota capitalista com um novo ciclo de intervenções militares é o povo sírio e iraquiano, distantes do Ocidente e do conceito de civilização. Se levamos em consideração que a crise de 2008 se desenvolveu em uma curva de declive principiada já desde os anos 1970 quando, em 1973, a crise internacional do petróleo colocou em ainda maior centralidade, para as potências de capitalismo desenvolvido, o mundo médio-oriental, uma consecução de intervenções e guerras fomentadas na região vem provocando ainda mais destruição em realidades já destruídas pelo imperialismo, como que movendo pedras do lugar.

Mas nas paisagens devastadas pelas guerras não há apenas pedras; nos recorda John Pilger que muitas das bombas que destroem cidades e vilarejos, em países árabes, caem por sobre escombros onde o sangue das investidas anteriores ainda não secou e, nos casos da Síria e do Iraque, dados os caracteres do atual ciclo de acumulação, tardará a secar.

E não secará, sem que engendremos uma outra hegemonia e que, frente a uma hegemonia estabelecida - e em crise profunda - se constitua na luta contra hegemônica, batendo-se com todas as formas de racismo, dentre as quais a islamofobia, que caracteriza o renascimento da direita política racista, servil aos interesses dos bilionários oligopólios econômicos que manejam a economia mundial e que tem ascendido às mais altas estruturas de poder em diversas realidades.

Não secará se a contra hegemonia não se chocar com os alicerces estruturantes das relações econômicas no ambiente nuclear da corrida concorrencial capitalista, baseada numa próspera economia de guerra e de cujas contradições decorrem as brutais desigualdades sociais que põem contingentes humanos à margem das mais primevas condições materiais de existência.

Inverter as desigualdades sociais é parte das tarefas necessárias à demolição do modelo vigente de hegemonia mundial; significa pôr fim à infraestrutura econômica que permite a 1% da população mundial deter o rendimento dos 99% restantes, conferindo meios de existência concreta, emancipação social e verdadeiro protagonismo político às classes subalternas, avassaladora maioria da população mundial e de cuja expropriação vem se alimentando o imperialismo desde a consolidação do mundo industrial.

E, portanto, o sangue não secará enquanto não houver unidade popular na luta por uma outra hegemonia, que jamais poderá deixar de se constituir como uma luta contra hegemônica e anti-imperialista.

## Bibliografia

ABOU EL FADL, Khaled. *The Great Theft: Wrestling Islam from the Extremists*. São Francisco: Harper, 2005.

"Abu Bakr al-Baghdadi: The Isis chief with the ambition to overtake al-Qaida"; *The Guardian*; 6 dez. 2014 (disponível no sítio: <http://www.theguardian.com/world/2014/jun/12/baghdadi-abu-bakr-iraq-isis-mosul-jihad>).

AL-YAQOUBI, Muhammad. *Refuting ISIS: A Rebuttal Of Its Religious And Ideological Foundations*. Nova Iorque: Sacred Knowledge, 2015.

"An Appeal to the United States Congress from Genocide Scholars"; *International Association of Genocide Scholars*; Dez. 2015 (disponível no sítio: <https://anca.org/wp-content/uploads/2015/12/IAGS-An-Appeal-to-the-United-States-Congress-from-Genocide-Scholars.pdf>).

ARRIGHI, Giovanni. *O longo séc. XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.

ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial*. Rio de Janeiro: Contraponto, UFRJ, 2005.

"Ataques da coalizão no norte da Síria deixam civis mortos"; G1; 19 Set. 2016 (disponível no sítio: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/ataques-da-coalizao-no-norte-da-siria-deixam-civis-mortos.html>).

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1983.

“Bombardeio da coalizão liderada pelos EUA mata 20 civis na Síria”; *UOL Notícias*; 10 Nov. 2016 (disponível no sítio: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2016/11/10/bombardeio-da-coalizacao-liderada-pelos-eua-mata-20-civis-na-siria.htm>).

“Bombardeio deixa quase 60 civis mortos na Síria”; *ZH Mundo*; 19 Set. 2016 (disponível no link: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/mundo/noticia/2016/07/bombardeio-deixa-quase-60-civis-mortos-na-siria-6728221.html>).

BÖWERING, Gerhard (ed.). *The Princeton Encyclopedia of Islamic Political Thought*. Princeton: Princeton University Press, 2013.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Presença, 1972.

BROWN, Michelle; “Setting the Conditions for Abu Ghraib: The Prison Nation Abroad”; *American Quarterly*; n. 57 (3), Set. 2005.

CASTELLANOS, Roberto; “Estado Islâmico, a nova estratégia de Washington”; *Centre For Research on Globalization*; 10 Set. 2014 (disponível em: <http://www.globalresearch.ca/estado-islamico-a-nova-estrategia-de-washington/5402397>).

CHOSSUDOVSKY, Michel; “O Estado Islâmico, o ‘Projeto do Califado’ e a ‘Guerra Global ao Terrorismo’”; *Centre for Research on Globalization*, 4 jul. 2014 (disponível no sítio: <http://www.globalresearch.ca/o-estado-islamico-o-projeto-do-califado-e-a-guerra-global-ao-terrorismo/5389947>).

COCKBURN, Patrick; "War with Isis: Islamic militants have army of 200,000, claims senior Kurdish leader". *The Independent*, Londres, 16 nov. 2014 (disponível no sítio: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/war-with-isis-islamic-militants-have-army-of-200000-claims-kurdish-leader-9863418.html>).

\_\_\_\_\_. *A origem do Estado Islâmico: o fracasso da guerra ao terror e a ascensão jihadista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

COHN, Gabriel. *Sociologia da comunicação: Teoria e ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1973.

COMMINS, David. *The Wahhabi Mission and Saudi Arabia*. Nova Iorque: I.B.Tauris, 2009.

“Como o estado islâmico se tornou mais perigoso que a Al Qaeda”; *BBC Brasil*; 12 Ago. 2014 (disponível no sítio: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140812\\_iraque\\_estado\\_islamico\\_dg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140812_iraque_estado_islamico_dg)).

DE LUCE, Dan; “The spectre of Operation Ajax: Britain and the US crushed Iran's first democratic government”; *The Guardian*; 20 Ago. 2003 (disponível no sítio: <https://www.theguardian.com/politics/2003/aug/20/foreignpolicy.iran> ).

FADEL, Leila; "With Cash And Cachet, The Islamic State Expands Its Empire". NPR, 18 nov. 2014 (disponível no sítio: <http://www.npr.org/sections/parallels/2014/11/18/364942091/with-cash-and-cachet-the-islamic-state-expands-its-empire>).

FINER, Jonathan; KNICKMEYER, Ellen; "Insurgent Leader Al-Zarqawi Killed in Iraq"; *The Washington Post*; 8 jun. 2006 (disponível no sítio: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/06/08/AR2006060800114.html>).

FOTTORINO, Éric (org.). *Quem é o Estado Islâmico?* Compreendendo o novo terrorismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GODOY, Roberto; “El está equipado para sustentar até 2 anos de guerra”; *O Estado de São Paulo*, 10 de maio de 2015.

GRAMSCI, Antonio. *O "Risorgimento"*: Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *A era dos impérios - 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HUNTINGTON, Samuel P.; “O choque das civilizações”. *Política Externa*, vol. 2, n. 4, mar/abr/maio de 1994.

\_\_\_\_\_. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

INNOCENTINI, Mário. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. São Paulo: Tecnos, 1979.

“Iraq: UN officials voice concern about humanitarian situation, abuse of women, girls”; UN News Centre; 2 Jul. 2014 (disponível no link: <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=48187#.WHDvzfkrJPZ>).

“Iraq surveys show 'humanitarian emergency'”; *UNICEF*; 12 Ago. 1999 (disponível no sítio: <https://www.unicef.org/newsline/99pr29.htm>).

KUMAR, Revathi Siva; "UN Report on 15,000 Foreigners Joining ISIS Fighters in Syria And Iraq Will Shock You". *International Business Times*, 3 Nov. 2014 (disponível no sítio: <https://web.archive.org/web/20141110162633/http://au.ibtimes.com/articles/571503/20141103/isis-un-report-haaretz-caliphate-security-council.htm#.Vww-bKQrKUK>).

LISTER, Tim; “ISIS: The first terror group to build an Islamic state?”; *CNN*, 13 jun. 2014 (disponível no sítio: [http://edition.cnn.com/2014/06/12/world/meast/who-is-the-isis/index.html?hpt=imi\\_t4](http://edition.cnn.com/2014/06/12/world/meast/who-is-the-isis/index.html?hpt=imi_t4)).

LOLLO, Achille; “O segundo genocídio do povo curdo – Entrevista com Alessandro Perri”; *Brasil de Fato*; 21 Out. 2014 (disponível no sítio: <https://www.brasildefato.com.br/node/30187/>).

LOPES, Azeredo; “Por que devemos dizer ‘Daesh’ ao invés de Estado Islâmico?”. *TSF*, 17 nov. 2016 (disponível no sítio: <https://www.tsf.pt/internacional/interior/por-que-devemos-dizer-daesh-em-vez-de-estado-islamico-4890071.html>)

LUIZARD, Jean-Pierre. *Le piège Daech*. Paris: La Découverte, 2015.

*Mapping the Global Future: Report of the National Intelligence Council’s 2020 Project*. National Intelligence Council. Pittsburgh: Government Printing Office, 2004.

MANDEL, Ernest. *O significado da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOLAVI, Afshin. *The Soul of Iran: a Nation's Journey to Freedom*. Londres: W. W. Norton & Company, 2005.

MORAN, Michael; “Bin Laden Comes Home To Roost”; *Global Issues*; 24 Ago. 1998 (disponível no sítio: <http://www.globalissues.org/article/474/bin-laden-comes-home-to-roost> ).

NAPOLEONI, Loretta. *A fênix islamista: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

NAZEMROAYA, Mahdi Darius; “The Syrian Intelligence War: a tale of two security headquarters”; *Centre for Research on Globalization*; 31 Jul. 2012 (disponível em: <http://www.globalresearch.ca/the-syrian-intelligence-war-a-tale-of-two-security-headquarters/32134>).



\_\_\_\_\_ ; “America pursuing regime change in Iraq again”; *Centre for Research on Globalization*; 20 Jun. 2014 (disponível em: <https://www.rt.com/op-edge/167344-us-regime-change-iraq-again/>).

\_\_\_\_\_ ; “The March to War: Fighting ISIL is a Smokescreen for US Mobilization against Syria, Iran”; *Centre for Research on Globalization*; 26 Set. 2014 (disponível em: <http://www.globalresearch.ca/the-march-to-war-fighting-isil-is-a-smokescreen-for-us-mobilization-against-syria-iran/5404375>).

NOSSITER, Adam; BREEDEN, Aurelien; CLARK, Nicola; “Three Teams of Coordinated Attackers Carried Out Assault on Paris, Officials Say; Hollande Blames ISIS”; *The New York Times*, 14 de nov. 2015 (disponível no link: [https://www.nytimes.com/2015/11/15/world/europe/paris-terrorist-attacks.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2015/11/15/world/europe/paris-terrorist-attacks.html?_r=0)).

“Número de mortos em guerra civil na Síria chega a 470 mil”; *GI*; 11 Fev. 2016 (disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/numero-de-mortos-em-guerra-civil-na-siria-chega-a-470-mil-diz-jornal-20160211100505516954.html>).

PACKER, George; “The common enemy”; *The New Yorker*; 25 Ago. 2014 (disponível em: <http://www.newyorker.com/magazine/2014/08/25/the-common-enemy>).

“Paris shootings: Casualties in city centre and explosion at the Stade de France”; *BBC News*, 14 nov. 2015 (disponível no link: <http://www.bbc.com/news/world-europe-34814203>).

PHIPPS, Claire; RAWLINSON, Kevin; “All attackers dead, police say, after shootings and explosions kill at least 150 in Paris – live updates”; *The Guardian*, 13 nov. 2015 (disponível no link: <https://www.theguardian.com/world/live/2015/nov/13/shootings-reported-in-eastern-paris-live>).

PILGER, John; “From Pol Pot to ISIS: ‘anything that flies on anything that moves’”; *johnpilger.com*; 8 Out. 2014 (disponível em: <http://johnpilger.com/articles/from-pol-pot-to-isis-anything-that-flies-on-everything-that-moves>).

ROSENBERG, Matthew; “Citing atrocities, John Kerry call ISIS actions genocide”; *The New York Times*, 17 Mar. 2016.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARHAN, Arme; “CIA: 30,000 foreign fighters have traveled to Syria and Iraq to join ISIS”. *Iraq News*. 29 Set. 2015.

SAUNDERS, Frances Stonor. *Quem pagou a conta? A CIA na Guerra Fria da cultura*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2008.

SLAUGHTER, Graham; “Paris on edge: Recent terror attacks in France”; *CTV News*, 13 nov. 2015 (disponível no link: <http://www.ctvnews.ca/world/paris-on-edge-recent-terror-attacks-in-france-1.2657928>).

TABLER, Andrew J.; “ISIL could become the voice of sunnis if we don't find a way to stop it soon”; *New Republic*, 11 Ago. 2014 (disponível no sítio: <https://newrepublic.com/article/119049/isil-could-become-voice-iraqs-sunnis-if-we-dont-stop-it-soon>).

“They are savages, say Christians forced to flee Mosul by Isis”; *The Guardian*; 24 Jul. 2014 (disponível no sítio: <https://www.theguardian.com/world/2014/jul/24/iraqi-christians-mosul-isis-convert-islam-or-be-executed>).

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

“UNICEF : Questions and Answers for the Iraq child mortality surveys”; UNICEF, 16 Ago. 1999 (disponível em: <http://www.casi.org.uk/info/unicef/990816qa.html>).

WIKTOROWICZ, Quintan; "Anatomy of the Salafi Movement"; *Studies in Conflict & Terrorism*, Vol. 29, 2006.

ZAGNI, Rodrigo Medina. *Identidades em guerra: imperialismo e cultura nas relações entre Estados Unidos e América Latina durante a Segunda Guerra Mundial (os casos de Brasil, Argentina e México)*. Curitiba: CRV, 2015.

ZAVADSKI, Katie; "ISIS Now Has a Network of Military Affiliates in 11 Countries Around the World". *New York*; 23 Nov. 2014 (disponível no sítio: <http://nymag.com/daily/intelligencer/2014/11/isis-now-has-military-allies-in-11-countries.html#>).

# RODRIGO MEDINA ZAGNI

## Sangue que não seca

Trata-se de um estudo sobre o processo de ascensão do Estado Islâmico e do reavivamento da doutrina da Guerra Global contra o Terrorismo, levada a cabo pelos Estados Unidos e pela Organização do Tratado do Atlântico Norte, articulados à estratégia do “caos construtivo”, frente à crise de hegemonia norte-americana e do papel que, no espectro internacional, desempenha sua economia de guerra.

conflitos armados  
massacres e genocídios



NA ERA CONTEMPORÂNEA  
GRUPO DE PESQUISA